

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
UNIOESTE/CAMPUS DE TOLEDO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - MESTRADO**

CARMEM APARECIDA MANICA

**A MIGRAÇÃO HAITIANA E A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO NA
CIDADE DE CASCAVEL/PR**

TOLEDO/PR

2018

CARMEM APARECIDA MANICA

**A MIGRAÇÃO HAITIANA E A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO NA
CIDADE DE CASCAVEL/PR**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais - Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, campus de Toledo, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Linha de Pesquisa: Cultura, Fronteiras e Identidades.

Orientador: Prof. Dr. Eric Gustavo Cardin

TOLEDO/PR

2018

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Manica, Carmem Aparecida

A Migração haitiana e a inserção no mercado de trabalho na cidade de Cascavel/PR / Carmem Aparecida Manica; orientador(a), Eric Gustavo Cardin, 2018.

136 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Toledo, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2018.

1. Migração haitiana. I. Cardin, Eric Gustavo. II. Título.

CARMEM APARECIDA MANICA

**A MIGRAÇÃO HAITIANA E A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO NA
CIDADE DE CASCAVEL/PR**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Mestrado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, campus de Toledo, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eric Gustavo Cardin (Orientador)

Prof. Dr. Silvio Antônio Colognese

Prof. Dr. Júlio da Silveira Moreira

Toledo, 17 de Setembro de 2018

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Eric Gustavo Cardin, pela orientação durante todo o percurso do mestrado.

Ao Prof. Dr. Erneldo Schallenberger, que participou da banca de qualificação.

Ao Prof. Dr. Silvio Antônio Colognese, que participou tanto da banca de qualificação quanto da banca de final e também ao Prof. Dr. Júlio da Silveira Moreira, que participou da banca final.

A assistente do Mestrado Marilucy, pelos esclarecimentos prestados.

Ao meu companheiro de vida João Paulo e a minha família pelo apoio e incentivo.

Aos colegas do programa pela construção coletiva desse percurso.

A todos os migrantes haitianos pelas entrevistas concedidas e também a Cáritas Arquidiocesana de Cascavel/PR.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“A civilização de um povo se mede pelo acolhimento dado aos estrangeiros” (Pontes de Miranda), pois “são homens e mulheres que devem ser respeitados em virtude de sua dignidade enquanto pessoas, muito além do regime vigente ou do lugar onde residem. Seus direitos não derivam do fato de pertencerem a um Estado ou Nação, mas de sua condição de pessoa cuja dignidade não pode sofrer variações ao mudar de um País para outro” (BICUDO, 2001).

MANICA, CARMEM APARECIDA. **A migração haitiana e a inserção no mercado de trabalho na cidade de Cascavel/PR.** 136f. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo-PR, 2018.

RESUMO

As catástrofes naturais e os problemas políticos econômicos têm servido de estímulo para migração de uma expressiva parcela da população haitiana para outros países. O fluxo migratório para o Brasil se acentuou após a catástrofe natural de 12 de Janeiro de 2010, data em que o Haiti foi abalado por um terremoto de 7,0 graus na escala Richter. Segundo dados do Ministério do Trabalho e Educação do Brasil, cerca de 30.000 haitianos ingressaram no país, sendo que cidades como Manaus/AM, Tabatinga/AM, São Paulo/SP, Curitiba/PR e Cascavel/PR, foram alguns dos destinos escolhidos pelos migrantes, somente neste último município vivem aproximadamente 3 mil haitianos. O objetivo central da pesquisa é discutir o fenômeno da migração haitiana para o Brasil, especificamente na cidade de Cascavel/Paraná a partir do ano de 2010, analisando a inserção destes migrantes no mercado de trabalho local, bem como compreender a percepção destes migrantes sobre suas condições de inserção. Para atingir estes objetivos utilizamos como métodos a revisão bibliográfica e a pesquisa exploratória. A coleta de informações foi realizada por meio de pesquisa de campo qualitativa, com o uso da observação participante e da história oral.

PALAVRAS-CHAVE: Migração Haitiana, Cascavel, Inserção Social, Mercado de Trabalho.

MANICA, CARMEM APARECIDA. **The Haitian migration and the insertion in the labor market in the city of Cascavel/PR.** 136f. 2018. Dissertation (Master's degree in Social Sciences) - Western Paraná State University, Toledo-PR, 2018.

ABSTRACT

Natural catastrophes and economical and political problems have been working as catalysts for migration of an extensive amount of the Haitian population to other countries. The migratory route to Brazil has increased after the natural disaster of January 10th 2010, when Haiti was struck by a level 7 earthquake in the Richter scale. According to data from the Brazilian Ministry of Labour and Employment, around 30,000 Haitians have immigrated to the country. Cities such as Manaus/AM, Tabatinga/AM, São Paulo/SP, Curitiba (PR), and Cascavel/PR are some of the destinies chosen by these migrants, accounting that 3,000 Haitians currently live in the latter. The main objective of the present research is to investigate the Haitian migratory activity to Brazil, specifically in the city of Cascavel, state of Paraná, from the year 2010, analyzing their integration in the local workforce, as well as to understand the migrants' perspective on the conditions of such integration. In order to achieve these goals, the methods of bibliographical review and exploratory research were employed. Data collection was achieved through qualitative field research, using participant observation and oral telling.

KEYWORDS: Haitian Migration, Cascavel, Social Integration, Workforce.

MANICA, CARMEM APARECIDA. **La migration haïtienne et l'insertion sur le marché du travail dans la ville de Cascavel/PR.** 136f. 2018. Mémoire (Maîtrise en sciences sociales) - Université d'État du Paraná occidental, Toledo-PR, 2018.

RÉSUMÉ

Les catastrophes naturelles et les problèmes politiques économiques sont servis pour stimuler la migration d' une partie expressive de la population haïtienne vers d'autres pays. Le flux migratoire vers le Brésil s'est accentué après la catastrophe naturelle du 12 janvier 2010, date à laquelle Haïti a été secoué par un tremblement de terre de 7,0 degrés sur l'échelle de Richter. Selon les données du Ministère du Travail et Éducation du Brésil, environ 30.000 haïtiens sont entrés dans le pays, étant que villes comme Manaus/AM, Tabatinga/AM, São Paulo/SP, Curitiba/PR et Cascavel/PR, ont été quelques-unes des destinations choisies par les migrants, et que seulement dans cette dernière commune vivent environ 3.000 haïtiens. L'objectif central de la recherche est discuter le phénomène de la migration haïtienne vers le Brésil, en particulier dans la ville de Cascavel/Paraná à partir de l' année 2010, analysant l'insertion de ces migrants dans le marché du travail local, ainsi que comprendre la perception de ces migrants sur leurs conditions d'insertion. Pour atteindre ces objectifs nous utilisons comme méthodes la révision bibliographique et la recherche exploratoire. La collection d'informations a été réalisée grâce à la recherche qualitative sur le terrain, avec l'utilisation de l'observation participante et de l'histoire orale.

MOTS-CLÉS: Migration Haïtienne, Cascavel, Insertion Sociale, Marché du Travail.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Haitianos no mundo	31
Figura 02 - Rotas e trajetos dos migrantes haitianos para o Brasil	47
Figura 03 - Convite do Fórum dos haitianos	56
Figura 04 - Lasanha de banana	56
Figura 05 – Artesanato	57
Figura 06 - Economia Solidária	58
Figura 07 - Show des Arts	59
Figura 08 - Bairros da cidade de Cascavel/PR	63
Figura 09 – Cartilha	72
Figura 10 – Aulas de Língua Portuguesa	72
Figura 11 – Pichações	75
Figura 12 – Missas em créole	83
Figura 13 - Localização do município de Cascavel/PR	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Saldo do emprego formal de Cascavel/PR	98
Tabela 02 - Haitianos no mercado formal na cidade de Cascavel/PR	100

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Número de haitianos registrados como permanentes no Brasil de 2010 a 2014	34
Gráfico 02 - Proporção de migrantes haitianos por cidade de residência no Brasil em novembro de 2014	35
Gráfico 03 - Proporção de casos de xenofobia no Brasil em 2015	77
Gráfico 04 - Proporção de migrantes haitianos por cidade de residência no Brasil em 2015	88
Gráfico 05 - Número de haitianos com vínculo formal de trabalho no Brasil nos anos de 2011 a 2016	89
Gráfico 06 - Número de haitianos com vínculo formal de trabalho no Brasil segundo unidades federativas	90
Gráfico 07 - Número de admissões e demissões de haitianos no Brasil segundo unidades federativas no ano de 2016	91
Gráfico 08 - Principais atividades econômicas que mais admitiram haitianos no Brasil de 2014 a 2016	94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

AM – Amazonas

CAGED - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

CELEM – Centro de Línguas Estrangeiras Modernas

CGIg - Coordenação Geral de Imigração

CGN - Central Gazeta de Notícias

CLT - Consolidação das Leis Trabalhistas

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNIg - Conselho Nacional de Imigração

CONARE - Comitê Nacional para Refugiados

COOPAVEL - Cooperativa Agroindustrial de Cascavel

CTPS - Carteira de Trabalho e Previdência Social

DICRE - Divisão de Cadastro e Registro de Estrangeiros

DPF - Departamento de Polícia Federal

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

FGV - Fundação Getúlio Vargas

LER - Lesão por Esforço Repetitivo

MINUSTAH – Missão da Nações Unidas para a Estabilização do Haiti

MG – Minas Gerais

MTE - Ministério do Trabalho e Emprego

OBMIGRA - Observatório das Migrações Internacionais

OEA - Organização dos Estados Americanos

OIT - Organização Internacional do Trabalho

PHTK - Partido Haitiano Tèt Kale

PIB - Produto Interno Bruto

PF - Polícia Federal

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PR – Paraná

PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

RAIS - Relação Anual de Informações Sociais

RNE – Registro Nacional de Estrangeiro

SINCRE – Sistema Nacional de Cadastro de Estrangeiro

TPS - Status de Proteção Temporária

UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana

UNCTAD - Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

UJS - União da Juventude Socialista

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

USGS – United States Geological Survey

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 - MIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL	23
1.1 As Migrações haitianas e suas motivações	29
1.2 Estratégias de Migração	39
2 - INSERÇÃO SOCIAL DOS MIGRANTES HAITIANOS	50
3.1 Educação e a Língua	64
3.2 Preconceito e Religião	75
3 - INSERÇÃO LABORAL DOS MIGRANTES HAITIANOS	87
3.1 Características da inserção laboral dos migrantes haitianos na cidade de Cascavel/PR	97
3.2 O desemprego e as novas migrações	108
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
5 - REFERÊNCIAS	120
6 - ANEXOS	132
Anexo 01: Roteiro de entrevista semiestruturada	132
Anexo 02: Resolução Normativa 97 – CNIg	133
Anexo 03: Resolução Normativa 102 – CNIg	134
Anexo 04: Resolução Normativa 103 – CNIg	135
Anexo 05: Formulário para passaporte	136

INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é a migração haitiana inserção no mercado de trabalho na cidade de Cascavel/PR. A migração é um fenômeno que faz repensar nossas concepções sobre o sedentarismo e a mobilidade. Neste sentido, Eric Gustavo Cardin (2012, p. 48) esclarece que o fenômeno da migração diz respeito ao “movimento de pessoas, grupos, comunidades ou povos de um lugar para o outro. De maneira geral, “migrar é mudar, de um país para outro ou até mesmo entre as regiões de uma mesma nação”. De acordo com o autor, a única certeza que se tem é que o homem migra desde a sua origem e continua migrando nos dias atuais. Os trajetos, os destinos e as razões são diversas e/ou distintas, motivados por razões de sobrevivência, climáticas, políticas, econômicas, religiosas e até mesmo por simples curiosidade.

Para Abdelmalek Sayad (2000), o fenômeno da migração está relacionado a simultaneamente a percepções de presença e ausência, pois ela se caracteriza como um deslocamento físico onde se observa o fato de estar presente em um espaço e estar ausente em outro. Configura-se, dessa forma como um fato social total, em que imigração e emigração fazem parte de um mesmo processo social, envolvendo transformações na esfera social, econômica e cultural, tanto para o local de partida quanto para o de chegada. Nesse sentido Abdelmalek Sayad (2000, p. 14) esclarece: “não se habita impunemente um outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença”.

O Haiti foi a primeira colônia europeia a conquistar a independência na América Latina e teve sua história marcada por catástrofes naturais e problemas políticos, que em grande medida, vem servindo de estímulo para migração de uma expressiva parcela da população haitiana para outros países, entre eles o Brasil. Assim, torna-se relevante a compreensão de tal fenômeno.

Em 12 de janeiro de 2010, o Haiti foi abalado por um terremoto de magnitude 7 na escala Richter. Os haitianos começaram a chegar de maneira mais intensa no Brasil a partir desse período, principalmente nas cidades fronteiriças de Tabatinga/AM e Brasiléia/AC. Desde então, segundo dados do Ministério do Trabalho e Educação do Brasil, cerca de 30.000 haitianos ingressaram no país até setembro de 2014, sendo que cidades como Manaus/AM, Tabatinga/AM,

Curitiba/PR, São Paulo/SP e Cascavel/PR, são alguns dos destinos mais escolhidos pelos migrantes. Do início de 2010 a março de 2012, constatou-se um fluxo de aproximadamente 4 mil migrantes haitianos na região Norte (Acre e Amazonas). A cidade de Tabatinga/AM, recebeu 3 mil desses migrantes, número semelhante a população que chegou no município de Cascavel/PR no mesmo período. Uma pesquisa realizada por um grupo de estudos sobre o Haiti, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana/UNILA em 2014, evidenciou que na cidade de Cascavel/PR, mais de 500 haitianos foram contratados nos últimos três anos, principalmente por dois frigoríficos locais: a Coopavel e a Globoaves.

Diante disso, a entrada de haitianos no Brasil se tornou elemento importante nas discussões sobre migração no país. O terremoto no Haiti e a situação econômica do Brasil, que ocupava a posição de sexta maior economia mundial no ano de 2011, tornaram-se desde o início, os argumentos explicativos para a migração haitiana para o país. Neste contexto, *o objetivo geral deste estudo é verificar se os migrantes haitianos estão inseridos no mercado de trabalho na cidade de Cascavel/PR e se estão, determinar as características desta inserção. Com a intenção de encontrarmos explicações satisfatórias para entender esse fluxo migratório, esta pesquisa objetiva também: verificar os motivos da migração, bem como suas estratégias e a percepção do migrante haitiano sobre a migração, a sua inserção na cidade de Cascavel/PR e as problemáticas enfrentadas pelos migrantes neste processo.*

O tema proposto e o caminho percorrido para elucidá-lo, decorreram de algumas escolhas teórico-metodológicas. Para atingirmos os objetivos da pesquisa utilizamos quatro estratégias principais. No primeiro momento, a partir de uma revisão bibliográfica, analisamos dois aspectos, o passado e o presente, por meio de uma leitura histórica com o intuito de entender como o percurso histórico do Haiti, influenciou e influencia as migrações haitianas e como o Brasil se encaixa nessa dinâmica migratória. Sobre esta perspectiva se debruçaram pesquisadores e obras de diferentes áreas como Direito, História e Ciências Sociais. Dentre estes trabalhos destacamos os de: Cristiane Feldmann Dutra (2016), Geraldo Castro Cotinguiba (2014), Cyril Lionel Robert James (2010) e Marcelo Grondin (1985).

Analisamos também dados disponíveis em sítios de órgãos ligados a migração e trabalho, como por exemplo, o IBGE, CAGED, CNIg e CONARE. As pesquisas realizadas sobre esta temática tiveram como objetivo a análise de dados

quantitativos para a visualização dos fluxos migratórios haitianos para as cidades brasileiras e a inserção dos migrantes no mercado de trabalho, com o intuito de método comparativo com a cidade de Cascavel/PR. Utilizamos também como recurso metodológico para a pesquisa de campo, a observação participante, com o objetivo de entender o universo dos migrantes residentes em Cascavel/PR, essas observações se deram principalmente nas reuniões e palestras do “Fórum dos Haitianos”, organizadas pela entidade Cáritas Arquidiocesana de Cascavel/PR

Por fim, produzimos fontes orais por meio de entrevistas qualitativas para entender a percepção do migrante sobre a migração e suas condições de inserção. Referente a essa última estratégia vale ressaltar que a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista.

Trabalhar com história oral não é uma tarefa fácil, ela requer algumas reflexões referentes ao seu uso. Há uma longa tradição dentro das ciências humanas discutindo o lugar da história oral na realização de pesquisas, principalmente daquelas que convergem com as análises de caráter qualitativo. Ao longo das últimas décadas foram debatidos aspectos epistemológicos e também a validade dos resultados obtidos (AMADO; FERREIRA, 2006). Em linhas gerais, pensar e usar a história oral, como metodologia qualitativa de pesquisa, traz várias indagações teóricas e práticas.

Neste sentido, destacamos algumas análises teóricas e metodológicas que subsidiarão as entrevistas que serão realizadas com os migrantes haitianos que residem em Cascavel/Paraná. Neste momento, o objetivo é explicitar os cuidados que tivemos durante o processo de produção da fonte oral e também nos posicionar diante do debate existente sobre a matéria. Para tanto, exploramos algumas questões que surgiram durante as leituras realizadas sobre o assunto e também durante a realização das primeiras entrevistas, como, por exemplo: como trabalhar com tais dados coletados? Como elaborar uma entrevista? Como lidar com a memória e a subjetividade? Como preconizar o bem-estar do entrevistado diante de suas reminiscências, respeitando os seus silêncios? Como realizar as transcrições das gravações?

Para começar a refletir sobre o tema se faz necessário definir o que estamos entendendo como história oral. Verena Alberti (2005) a define como uma

metodologia de pesquisa e de constituição de fonte de estudo, que consiste na realização de entrevistas com sujeitos que participaram ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Não muito distante, Alessandro Portelli (1997) afirma que a história oral é, ao mesmo tempo, ciência e arte. Embora os sujeitos sejam moldados por padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, o uso das fontes orais tem como objetivo aprofundar o entendimento sobre as trajetórias e construções sociais por meio de experiências e memórias.

Assim, partimos do pressuposto que a história oral é uma metodologia de pesquisa que lida diretamente com sujeitos sociais, com suas memórias, sentimentos e informações. Desta forma, o pesquisador ao trabalhar com essa metodologia deve considerar que está adentrando em um campo privado e íntimo do indivíduo. Como Verena Alberti (2005) preconiza, a história oral é interdisciplinar, respondendo a determinadas questões, assim não é a solução para todos os problemas, já que ela pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação que se faz essencial a um grupo.

Como a história oral utiliza de recursos como a entrevista e a memória, o sujeito relembra seu passado seguindo um cronograma baseado nos objetivos e intenções de pesquisa do pesquisador, mas nessa ação existem dois autores. Conforme Verena Alberti (2005) a entrevista deve ser compreendida como um documento biográfico, em que o entrevistado e os leitores partilham a crença na vida como trajetória progressiva, cabendo ao pesquisador estar atento ao fato de significados atribuídos a ações e escolhas do passado serem determinados por uma visão retrospectiva, que confere sentido às experiências no momento em que são narrados.

Neste contexto, ao trabalharmos com fontes orais precisamos ter definido o fato delas não serem objetivas, pois o seu conteúdo depende largamente do que os entrevistadores põem em termos de questões pessoais. Além disso, não se pode esquecer que a fonte oral é um produto do presente, com o olhar do presente, sobre eventos passados. Um testemunho oral nunca é igual. Informantes são historiadores e o historiador é algumas vezes uma parte da fonte. Como nos lembra Alessandro Portelli (1997), a história oral não tem um sujeito unificado, pois a história é contada de uma multiplicidade de pontos de vista.

Se a produção de uma fonte oral envolve uma relação inalienável entre objetividade/subjetividade e a utilização de tal recurso visa permitir a exploração de significados atribuídos a processos históricos, a elaboração da ferramenta de pesquisa torna-se determinante. A utilização da fonte oral não é quantificar os resultados obtidos, mas garantir a visualização das sutilezas que marcam as trajetórias pessoais e os acontecimentos estudados. Deste modo, os “roteiros de entrevista” não devem corresponder a questionários, mas a uma orientação aberta. A história oral traz à tona narrativas onde o conteúdo depende da circunstância da entrevista e de como percebe o interlocutor. Segundo Verena Alberti (2005), o trabalho de produção de fontes orais pode ser dividido em três momentos: preparação das entrevistas, realização e tratamento.

No primeiro momento, ou seja, ainda durante a preparação das entrevistas, foi observado o projeto de pesquisa e a elaboração do “roteiro das entrevistas”, momento em que discutimos e definimos o perfil do entrevistado, quantas entrevistas seriam realizadas e qual o tipo de entrevista seria feita. Para tanto, antes de iniciarmos os trabalhos, listamos possíveis interlocutores e preconizamos também como critério o ponto de saturação.

Outro aspecto relevante para a pesquisa com história oral é a “utopia da objetividade”. Segundo Alessandro Portelli (1996), recordar e contar já são interpretações. A impossibilidade de passar do individual ao social tornaria as fontes orais inutilizáveis para fins científicos na medida em que consistiria na negação de seu próprio argumento, ou seja, que as narrativas correspondem a algo pessoal. Segundo ele, a subjetividade existe e a tarefa do pesquisador não é exorcizá-la, mas distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Já os textos, tanto os relatos orais como os diálogos de uma entrevista são expressões altamente objetivas e pessoais, como manifestações de estruturas do discurso socialmente definidas e aceitas.

A memória de fato é um processo de organização do passado, realizado pelo sujeito de acordo com as características que o mesmo entende serem possíveis ou almejadas para si. Segundo Alistair Thomson (1997), as reminiscências variam conforme alterações sofridas pela identidade pessoal, o que conduz a um sentido mais psicológico de memória, ou, em outras palavras, a necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver.

Não basta ter um roteiro pronto e esse se tornar inflexível, durante a entrevista o pesquisador deve estar atento as repostas de seus questionamentos, sobre uma constante contradição polida. Neste contexto, em vez de utilizarmos perguntas pré-determinadas, damos preferência à existência de palavras-chaves ou temas, que deverão mediar as conversas estabelecidas. Alessandro Portelli (1997) enfatiza que em uma entrevista podemos dar margem a comentários mais longos, a explicações e análises de que em outras circunstâncias não tomaríamos conhecimento, pois a história oral trata de subjetividade, memória, discurso e diálogo.

Muitas vezes o pesquisador invade a privacidade de seu entrevistado com questões que o obrigam a relembrar de momentos dolorosos e talvez não superados, assim é essencial que o pesquisador tenha a sensibilidade de criar um ambiente confortável para “o desenrolar” da conversa. Sobre esse aspecto Alistair Thomson (1997) problematiza o fato de que a natureza da aceitação que pode ocorrer durante uma entrevista tem um efeito importante sobre o tipo de reminiscências trazidas à tona e que o bem-estar do entrevistado vem sempre antes do interesse da pesquisa, pois uma entrevista que toca em lembranças reprimidas pode ser gratificante para o entrevistador e prejudicial para o entrevistado.

Ressaltado a importância do encaminhamento dado pelo pesquisador na entrevista, está o fato de que é o entrevistado quem escolhe o que deve ou não ser falado. Desta forma, o pesquisador necessita ter a sensibilidade de ora respeitar o silêncio de seu entrevistado, ora se colocar em seu lugar ou se tornar apenas um ouvinte. Michael Pollak (1989) enfatiza que o silêncio tem razões bastante complexas, para poder relatar seus sofrimentos uma pessoa precisa, antes de tudo, encontrar uma escuta, pois existem nas lembranças de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, lugares do "não-dito". As fronteiras desses silêncios com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos.

O terceiro momento, diz respeito aos cuidados necessários com a transcrição das gravações, devido ao fato de que a história oral estar carregada de intersubjetividade e do difícil exercício de converter o uma narrativa oral em uma

fonte escrita. A esse respeito Alessandro Portelli (1997) afirma que a mais literal tradução é dificilmente a melhor e uma tradução verdadeiramente fiel sempre implica certa quantidade de invenção, pois segundo ele, até mesmo erros, invenções e mentiras constituem, a sua maneira, áreas onde se encontra a verdade. Cabe ao pesquisador respeitar o seu entrevistado na hora da transcrição e fazer isso de maneira legível e compreensível, pois todo ato de transcrição é uma intervenção.

E por fim, depois de realizados os três processos, que consistiram na preparação das entrevistas, a sua realização e o tratamento destas, o último momento consistiu na análise das mesmas, onde tivemos o cuidado de analisar qualitativamente os relatos dos entrevistados, afim de perceber a ocorrência quantitativa em pontos específicos nas falas dos interlocutores.

Diante das reflexões abordadas, é notável a importância da história oral como metodologia de pesquisa. As fontes produzidas permitem o conhecimento e a compreensão de acontecimentos, valores, estruturas, comportamentos e modos de vida por meio de informações repassadas com a oralidade e com o diálogo. Para Alistair Thomson (2002), o testemunho oral e outras formas de histórias de vida oferecem vislumbres do interior vivido nos processos de migração, demonstrando a complexidade do real processo de migração.

Por mais que o trabalho com a história oral contenha em certos momentos silêncios, um diálogo carregado e denso por causa das resiliências ou não de seus autores, as fontes orais produzidas como documentos históricos, podem auxiliar nas análises que visam à compreensão de processos sociais. Conforme afirma Alistair Thomson (2002), as formas pelas quais as histórias de vida são narradas, ou seja, as ênfases e os silêncios podem ser altamente reveladores da natureza e do significado da experiência dos migrantes.

A presente dissertação estará organizada em três capítulos. No primeiro capítulo denominado **“A migração haitiana para o Brasil”**, problematizaremos a formação política e social do Haiti com o objetivo de demonstrar a existência de uma instabilidade secular que interfere diretamente nos fluxos migratórios do país, principalmente no que se refere a emissão de migrantes. No item 1.1, **“As migrações haitianas e suas motivações”**, discutiremos as motivações para as migrações ao longo da história haitiana, principalmente para o Brasil, e por meio das entrevistas qualitativas, buscamos entender as motivações da migração para a cidade de Cascavel/PR, foco desta pesquisa. No item 1.2, **“Estratégias de**

Migração”, com o objetivo de entender as estratégias utilizadas pelos haitianos no fluxo migratório discutiremos brevemente o processo jurídico em relação a concessão do visto humanitário, analisaremos o papel das redes sociais, bem como os trajetos utilizados no processo migratório para o Brasil e para a cidade de Cascavel/ PR. No segundo capítulo denominado **“Inserção social dos migrantes haitianos”**, discutiremos questões relacionadas ao acolhimento dos migrantes haitianos no país e as formas de organizações estabelecidas por eles nas regiões de destino. No item 2.1, **Educação e língua**, analisaremos as problemáticas envolvendo o aprendizado da língua e o acesso à educação. No item 2.2, **Preconceito e religião**, abordaremos questões relacionadas ao preconceito, enfrentadas pelos migrantes haitianos, bem como questões ligadas a religiosidade. Por fim, no terceiro e último capítulo denominado **“Inserção laboral dos migrantes haitianos”**, traçaremos um panorama geral com base em dados quantitativos sobre a inserção no mercado de trabalho dos haitianos no Brasil, bem como discutiremos as problemáticas enfrentadas neste processo. No item 3.1, **Características da inserção laboral dos migrantes haitianos na cidade de Cascavel/PR**, analisaremos as principais atividades laborais ocupadas pelos migrantes haitianos na cidade e as suas características. No item 3.2, **O desemprego e as novas migrações**, discutiremos a relação do desemprego enfrentado pelos migrantes haitianos e a saídas destes do Brasil rumo a novos fluxos migratórios.

A MIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL

Ao estudarmos a migração haitiana é necessário percorrer um caminho composto por alguns fatos históricos que interfeririam e ainda interferem, na construção do Haiti. Uma nação que possui uma experiência única de formação de um estado de liberdade política e igualdade social nas Américas, sendo a primeira colônia europeia a conquistar a independência na América Latina, mas que devido a um conjunto de fatores políticos, econômicos e ambientais se tornou o país mais pobre da América Latina e Caribe.

A República do Haiti corresponde a um país do Caribe que ocupa uma pequena porção ocidental da ilha de Hispaniola no arquipélago das Grandes Antilhas. Contando com uma superfície de 27.500 km² Hispaniola significa pequena Espanha, batizada assim por Cristóvão Colombo, em 1492, estando situada entre o mar do Caribe e o Oceano Atlântico. A placa caribenha torna a região do Haiti instável e predisposta a terremotos (DUTRA, 2016). Antes de 1529 a ilha, possuía uma população nativa entre 300 a 500 mil habitantes, que foi dizimada devido a sua utilização como força de trabalho escrava na exploração do ouro, aos maus tratos e as epidemias causadas por doenças (GRONDIN, 1985).

Em 1697, os franceses começaram a controlar a ilha, que se transformou em uma das colônias mais ricas do ocidente, principalmente devido ao comércio do açúcar. Neste período, 90% da população era de escravos negros, e somente 10% era da elite branca europeia (SOARES; SILVA, 2006). Ao final do século XVIII, começa a se espalhar na colônia os ideais da Revolução Francesa, momento em que os ex-escravos Toussaint Louverture, Jean Jacques Dessalines e Henri Cristophe, lideram uma revolta em 1791, tomando parte da colônia em um conflito que durou 12 anos, resultando em 1794 na abolição da escravidão, regime que perdurou por 130 anos (TÉLÉMAQUE, 2012).

Os haitianos formularam o primeiro projeto de uma “República Negra”, sendo que a luta pela independência foi marcada pela sua violência, mas principalmente pelo seu êxito. Cyril Lionel Robert James (2010), emprega o termo “Jacobinos Negros”, para se referir, aos revolucionários haitianos, tanto para denotar a violência empregada, quanto para sinalizar os ideais iluministas extremados. Nesse sentido, Cyril Lionel Robert James (2010, p. 87) esclarece que:

Eles (os escravos) ouviam falar da Revolução (Francesa) e conceberam-na à sua própria imagem: os escravos brancos da França se levantaram e mataram seus senhores e, assim, passaram a gozar os frutos da terra. Isso era grosseiramente impreciso, de fato, mas eles haviam apanhado o espírito da coisa. Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Em primeiro de janeiro de 1804, a independência do Haiti é proclamada, os antigos escravos deixam a produção de cana e os trabalhos nos engenhos de açúcar para se dedicarem à agricultura de subsistência. Essa situação, provocou a saída do Haiti do mercado de açúcar mundial, tornando-o um país independente, porém pobre (GORENDER, 2004).

A conquista da independência pelo Haiti, representou de certa forma uma ameaça às potências europeias, que temiam que outras colônias seguissem o exemplo e lutassem por suas emancipações. A França reconheceu a independência do Haiti apenas em 1824 e com a exigência de uma indenização da sua ex-colônia, situação que resultou em um bloqueio econômico das potências europeias e dos Estados Unidos, com o objetivo de pressionar o pagamento da indenização por parte do Haiti a França. Neste sentido, Marcelo Grondin (1985, p. 88) esclarece:

O Haiti sofreu um bloqueio econômico por parte da França, da Inglaterra, da Espanha e dos Estados Unidos, depois de conquistar sua independência em 1804, até terminar de pagar à França indenizações por uma guerra que havia ganhado, e por direitos de liberdade e independência que havia conquistado.

Outro aspecto marcante, diz respeito a instabilidade política, após a independência quem assumiu o poder foram os que levaram o país à independência, ou seja, os proprietários das terras e líderes da revolta. Contudo, o poder político continuou centralizado, agora, na minoria miscigenada e não mais branca. Essa situação desagradou os ex-escravos negros que lutaram pela independência e acabaram sendo mantidos no trabalho das lavouras, não mudando a situação em que se encontravam no período colonial. Nesse contexto, ocorreram disputas internas pelo poder no país entre negros e mulatos (MATIJASCIC, 2009). Nesta perspectiva, Marcelo Grondin (1985, p. 40) assevera que:

O poder econômico e o controle do poder político foram sempre fundamentais, no Haiti, para distinguir as classes sociais. Um ditado popular haitiano expressa bem essa realidade: “Nèg tich sé mulat, mulat pòv sé nèg” (negro rico é mulato, mulato pobre é negro). Embora, por seu lado, o mulato pobre se negue a ser considerado “negro”, o poder econômico serve também para marcar a diferença de classe entre os negros: o negro rico é “gros nèg” (poderoso) e o negro pobre é “ti nèg” (“negrinho”). Entretanto, desde as lutas de independência até os dias de hoje a cor da pele sempre

foi utilizada pelos dois setores da elite para marcar suas diferenças e definir suas lutas, bem como para promover, ocasionalmente, alianças intercores em busca do poder econômico e da dominação política. Essa oposição manifestou-se particularmente na luta pelo controle do governo: os mulatos acham que devem governar os mais capazes, isto é, eles mesmos, e o negros ricos objetam que o governo deve ser da maioria representada por eles. Embora nenhum dos dois setores tenha governado sem algum tipo de aliança com partes do outro setor, o enfrentamento e a luta interna sempre foram evidentes.

Até o ano de 1915, o país havia passado por várias mudanças de governo. Esse contexto deixou o país vulnerável aos interesses externos e as intervenções internacionais. Sobre isso, David Nicholls (1996, p.8) esclarece que:

A hostilidade entre os dois grupos levou a cada um, quando ocupou o governo, preferir intervenções externas em assuntos domésticos a permitir que o grupo rival tomasse o poder. Frequentemente, observamos que os políticos haitianos solicitaram assistência estrangeira militar em troca de benefícios como ceder parte do território para uma base naval ou oferecer vantagens comerciais. No início do século XIX, os britânicos e franceses estavam mais propensos a obter privilégios no Haiti; ao final do mesmo século, essa situação foi gradualmente substituída pelos Estados Unidos e pela Alemanha.

Diante desse cenário, os Estados Unidos, com o pretexto de estabilizar a situação política do Haiti, empreenderam uma ocupação militar no país, essa intervenção perdurou de 1915 a 1934. No entanto, os reais motivos que levaram os Estados Unidos a intervir no Haiti não eram propriamente os alegados. Nesse sentido, Marcelo Grondin (1985, p. 46) aponta para o fato de que:

Desde a construção do canal Panamá (1904), o Haiti adquiriu uma importância estratégica particular para os Estados Unidos. Um dos objetivos da invasão americana e da ocupação do país (1915 -1934) era precisamente assegurar o controle da linha marítima que conduzia ao canal, o que foi feito com a eliminação das forças rebeldes e através do apoio aos governos submissos ao seu poder hegemônico.

Durante esse período várias medidas foram tomadas pelos intervencionistas, tais como o desarmamento da população do campo, a dissolução do exército e a permissão de conceder posse de terras aos países estrangeiros, medidas que descontentaram boa parte da população haitiana. Nesse sentido, Marcelo Grondin (1985, p. 88) afirma que:

A ocupação do Haiti, de 1915 a 1934, provocou uma prolongada resistência popular, a repressão as expressões culturais como o Vodou, a criação de tensões raciais e transformações culturais importantes.

A intervenção dos Estados Unidos atuou além das questões domésticas do Haiti, pois interferiram também nas questões políticas do país, já que os seus representantes tinham poder de veto nas decisões do governo, que decidiram por manter no poder a elite mulata. Em 1915 foi criada a Gendarmerie d'Haïti para conter rebeliões internas, composta por militares, que exerciam funções policiais.

De 1915 a 1922, Philippe Sudre Darteguenave, governou o país, este sendo sucedido por Louis Borno que governou até 1929. Sténio Vincent, foi o último presidente da intervenção dos Estados Unidos, que governou de 1930 a 1941, período que adotou medidas autoritárias, transferindo a competência do poder legislativo para o executivo. Com o fim do governo de Vincent, a presidência foi transferida para Elie Lescot, que teve que renunciar em 1946. Suas medidas de supressão da liberdade de imprensa e perseguição da oposição política motivaram greves e protestos da população (MATIJASCIC, 2009).

Com a renúncia de Elie Lescot, uma junta militar organiza o processo para as eleições parlamentares no mesmo ano. Em 1946, é eleito um presidente negro, Dusmarsais Estimé, que possuía um perfil político popular e moderado, nunca esteve ligado ao poder, o mesmo era servidor público. O então presidente tinha intenções de beneficiar a camada mais pobre da população, quando eleito não recebeu apoio do legislativo e incomodou os interesses da elite haitiana, que influenciou alguns militares a facilitarem a deposição do presidente em 1950. Um dos membros da junta militar que organizou as eleições de 1950, o major Paul E. Magloire é eleito ao cargo de presidente e mesmo em meio de acusações de corrupção, permaneceu no governo até 1956 (MATIJASCIC, 2014).

O período entre a queda de Paul E. Magloire à eleição de François Duvalier, é de extremo caos, três presidentes provisórios assumem a presidência, dentre eles um renuncia ao cargo e os outros dois são depostos pelo exército, François, Sylvian e Fignolé. François Duvalier, conhecido como Papa Doc (papai doutor), oriundo da elite, chega ao poder democraticamente em 1957 e consegue, posteriormente, o apoio econômico e militar dos Estados Unidos, que queria conter revoluções nacionais comunistas. Nesse sentido, Marcelo Grondin (1985, p. 48) esclarece que:

Para se manter no poder, Duvalier submeteu o país a hegemonia norte-americana no Caribe: fez do Haiti um satélite incondicional do país do Norte, chegando inclusive a vender-lhe seu voto, decisivo, na reunião da Organização dos Estados Americanos (1961) que excluiria Cuba da OEA,

causando com isso um escândalo internacional. E com o apoio do governo americano, instalou no país um regime de terror.

Com a morte de François Duvalier em 1971, seu filho, Jean-Claude Duvalier, apelidado de “Baby Doc”, assume o poder, uma vez que o ex-presidente François Duvalier, havia se declarado presidente vitalício em 1964 e conduzido a aprovação de um decreto em que seu filho seria o seu sucessor (MATIJASCIC, 2009).

O presidente Jean-Claude Duvalier, restaura parcialmente a liberdade de imprensa e permite que partidos de oposição sejam formados, o que resulta na manifestação de grupos insatisfeitos. Em 1984 ocorre uma grande onda de violência popular, situação que leva o presidente a deixar o país para o exílio na França, deixando o general Henry Namphy interinamente no governo. Nesse sentido, Vanessa Braga Matijascic (2014, p. 57) assevera que:

Com rebeliões e revoltas populares, percebemos que a manutenção de Jean-Claude Duvalier era insustentável. Quando até mesmo a permanência do presidente não era consenso da Gendarmerie d’Haïti, Jean-Claude teve que deixar o país. A influência dos Estados Unidos na liberalização do regime pode suscitar se de fato existia apoio dos Estados Unidos a Jean-Claude Duvalier.

O Haiti passa a ser administrado por governos provisórios. Em 1988, Leslie Manigat vence as eleições, cargo em que permaneceu por poucos meses. Em junho, o general Henry Namphy, lidera um golpe de estado, no qual depôs o então presidente, assumindo o cargo. Em setembro ocorreu um novo golpe de estado, agora promovido pelo general Porsper Avril, do qual resulta na deposição de Henry Namphy. Porsper Avril, mas que é destituído da presidência em março de 1990, instalando-se no país um governo transitório, liderado pela juíza Ertha Pascal Trouillot, que convoca as eleições para dezembro de 1990 (TÉLÉMAQUE, 2012).

O resultado das eleições de 1990, garantiu a vitória do ex-padre Jean-Bertrand Aristide, expulso da ordem dos Salesianos em 1988, adepto da teologia da libertação. Segundo o relatório da Coalizão Nacional para Refugiados Haitianos, a violação dos direitos humanos diminuiu consideravelmente durante o breve período do seu governo. Em 25 de setembro de 1991, o presidente profere um discurso para a Assembleia Geral das Nações Unidas sobre “Os dez mandamentos democráticos” de seu governo. O seu discurso de encorajamento a outras nações para unirem-se contra qualquer tipo de exploração, ecoa como uma afronta a grupos sociais do Haiti

e a alguns Estados-membros das Nações Unidas, principalmente os Estados Unidos (MATIJASCIC, 2014).

Em 30 de setembro de 1991, Aristide é deposto por meio de um golpe de Estado por parte do exército, que contou com o apoio de setores da elite do país, e foi liderado pelo general Raoul Cedras, comandante do alto-comando do exército. Jean-Bertrand Aristide deixa o país para exilar-se nos Estados Unidos. O civil Marc Bazin, adversário político de Aristide nas eleições de 1990 e apoiado pela elite haitiana e pelo governo norte-americano, é então nomeado como Primeiro - Ministro pelo governo militar responsável pelo golpe.

Em maio de 1994, o Conselho de Segurança da ONU impõe bloqueio econômico ao Haiti para forçar os militares a permitirem a volta de Jean-Bertrand Aristide ao poder. O resultado foi a recondução do presidente Aristide ao cargo do qual foi deposto, continuando assim o seu mandato de 1994 a 1996. Mesmo em um cenário de acusações de corrupção e lavagem de dinheiro, Aristide consegue ser reeleito em 2000 (FATTON, 2002).

Em 29 de fevereiro 2004, Jean-Bertrand Aristide é retirado do país por militares dos Estados Unidos, devido ao um levante militar iniciado em Gonaives, por ex-integrantes do exército haitiano. Aristide exila-se na África do Sul. O então, presidente do Supremo Tribunal, Bonifácio Alexandre, assume a presidência interinamente, requisitando a ajuda das Nações Unidas para uma transição política pacífica.

Em 30 de abril de 2004, o Conselho de Segurança da ONU, através da resolução 1542, cria a MINUSTAH, Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, que tem como objetivo o de instaurar a paz no país. Nessa missão, o Brasil torna-se chefe da força militar (SEITENFUS, 2008). O efetivo total de soldados na MINUSTAH é de 5.773 homens, além de aproximadamente 2,4 mil policiais da ONU, dentre estes, o contingente brasileiro é o maior, com 1.377 integrantes. O efetivo militar brasileiro é composto por soldados, capelães, psicólogo, nutricionista, fisioterapeuta, assessoria jurídica, assessoria de comunicação, dentistas e médicos (BRASIL, 2014). Sobre o assunto, Djuan Bracey (2011, p.323-324) problematiza:

A Resolução 1529 afirma que o objetivo da missão é monitorar e reestruturar a polícia nacional haitiana; ajudar no desarmamento, desmobilização e reintegração das milícias armadas; restaurar e manter o Estado de direito; e proteger o pessoal da ONU e os civis locais. (...) A aspiração brasileira para obter um assento permanente no Conselho de

Segurança talvez seja o fator mais visível responsável pelo papel do país na missão. Embora os funcionários diplomáticos tenham sido relutantes em associar publicamente a liderança do Brasil na MINUSTAH com este objetivo, alguns membros do Congresso brasileiro, os líderes militares e ministros que ocuparam o Ministério da Defesa associam as duas questões.

Atualmente, o Haiti é uma república presidencialista, com um presidente eleito em uma Assembleia Nacional. Michel Martelly antigo músico haitiano também conhecido pelo seu nome artístico de Sweet Micky, venceu o segundo turno das eleições e foi eleito presidente do Haiti, tomando posse em 14 de maio de 2011. Para a sua sucessão, houve eleições presidenciais em 2015, mas devido a irregularidades, o presidente do senado, Jocelerme Privert, é empossado como presidente interino em 14 de fevereiro de 2016.

Desde fevereiro de 2017, o atual presidente do país, com um mandato de cinco anos, é o empresário de 48 anos Jovenel Moïse, membro do partido haitiano Tet Kale (PHTK), o mesmo é o candidato indicado pelo ex-presidente Michel Martelly. Jovenel Moïse, havia vencido o primeiro turno das eleições de 2015, mas o resultado foi anulado por alegações de fraude (GLOBO, 2017)

Não é o nosso objetivo apresentar um histórico aprofundado da constituição política do país, mas apenas demonstrar a existência de uma instabilidade secular, marcada por conflitos entre diferentes grupos políticos, fortalecimento de governos autoritários e ilegítimos, intervenções estrangeiras e boicotes econômicos, que, inegavelmente contribuíram com a formação de um estado de vulnerabilidade social no país. Embora a compreensão dos fluxos migratórios no mundo contemporâneo exija reflexões que avancem e busquem superar a clássica abordagem *push-pull*, não é possível negar que as condições políticas e econômicas do Haiti representem gatilhos para a emissão de migrantes para as mais diferentes nações do mundo.

1.1 As migrações haitianas e suas motivações

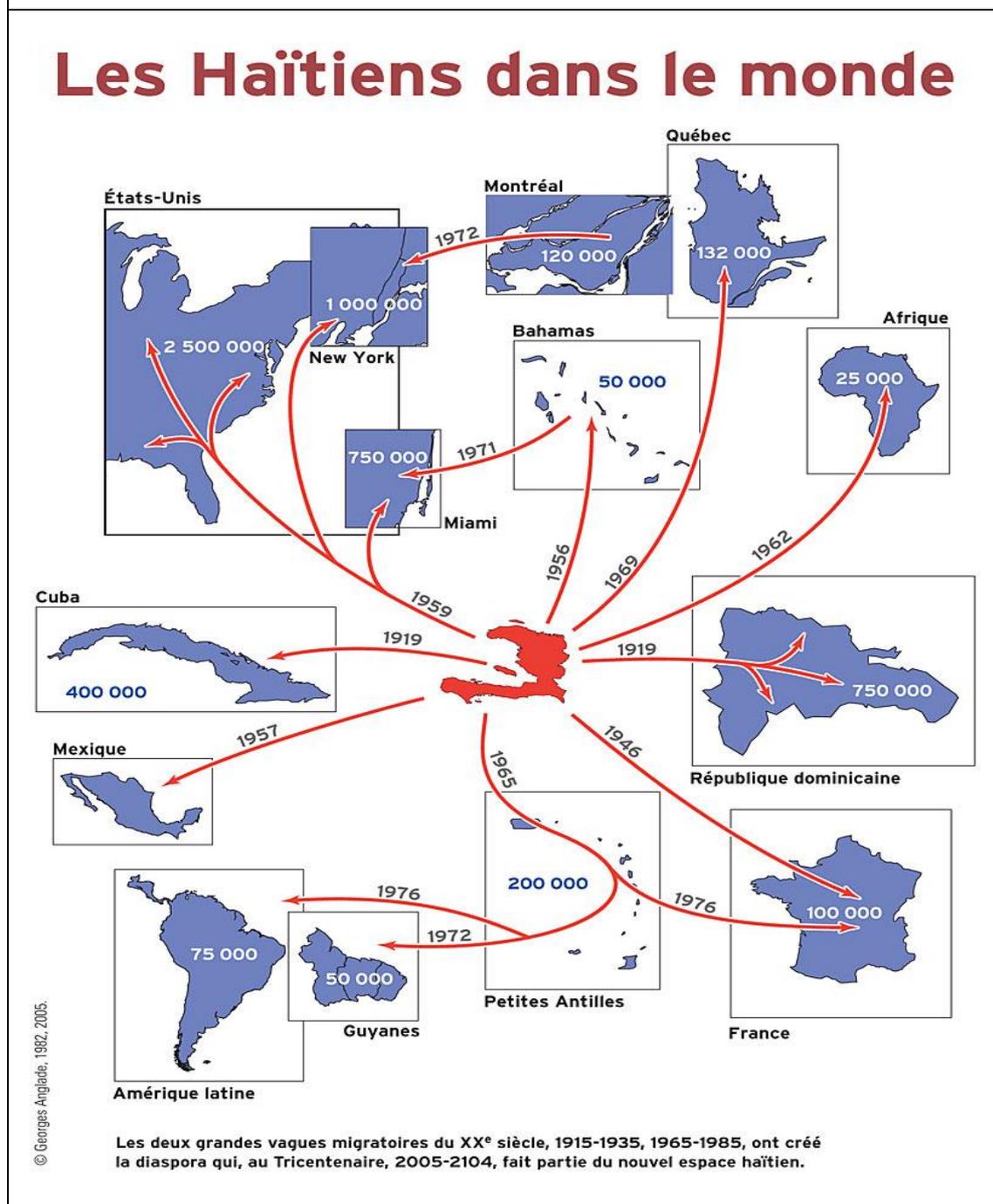
Jurandir Zamberlam (2004) explica que a decisão de migrar não é exclusivamente dos indivíduos, pois ela está vinculada a uma gama de acontecimentos que os próprios migrantes muitas vezes desconhecem, como embargos econômicos, decisões políticas internas ou internacionais, entre outros. Migrar é uma prática que faz parte do cotidiano haitiano, levando uma grande parcela desta população a se deslocar para outros países. Como foi apresentado,

elementos sociais, econômicos e políticos condicionam historicamente o Haiti, criando no país uma tradição migrante (MAGALHÃES; BAENINGER, 2014).

Embora a migração haitiana tenha ganhado maior visibilidade no Brasil apenas na última década, o fenômeno não é recente. Entre 1915-1935 e 1965-1985 o Haiti, apresentou um número considerável de migração de haitianos para outros países.

Na figura 01, são apontados os fluxos migratórios haitianos no século XX. O mapa foi elaborado por George Anglade, um professor haitiano radicado no Canadá, o mesmo vivenciou a migração durante o período ditatorial do então presidente François Duvalier, o Papa Doc. Elaborado na década de 1980, foi atualizado em 2005, nas Jornadas Internacionais do Congresso Mundial Haitiano, que ocorreu em Montreal, no Canadá.

Figura 01 - Haitianos no mundo



Fonte: Georges Anglade. Les Haïtiens dans le monde, 2005.

Nota-se um fluxo migratório para Cuba, na década de 1900, devido principalmente, à proximidade geográfica e o trabalho no corte de cana-de-açúcar. Esse fluxo acaba desacelerando com a crise de 1930, que causou efeitos à produção do açúcar. Como nos mostra a figura 01, o fluxo migratório para Cuba, é de 400 mil haitianos.

Em 1920, inicia-se um fluxo migratório para República Dominicana de aproximadamente 750 mil haitianos. Após a instauração da Ditadura Duvalier de Papa Doc, a migração em direção aos Estados Unidos foi de aproximadamente 2,5 milhões de pessoas em 1957, principalmente para Nova York, que recebeu quase 1 milhão de pessoas e para Miami que recebeu cerca de 750 mil migrantes motivados pela proximidade geográfica, atraindo, inclusive, os haitianos que se encontravam nas Bahamas (TÉLÉMAQUE, 2012).

Em 1965 ocorre uma onda migratória haitiana em direção às pequenas Antilhas, envolvendo o deslocamento de aproximadamente 200 mil haitianos, e, de lá, para a França e América Latina, respectivamente 100 mil e 75 mil haitianos. Já em 1969, ocorre um novo fluxo migratório para o Canadá, contabilizando 132 mil haitianos para o Québec. No ano de 1975, ocorre a Crise da Deportação na província do Québec, quando, diante de decisões anunciadas pelo governo sobre a deportação de centenas de migrantes haitianos, uma parcela deles decide se organizar e levar o debate ao público através de manifestações e veiculando seus argumentos nos meios de comunicação, resultando na abertura de um espaço para o migrante ser ouvido, apesar de algumas dezenas de haitianos terem sido deportados (MILLS, 2013).

A deposição de Aristide em 1991, desencadeou um período de instabilidade política, que motivou o fortalecimento do fluxo migratório para o Canadá e Estados Unidos. Em apenas um ano aproximadamente 43 mil haitianos atravessaram o mar do Caribe em embarcações improvisadas em direção a esses dois países. Neste contexto e referindo-se ao fracasso da anunciada expansão econômica no governo de Jean François Duvalier, Marcelo Grondin (1985, p.50) afirma que:

O Haiti continua sendo o único país da América a pertencer ao Grupo dos 25 países mais pobres do mundo, criado pelas Nações Unidas. A fome generalizada, a fuga dos haitianos para outras terras, o drama dos boat-peoples e dos cadáveres de haitianos encontrados nas praias de tantas ilhas do Caribe, demonstram que a revolução econômica, depois de 12 anos, ainda não produziu seus tão anunciados efeitos benéficos.

Não sendo suficientes os problemas políticos e econômicos, o Haiti tem vivenciado uma série de catástrofes naturais. Segundo a USGS (2010), os registros mostram que, entre 1902 e 1992 ocorreram vinte e dois tremores de magnitude, maior ou igual 6.5 na escala Richter. Os tremores muitas vezes são acompanhados por tsunamis que acabam acentuando as catástrofes. Os tsunamis mais

representativos que atingiram o país ocorreram em 1770 e 1842. Em 2004, o país foi atingido pelo furacão Jeanne, que resultou na morte de 5 mil pessoas. Em julho de 2005, o furacão Emily, afetou a cidade de Saint Marc e em 2006 houve inundações nas cidades do país. Em 2007 os furacões Dean e Noel, provocam a morte de 330 pessoas. Em 2008 as tempestades tropicais Fay e Gustav provocaram a morte de 800 pessoas.

Em 12 de janeiro de 2010, o Haiti foi abalado por um terremoto de magnitude 7 na escala Richter O epicentro¹ do tremor foi a aproximadamente 25 km sudoeste da capital Porto Príncipe e seu hipocentro² foi registrado a apenas 13 km de profundidade na crosta terrestre. O impacto da catástrofe ganhou destaque internacional, expondo as condições de vulnerabilidade dos haitianos para além de uma crise humanitária doméstica. Porto Príncipe foi duramente atingida e estima-se que 80% das construções foram seriamente danificadas, incluindo escolas, hospitais, postos policiais e o próprio palácio presidencial. Além dos danos materiais estima-se que o terremoto deixou um rastro de aproximadamente 316.000 mortos, 300.000 feridos, 1,3 milhão de desabrigados. Em 2012, dois furacões, Issac e Sandy, atingem o Haiti, impactando a produção agrícola e piorando a qualidade do abastecimento de água na capital, favorecendo a disseminação de doenças, principalmente a cólera, matando mais de 8.000 pessoas (DUTRA, 2016).

Após os desastres naturais, o fluxo migratório do Haiti aumentou consideravelmente. Os migrantes haitianos fazem parte de um grupo cada vez maior de pessoas que se encontram em situação de migração em decorrência de catástrofes ambientais e que buscam refúgio em outros países. Neste sentido, Andressa Farias; Duval Fernandes e Rosita Milesi afirmam que (2011, p.78):

Quando se junta uma situação política caótica, com um fator de catástrofe natural, não há como obter respostas às necessidades mínimas da população. Esta situação de extrema vulnerabilidade é que deve ser entendida como o fator que leva os haitianos a tomarem a decisão de emigrar.

Corroborando com a afirmação de Andressa Farias; Duval Fernandes e Rosita Milesi, a pesquisadora Cristiane Feldmann Dutra (2016, p.184) assevera que:

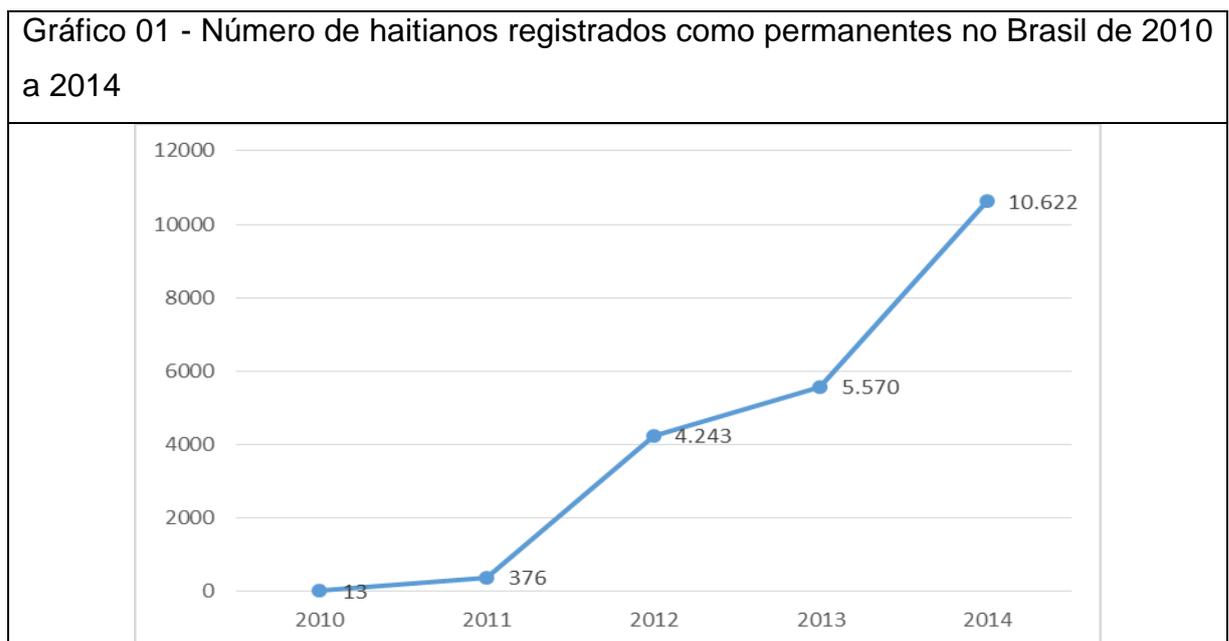
¹ Ponto da superfície terrestre diretamente acima do foco de um terremoto.

² Ponto no interior da crosta terrestre onde se origina o terremoto.

A destruição e a miséria que aumentou, após o terremoto no Haiti, a morte de centenas de milhares de pessoas e aquelas que ainda vivem em condições desumanas por lá, são um lembrete assustador da relação circular entre a fragilidade do Estado diante de um desastre ambiental (...). A migração haitiana também foi devida à precariedade do seu Estado e sua consequente incapacidade de garantir que as necessidades básicas de subsistência dos seus cidadãos fossem atendidas, se apresentando de forma deficiente na proteção dos seus cidadãos.

Neste contexto o Brasil surgiu como um dos destinos dos migrantes, que se inicia de forma tímida após o tremor de 2010, mas intensifica-se entre os anos seguintes até 2014. Segundo dados do IBGE, em 1940 viviam no Brasil apenas 16 haitianos; em 1950: 21 e em 1960: 159 haitianos

Segundo dados, divulgados pelo SINCRE (Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros), no ano de 2010 houve 13 haitianos registrados como permanentes, em 2011: 376; em 2012: 4.243; em 2013: 5.570 e em 2014: 10.622. Como demonstra o gráfico 01:



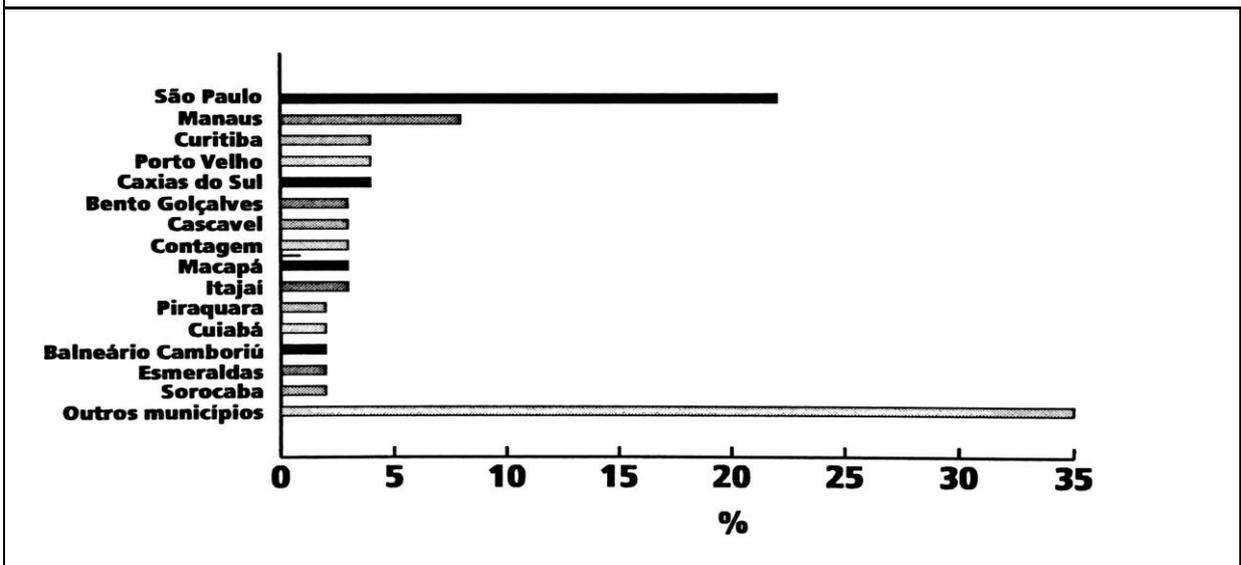
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Anuário de 2015 (OBMIGRA).

Vale ressaltar que os dados disponíveis sobre os estrangeiros no Brasil pode variar conforme a base consultada. De acordo com Duval Fernandes et al. (2015), na atualidade os principais órgãos que coletam informações sobre a entrada de estrangeiros no país são a Polícia Federal e o Departamento de Estrangeiros, ligados ao Ministério de Justiça, o Ministério de Relações Exteriores e o Ministério de Trabalho e Emprego. Não considerando os casos de saída compulsória emitidas da Polícia Federal, essas fontes captam informações sobre a migração regular e não

dos estrangeiros indocumentados ou em situação irregular, o que pode levar dessa forma a dados estatísticos diferentes da realidade. Ainda conforme o autor apesar das lacunas presentes nas bases de dados, as informações disponibilizadas podem colaborar na definição de perfis migratórios.

Conforme os levantamentos realizados pela Polícia Federal, os migrantes haitianos residem nas cinco regiões do país, embora a região nordeste tenha exercido uma menor atração sobre esses migrantes, são vários os municípios que já somam à sua população migrantes haitianos. Conforme mostra o gráfico 02, que tem como base os dados da Polícia Federal, considerando um total de 18.708 haitianos residentes no Brasil em novembro de 2014.

Gráfico 02 - Proporção de migrantes haitianos por cidade de residência no Brasil em novembro de 2014



Fonte: Sincre/ PF – Sistema Nacional de Cadastro de Estrangeiro, Dicare/PF – Divisão de Cadastro e Registro de Estrangeiros. Casos analisados: 18.708.

Entre os motivos apontados para a escolha do Brasil, pelos migrantes haitianos, constam-se: 1) a presença militar brasileira no Haiti; 2) o contexto econômico brasileiro em 2011, em que o país chegou a ser a sexta maior economia mundial; 3) e o anúncio, pelo governo brasileiro, logo após o terremoto, de ajuda humanitária do Brasil no processo de reconstrução do Haiti. Neste sentido, Andressa V. Faria (2012, p. 85-86) ressalta que:

As razões que deram início ao fluxo migratório do Haiti para o Brasil são imprecisas. Algumas hipóteses levantam que a participação do Brasil na

força de paz no Haiti, através da MINUSTAH, tenha despertado o interesse pelo país. Outra hipótese é de que ante o fechamento da fronteira da Guiana Francesa, destino privilegiado dos haitianos na América do Sul, os mesmos foram impelidos a dirigir-se ao Brasil, onde esperam encontrar oportunidades de trabalho, dado seu crescimento econômico, às obras de infraestrutura com vistas à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas de 2016, à construção de hidrelétricas e ainda a repercussão midiática que vem adquirindo nos últimos anos.

A respeito da conduta do governo brasileiro em relação à situação haitiana, destacamos os discursos dos ex-presidentes Lula e Dilma. Em visita a Porto Príncipe, em 25 de fevereiro de 2010, Luiz Inácio Lula da Silva expôs as medidas imediatas que o Brasil empreendeu para ajudar o Haiti, como o perdão da dívida de US\$ 1,3 bilhão, a doação de US\$ 15 milhões e de 14 toneladas de alimentos. Na mesma ocasião, o ex-presidente reafirmou o “compromisso de ajudar na reconstrução do país”. Semelhantemente, Dilma Rousseff, em visita a Porto Príncipe em fevereiro de 2012, reforçou a cooperação brasileira e abertura do Brasil para “receber os cidadãos haitianos que optem por buscar oportunidades no Brasil” (FERNANDES, 2010).

Um dos motivos levantados para a migração haitiana, apresenta o terremoto como principal causa da mobilidade, no período subsequente. Esse argumento é encontrado na Resolução nº 97, que aprova o visto aos haitianos por razões humanitárias. Antes de contextualizarmos sobre a Resolução nº 97, cabe discutir que muitos desses migrantes, estiveram no epicentro da catástrofe em Porto Príncipe, região em que ocorreu o terremoto de 2010. Como no caso do entrevistado Ronald Toussaint de 32 anos, casado, duas filhas, residente em Cascavel/PR desde 2013 e que teve como motivo da migração as consequências do terremoto.

O motivo da minha migração foi o terremoto, no Haiti. Eu trabalhava com transferência de dinheiro para outros países, depois do terremoto quebrou tudo, peguei um pouco de dinheiro e vim para cá, porque, o terremoto estragou muita coisa, causando o meu desemprego (Narrativa nº 5 – pesquisa de campo 2016).

Essa mesma motivação do Ronald Toussaint, é vista na narrativa Dykenlove John Marcelin, 22 anos, solteiro, residente em Cascavel/PR desde 2014.

A situação até que estava boa no Haiti para mim, mas depois do terremoto as coisas não estavam mais (Narrativa nº 1 – pesquisa de campo 2016).

Durante a pesquisa, analisamos o artigo da Márcia M. de Oliveira e do Elias O. da Silva (2016). Durante, dois anos (2012-2013), estes pesquisadores

trabalharam com um grupo de migrantes haitianas abrigadas em um sistema de albergue temporário no centro de Manaus/AM. A pesquisa de campo que realizaram demonstrou que quase metade das entrevistadas residia fora da região afetada pelo terremoto, o que permite supor que este então não seria o motivo de migração. Das 140 entrevistadas apenas 56 eram oriundas de Porto Príncipe.

Diante disso, nota-se que as consequências do terremoto, são motivadores dos fluxos migratórios haitianos recentes, mas não corresponde a um motivo isolado. Para o entendimento dos fluxos é necessário observar as dificuldades econômicas, os fatores políticos, históricos e ambientais e a falta de ações eficientes do governo perante uma catástrofe ambiental. Esta conjuntura, composta por inúmeras variáveis, faz com que o país se torne cada vez mais dependente de auxílio internacional e incentivador da migração de sua população, devido aos benefícios trazidos pelas remessas dos haitianos que optam por se lançarem em uma jornada às vezes solitária na migração para outros países. Neste sentido Andreas E. Feldmann (2013, p. 43) assevera que:

Embora a maioria são considerados migrantes econômicos, a repressão e os abusos de direitos humanos levaram a fluxos migratórios significativos. Além disso, o colapso econômico e uma sequência aparentemente interminável de desastres naturais levaram a ameaças existenciais para a população, obrigando milhares de pessoas a fugir de suas comunidades.

As remessas de migrantes são, atualmente, uma das principais formas de entrada de recursos financeiros em muitos países. Conforme afirmam Luís Felipe Aires Magalhães e Rosana Baeninger (2016), que utilizaram dados estatísticos da UNCTAD, as remessas de migrantes representam mais de 20% do PIB (Produto Interno Bruto) haitiano entre os anos de 2005 e 2014, um em cada Gourde³, que circula no Haiti é proveniente de remessas de migrantes enviadas ao país.

Outro aspecto importante que vale ressaltar é de que a migração é um investimento caro para a maioria dos migrantes, tendo em vista que um haitiano gasta em média R\$ 5 mil reais para chegar ao Brasil. No caso dos migrantes que utilizam os meios legais de viagem, devido a esse alto custo, muitos migrantes não conseguem trazer toda família. É o que nos revela Frenel Dorleus, 30 anos, casado, desempregado, residente em Cascavel/PR com a esposa e uma filha desde 2010,

³ Moeda nacional do Haiti, 40 gourdes equivalem a US\$ 1 dólar americano.

mas que teve que deixar dois filhos no Haiti.

Eu quero ficar em Cascavel, porque já trouxe uma filha, só falta dinheiro, para trazer os outros filhos, trazer toda família, aqui só a minha mulher trabalha, preciso de emprego, preciso trabalhar de carteira assinada (Narrativa n° 3 – pesquisa de campo 2016).

Em linhas gerais, a população haitiana, que é de mais de 10 milhões de pessoas, vem sendo impulsionada a deixar o seu país. Conforme Cristiane Feldmann Dutra (2016), o Haiti constitui um dos 15 países mais desiguais socialmente no mundo. As riquezas estão concentradas nas mãos de poucos, enquanto a maioria da população vive com menos de US\$ 2,00 por dia. O governo oferece serviços públicos mínimos, em que a maior parte da população não tem acesso periódico a eletricidade, água, esgoto, o sistema educacional e médico são deficitários. Conforme relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) o Haiti apresentava um dos mais baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do mundo, grande parte da população encontra-se abaixo da linha da pobreza. Corroborando neste sentido, temos outra fala do entrevistado Frenel Dorleus:

No Haiti falta governo, falta trabalho, lá está muito complicado (Narrativa n° 3 – pesquisa de campo 2016).

Nesse sentido, podemos afirmar que os motivos da migração haitiana, são vários, crise política e econômica interna, catástrofes naturais, poucas perspectivas de melhorias nas condições de vida, somadas ao objetivo de encontrar no Brasil expectativas de uma vida melhor, por meio do trabalho e estudo. Nesta perspectiva, Renata de Melo Rosa (2006, p. 22) afirma que:

Pelo fato de o Haiti ocupar a posição de país mais pobre das Américas, as chances reais de ascensão social estão localizadas fora da nação. A reprodução da desigualdade incide com muita ênfase nos grupos mais aptos à migração e nas escolhas das rotas migratórias.

O fato é que independente da motivação, a migração haitiana é uma realidade para a sociedade brasileira, que por sua vez, deixa de ser exclusivamente um país emissor de migrantes para se tornar também receptor. Em grande medida, os estrangeiros, residem em vários municípios do país assim como em Cascavel/PR. De uma maneira geral, todos buscam a inserção no mercado de trabalho mas não

se restringindo a ele pois buscam também a inserção em vários outros níveis na sociedade de destino.

1.2 Estratégias de Migração

Depois de problematizarmos os possíveis elementos que influenciam a origem dos fluxos migratórios da população haitiana, torna-se relevante analisarmos as estratégias migratórias adotadas por tais sujeitos. Neste contexto, apresentaremos e analisaremos as falas dos interlocutores referentes as escolhas e aos percursos migratórios desenvolvidos e além de também discutirmos a importância das redes sociais no processo migratório. Em grande medida, a primeira ação adotada de todo migrante haitiano que chega ao Brasil está direcionada na regularização de sua situação migratória. Neste sentido, o movimento inicial desta população migrante é a solicitação de refúgio no país. A abertura desse processo leva a emissão de um protocolo, conhecida como carteira provisória de estrangeiro, que permite a obtenção da carteira de trabalho e do CPF (Cadastro de Pessoa Física), provisórios, enquanto a solicitação de refúgio é analisada.

Levando em consideração que a análise da situação do migrante não é imediata, constata-se a existência de iniciativas que visam oferecer para tal população um atendimento básico até a solicitação ser atendida ou não. Exemplo disso pode ser encontrado na experiência da cidade de Brasiléia (Acre), onde há um abrigo para recebê-los, até a legalização no país, garantindo habitação e alimentação, por um prazo de uma semana até três meses. Esse abrigo tem a capacidade de receber 250 pessoas e possui condições retratadas como precárias e insalubres, por haitianos e por migrantes de outras nacionalidades, como por exemplo, os senegaleses e dominicanos.

Referente a proteção dos refugiados, estes só tiveram avanços no âmbito jurídico internacional, no século XX. Em 1950, foi criado o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), que atualmente é órgão subsidiário da Assembleia Geral das Nações Unidas e possui sede em Genebra, onde promoveu uma conferência em 1951 para regularizar o status geral dos refugiados e o tratamento internacional. Dessa conferência se originou a Convenção das Nações Unidas (Convenção de 1951) sobre o Estatuto dos Refugiados.

A Convenção das Nações Unidas de 1951 normatiza a definição clássica de refugiado:

Devido a fundados temores de ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, por pertencer a determinado grupo social e por suas opiniões políticas, se encontre fora do país de sua nacionalidade e não possa ou, por causa dos ditos temores, não queira recorrer à proteção de tal país; ou que, carecendo de nacionalidade e estando, em consequência de tais acontecimentos, fora do país onde tivera sua residência habitual, não possa ou, por causa dos ditos temores, não queira a ele regressar.

Em linhas gerais, ela apresentou duas limitações: uma de reserva temporal e outra de reserva geográfica. Primeiramente, ela restringiu o tempo aos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e em um segundo momento, limitou-se aos acontecimentos ocorridos exclusivamente na Europa. Em razão desses problemas, foi estabelecido o Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados (Protocolo de 1967), que suprimia essas restrições. Em grande medida, os termos da Convenção de 1951 estão incorporados na legislação brasileira, mais especificamente na Lei nº 9.474 de 22 de julho de 1997.

O órgão público responsável por deliberar acerca da concessão do status de refugiado é o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE). No entanto, a solicitação de refúgio dos migrantes haitianos é diferente, da definição clássica, pois o conceito de refugiado se aplica aqueles que notadamente tenham alegado motivos de perseguição e não aos migrantes cujo o deslocamento seja motivado por outras circunstâncias. Nesse sentido, Carolina Moulin (2012) afirma que na linguagem dominante dos tipos de mobilidade, o migrante é reduzido à condição de trabalhador movido por interesses econômicos, ou seja, uma tentativa de escapar da miséria, condição oposta do refugiado, em que deslocamento é condicionado por forças externas.

Devido a esse impasse sobre a concessão do refúgio, o CNlg (Conselho Nacional de Imigração) aprovou, por razões humanitárias, a permanência desses migrantes no país. O CNlg é um órgão vinculado ao Ministério do Trabalho e tem entre suas atribuições, formular políticas de migração, além de coordenar e orientar atividades de migração e solucionar casos omissos em relação aos migrantes. Sobre esta decisão, Geraldo Castro Cotinguiba e Marília Lima Pimentel (2014, p.83) problematizam os motivos que levaram a concessão do visto humanitário e não o de refúgio:

Aos haitianos foi negada a condição de refúgio porque o Estado brasileiro considerou que esses aspectos não fazem parte da realidade social do Haiti. Torna-se compreensível que não sejam reconhecidos os elementos de ameaça a vida do povo haitiano por dois motivos. O primeiro motivo é de cunho internacional. Caso houvesse a concessão da condição de refúgio aos haitianos, o Brasil declararia a incompetência da MINUTASH e, ao mesmo tempo, o seu papel de líder. O objetivo principal da missão é “restabelecer a paz no Haiti”. O segundo motivo é de ordem nacional. Uma vez concedido o refúgio a um estrangeiro, o Estado brasileiro se torna responsável pela sua pessoa, assegurando-lhe segurança, alimentação, abrigo e condições dignas de vida.

A falta de estrutura e coordenação do governo brasileiro para receber o fluxo de migrantes haitianos nas cidades de fronteira, proporcionou a atuação ilegal dos atravessadores, popularmente conhecidos como coiotes⁴. Indocumentados haitianos chegam a pagar um custo médio que pode variar de US\$ 1.000 a US\$ 6.000, dependendo da rota utilizada ou persuasão dos coiotes. Os valores reais pagos pelos migrantes, são difíceis de precisar, por ser tratar de uma atividade ilícita. A maioria dos migrantes que chegam ao Brasil utilizam recursos provenientes de empréstimos, ou mesmo de um projeto familiar que somam esforços para enviar um membro da família, chegando assim ao país devendo os custos da viagem (DUTRA, 2016).

Na tentativa de controlar o fluxo migratório haitiano para o Brasil e coibir a ação dos coiotes, o governo brasileiro estabeleceu regras para a entrada desses estrangeiros. Dessa forma, o CNlg, em 12 de janeiro de 2012 estabelece a Resolução nº 97/2012, que dispõe sobre a concessão do visto permanente:

Art. 1º Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro.

Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010.

Art. 2º O visto disciplinado por esta Resolução Normativa tem caráter especial e será concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da Embaixada do Brasil em Porto Príncipe.

Parágrafo único. Poderão ser concedidos até 1.200 (mil e duzentos) vistos por ano, correspondendo a uma média de 100 (cem) concessões por mês, sem prejuízo das demais modalidades de vistos previstas nas disposições legais do País.

Art. 3º Antes do término do prazo previsto no caput do art. 1º desta Resolução Normativa, o nacional do Haiti deverá comprovar sua situação

⁴ Coiote é um termo utilizado para denominar aliciadores ou traficantes de humanos.

laboral para fins de convalidação da permanência no Brasil e expedição de nova Cédula de Identidade de Estrangeiro, conforme Legislação em vigor.
Art. 4º Esta Resolução Normativa vigorará pelo prazo de 2 (dois) anos, podendo ser prorrogado.

Para se candidatar a permissão, o postulante deve ter o passaporte em dia, ser residente do Haiti, apresentar atestado de bons antecedentes e pagar US\$ 200 para a emissão do visto. Apesar da Resolução, não houve redução da chegada de migrantes, o que resultou na limitação de 100 concessões de visto por mês pelo Consulado, que não conseguiu atender a demanda.

Agravando a situação, em novembro de 2012, todos os agendamentos para concessão de vistos em 2013 estavam completos e o Consulado abriu uma lista de espera. O abrigo construído na cidade de Brasiléia/AC para acolher 250 migrantes, acabou recebendo em abril de 2013, cerca de 1,3 mil migrantes, o que levou o governador do Acre, Tião Viana, a decretar situação de emergência social na cidade, o que resultou em seu fechamento devido a superlotação em 2014. Em Porto Príncipe (Haiti), formavam-se gigantescas filas na porta do Consulado brasileiro, de pessoas que esperavam o visto de entrada no Brasil (FARIA; FERNANDES, 2016). Sobre o abrigo do Acre, Carolina Sarres (2014, p.01) esclarece que:

O governo do Acre determinou a desativação do abrigo de haitianos em Brasiléia, ao sul do estado. O antigo abrigo será substituído por um novo, na capital, Rio Branco. Segundo o secretário de Direitos Humanos acreano, Nilson Mourão, o abrigo de Brasiléia deverá ser fechado neste final de semana. Para os novos imigrantes que entrarem no Brasil pela fronteira do Acre, a orientação é a de que sigam viagem até Rio Branco para providenciar documentação. Até então, Brasiléia e Etipaciolândia eram as cidades que faziam o primeiro acolhimento dos estrangeiros.

Com o intuito de contornar a situação, o governo, por meio da Resolução Normativa nº 102 em abril de 2013, retirou a limitação do número de vistos aos haitianos, permitindo também a sua concessão em consulados brasileiros em outros países como no Peru, no Equador, na Bolívia e na República Dominicana. Em outubro há uma nova alteração com a Resolução Normativa nº 103, que prorrogou o prazo de vigência que encerraria em janeiro de 2014, estendendo por mais um ano. Em outubro de 2015 entra em vigor a Resolução Normativa nº 117, que estipulou a prorrogação até o dia 30 de outubro de 2016 a vigência da Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012 (DUTRA, 2016).

Para entender esse processo de regularização dos migrantes residentes na cidade de Cascavel/PR, buscamos a Cáritas, que é uma entidade que atua no auxílio dessa regularização. A Cáritas foi criada em 1956 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), sendo uma das 164 organizações-membros da Rede Cáritas Internacional, que têm o objetivo de articular obras sociais católicas e a administração do Programa de Alimentos para a Paz, subsidiado pelo governo dos Estados Unidos. Atualmente está organizada em uma rede com 183 entidades-membros e atua em vários projetos sociais (CÁRITAS, 2017).

Conversando no ano de 2017 com Rosângela Silva Ferreira, que trabalha como pedagoga na Cáritas a mais de nove anos, obtivemos informações que nos ajudam a entender como funciona o auxílio prestado aos migrantes haitianos em relação a documentação.

Nós articulamos com uma rede, pelo setor de mobilidade humana da CNBB, que nos encaminha um formulário, que é em todo francês. Nós tivemos que ir para as aulas de francês para poder preenchê-lo. Os migrantes haitianos para terem os vistos permanentes, o passaporte deles tem que estar em dia. Então fazemos a solicitação dessa documentação pra eles aqui e não cobramos absolutamente nada, muito pelo contrário, todas as cópias, que é necessário fazer, fazemos aqui na Cáritas sem custo. Mas existe um custo, cobrado pela embaixada do Haiti, que atualmente depois de um processo de articulação, com o objetivo de melhoria de preço e mudança de moeda, os haitianos pagam em reais, uma quantia de R\$ 400 reais. Eles depositam diretamente esse valor na conta da Embaixada do Haiti, eles têm que mandar o comprovante, nós anexamos no processo, colocamos o endereço aqui da Cáritas, porque muitos mudam de endereço e para ter a certeza que vão receber (Narrativa n° 8– pesquisa de campo 2017).

Indo além, a interlocutora, nos revela os problemas enfrentados para a solicitação dos passaportes.

No ano passado entregamos, muitos passaportes em torno de 400, esse ano nós estamos com dificuldades, começou mais ou menos em setembro do ano passado, eles não estão dando conta de mandar os passaportes, por conta da demanda. O passaporte além de ir pra embaixada do Haiti, aqui no Brasil, em Brasília, o passaporte não é todo confeccionado aqui no Brasil, ele é encaminhado para Washington nos Estados Unidos, que devolvem pra Embaixada, depois que a Embaixada vai mandar para os lugares, que pediram essa renovação do visto. O que está acontecendo é um acúmulo da demanda, pois eles não estão dando conta desse processo. Nós ligamos bastante, pra lá, eles nos dizem que não tem papel, pra confeccionar o passaporte, ligamos novamente e nos informam que estragou a máquina e que eles não têm previsão de quando vão arrumar a máquina. No meio disso, observamos o sofrimento dos haitianos, porque eles vem aqui na Cáritas e eles não entendem muito esse processo, eles nos falam que agora que tem o presidente novo lá no Haiti, que as coisas estão acontecendo bem rapidamente, mas o processo não é feito lá no

Haiti, é feito na Embaixada aqui no Brasil, então são muitos os gargalos e as dificuldades (Narrativa n° 8– pesquisa de campo 2017).

Nesse sentido, nota-se que apesar do avanço no campo jurídico, a maior dificuldade encontrada na regulamentação da documentação dos migrantes haitianos, persiste nos aspectos burocráticos e operacionais. Na pesquisa de campo, os entrevistados relataram estarem atualmente regulares com sua documentação. Destacamos a fala de Dykenlove John Marcelin (2016), que relata a situação do seu visto.

Na verdade eu vim para o Brasil, mas eu não sabia de nada, tem muito haitiano que vem para o Brasil passando lá pelo Acre, mas eu cheguei no Brasil sem visto, e não sofri por isso, mas eu sofri por causa que eu não tinha o documento, o RE que a Polícia Federal dá para os estrangeiros, mas depois de um tempo saiu e consegui o meu (Narrativa n° 1– pesquisa de campo 2016).

Outro aspecto das estratégias migratórias considerado nesta pesquisa diz respeito, as redes sociais. Para iniciar essa discussão sobre migrações e redes faz-se necessário definir o conceito de redes sociais e de redes migratórias. Neste sentido, partimos do pressuposto que as redes sociais podem ser definidas com um conjunto de pessoas que estão ligadas por algum laço ou tipo de relação. No caso investigado, as redes migratórias possuem objetivo de servir de alicerce para as diferentes etapas do processo migratório (SOARES, 2004).

Essa teoria preconiza que as redes nos processos migratórios constituem a interação entre o local de origem do migrante e o de destino. As redes sociais constituídas na migração são várias; podem ser solidariedades locais ou recrutadores temporários, que objetivam facilitar os deslocamentos, hospedar o migrante ou promover sua inserção no mercado de trabalho, o que demonstra a participação não só de agentes econômicos, mas também a participação de agentes sociais coletivos. Como destaca João Peixoto (2004, p. 29):

O que se defende, neste caso, é que os migrantes não actuam isoladamente, nem no acto de reflexão inicial, nem na realização dos percursos concretos, nem nas formas de integração no destino. Eles estão inseridos em redes de conterrâneos, familiares ou, inclusivamente, agentes promotores da imigração (como os “engajadores”), que fornecem a informação, as escolhas disponíveis, os apoios à deslocação e à fixação definitiva.

As redes sociais contribuem à decisão de migrar, ao deslocamento dos migrantes e à sua permanência na região de destino. As redes ajudam na redução dos riscos da migração, por nelas circularem informações importantes para os migrantes. Nesta perspectiva, M. Boyd (1989, p. 641), afirma que:

A rede associa migrantes a não-migrantes através do tempo e do espaço. Uma vez iniciados, os fluxos migratórios tornam-se autoalimentados, na medida em que refletem a instauração de laços e de redes de informação, assistência e obrigação que se desenvolvem entre o imigrado na sociedade de destino e amigos e parentes que permaneceram na área de origem.

Esta abordagem teórica ajuda a entender as estratégias utilizadas pelos migrantes haitianos na escolha do Brasil e especificamente a cidade de Cascavel/PR como destino, pois as relações pessoais e as experiências individuais, contribuem nessas escolhas. Nas entrevistas realizadas, os entrevistados, quando questionados sobre as razões da escolha da cidade de Cascavel/PR, relataram o fato de possuírem amigos ou parentes residentes na cidade. Destacamos a fala de três entrevistados respectivamente: Dykenlove John Marcelin, 22 anos, solteiro; Jimmy Jean, 42 anos, casado, pai de dois filhos, que ficaram com a esposa no Haiti; Adénise Jean Pierre, 34 anos, solteira.

Na verdade tinha um primo, inclusive agora ele está morando nos Estados Unidos, mas ele morava aqui, ele pegou contato do lugar que eu estava na fronteira da Argentina com o Brasil, ligou pra mim e eu vim direto pra cá (Narrativa n° 1– pesquisa de campo 2016).

Quando eu cheguei aqui tinha um primo que morava, mas ele acaba viajando para os Estados Unidos, mas fica no México, por problemas de imigração e não pode entrar nos Estados Unidos, eu não posso ajudar. Minha família está no Haiti, moro com a Adénise que me ajuda e a prima dela (Narrativa n° 6– pesquisa de campo 2017).

Como eu era amiga do Jimmy Jean, porque trabalhamos na mesma escola no Haiti e ele tinha um primo que morava aqui e ele que me indicou aqui e disse que ia me ajudar quando viesse pra cá (Narrativa n° 7– pesquisa de campo 2017).

Em relação às principais rotas e trajetos percorridos pelos haitianos para o Brasil, observa-se que estas são diversas e vão se alterando com o tempo. Para chegarem ao país partem, geralmente, de Porto Príncipe no Haiti ou Santo Domingo na República Dominicana. De lá vão por via aérea para o Panamá e para o Equador, seguindo viagem de ônibus até Peru ou Bolívia. Após adentrarem nos países vizinhos ao Brasil, seguem viagem de barco ou caminhando pela floresta, até as

idades de Tabatinga no Amazonas ou Brasiléia e Eptaciolândia no Acre (LOUIDOR, 2011). Nesse sentido, Geraldo C. Cotinguiba (2014, p.89) afirma que:

A principal rota percorrida pelos haitianos para entrada no Brasil compreende um ponto comum até uma determinada parte da viagem e, no outro, se distingue em dois para a entrada no país. Os dois pontos de entrada são Tabatinga, no estado do Amazonas, na tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia e o segundo, em outro ponto semelhante, entre Brasil, Peru e Bolívia.

Nas ocasiões em que a chegada ao território brasileiro se dava pela fronteira com a Bolívia, a entrada ocorria pelos municípios de Eptaciolândia no Acre e Corumbá no Mato Grosso do Sul, grande parte dos migrantes que utilizavam essa rota provinha do Chile. Com o aumento das fiscalizações, os coites buscaram outros trajetos para o ingresso dos migrantes haitianos no Brasil (FARIA; FERNANDES, 2016).

Outros trajetos mencionados na pesquisa de Andressa V. de Faria e Duval Fernandes (2016), refere-se ao percurso por via aérea, em que os migrantes iam até a República Dominicana depois para Bolívia e seguiam para o município de Ibéria. Chegando lá, caminhavam pela Floresta Amazônica até o município de Cobija, cruzavam uma das duas pontes sobre o Rio Acre, chegando a Brasiléia/AC. Em outra rota mencionada, faz-se um deslocamento aéreo até São Domingo e de lá para o Quito. De Quito, através de ônibus até Letícia na Colômbia e deste até Tabatinga/AM. Corroborando nesse sentido, Sidney A. da Silva (2012, p. 304) assevera:

Se a entrada no Brasil pela porta da frente lhes havia sido inviabilizada, em razão das exigências legais, a rota traçada inicialmente pelos agenciadores era passar por alguns países sul-americanos que não lhes exigia visto para chegar à fronteira do Brasil, seja no estado do Amazonas ou do Acre, onde lhes seria mais fácil a entrada.

É necessário salientar, que países da América do Sul que não exigiam visto para haitianos, como a Argentina, Chile, Equador e Peru, foram utilizados como rota para os migrantes chegarem ao Brasil. Contudo, o restringir a entrada, sem implantá-las até o ano de 2013 (FERNANDES, 2014).

Na figura 02 apresenta algumas das rotas e trajetos utilizados pelos haitianos para a entrada no Brasil.

Figura 02 - Rotas e trajetos dos migrantes haitianos para o Brasil



Fonte: Revista SuperVarejo, 2015.

Em relação às rotas e trajetos utilizados pelos migrantes haitianos entrevistados, destacamos as falas de três entrevistados, que relatam terem passado por outros países, estados e municípios do Brasil até chegarem em Cascavel/PR: Dykenlove John Marcelin; Jeanalovy Innocent e Jimmy Jean.

Em 24 de dezembro de 2013 eu já estava na fronteira da Argentina com o Brasil, estava esperando o documento pra entrar, mas já estava dentro do Brasil. Eu sai do Haiti de avião até a Argentina e da Argentina de ônibus até Cascavel (Narrativa nº 1 – pesquisa de campo 2016).

Haitiano gosta de viajar muito, já fui na Guiana Francesa. Saí do Haiti fui para o Panamá, depois Equador, do Equador para Tabatinga no Amazonas

e depois pra Cascavel, já faz 3 anos que estou aqui (Narrativa nº 2 – pesquisa de campo 2016).

Eu viajei do Haiti, fui pro Equador passei uma noite no Equador, depois chego no Brasil, antes fui pra São Paulo passei vinte e dois dias em São Paulo depois eu cheguei em Cascavel (Narrativa nº 6 – pesquisa de campo 2016).

Com o passar do tempo e a possibilidade da obtenção do visto em Porto Príncipe (Haiti), muitos começaram a partir do Haiti por via aérea aos municípios brasileiros. Nesta perspectiva destacamos a fala do entrevistado Ronald Toussaint.

Saí do Haiti de avião até São Paulo e de ônibus até Cascavel (Narrativa nº 5 – pesquisa de campo 2016).

Nota-se que ao contrário dos primeiros fluxos migratórios discutidos anteriormente, em que houve utilização de uso dos coiotes, a maioria dos migrantes haitianos entrevistados escolheu uma rota já conhecida. Passando por países como a Argentina, Panamá, Equador, e ingressando no Brasil pelas cidades de Tabatinga/AM e São Paulo/SP, ou mesmo ingressando diretamente na cidade de Cascavel/PR.

Em síntese, a trajetória histórica do Haiti é marcada por instabilidade política, social, econômica e de catástrofes naturais, que estimularam ondas de migrações de parte de sua população ao longo dos anos. Depois do terremoto de 12 de Janeiro de 2010, nota-se um aumento expressivo da entrada dos migrantes haitianos no Brasil. A escolha do Brasil na rota migratória, apresenta diferentes facetas, tais como: a situação econômica do país em 2011; a visibilidade depois da realização da Copa do Mundo de 2014; a atuação do Brasil no Haiti por meio da MINUSTAH e a conduta do governo brasileiro após o terremoto.

Porém, a motivação para a migração dos haitianos para o Brasil, não está somente no discurso reducionista do terremoto. Conforme apresentamos, diversos haitianos que migraram não são oriundos da cidade de Porto Príncipe no Haiti, região afetada pelo sismo. Existe uma gama de fatores de ordem política, econômica, histórica e social que está ligada a decisão de migrar. Nesse sentido, o terremoto só vem a agravar problemas que existem a muito tempo e que são constantes no país, que fomentam uma conjuntura onde a população possui dificuldades para garantir condições mínimas de sobrevivência.

Como vimos, os haitianos que chegaram ao Brasil utilizaram de diversas estratégias. No início entravam de modo irregular, com o auxílio de coiotes, os acessos ao país se davam pelas cidades do Amazonas e do Acre, passando antes pelos países vizinhos do Brasil. Com o avanço dos fluxos migratórios, observamos por meio das entrevistas, que o acesso ao Brasil, modificou-se. Os migrantes utilizaram rotas já conhecidas, sem a utilização do auxílio dos coiotes, sendo que alguns dos interlocutores vieram diretamente para a cidade de Cascavel/PR.

Nesta perspectiva, observamos que as redes sociais, constituídas por amigos e parentes, contribuem nas escolhas de rotas de descolamento, bem como na decisão de migrar e na permanência destes migrantes na cidade.

Outro ponto que analisamos, refere-se ao campo jurídico, após chegar ao Brasil os migrantes haitianos necessitam regularizar a sua situação migratória. O movimento inicial, foi pela tentativa de obtenção do status de refugiado. No entanto, os migrantes haitianos não conseguem ser enquadrados dentro de tal perspectiva, por não estarem inclusos nos requisitos da Convenção de 1951, que considera refugiado aqueles que notadamente tenham alegado motivos de perseguição. A solução encontrada pelo CNIg foi conceder o visto por razões humanitárias.

Para controlar o fluxo migratório haitiano e coibir a ação dos coiotes, o governo brasileiro estabeleceu em 2012 a limitação de 100 concessões de visto por mês. Medida que trouxe problemas, como a necessidade de abrir uma lista de espera pelo Consulado e a superlotação do abrigo construído na cidade de Brasiléia no Acre. Para resolver a situação, em abril de 2013 o governo retirou a limitação do número de vistos aos haitianos. Nesta perspectiva, constatamos que os migrantes entrevistados não enfrentam problemas com o visto.

Dessa forma, para discutir a migração haitiana para o Brasil, e especificamente para a cidade de Cascavel/PR, procuramos analisar as diferentes questões relacionadas a este fluxo migratório, como a trajetória histórica do país, as especificidades das motivações dessa migração, as ações do governo brasileiro, as estratégias e trajetos utilizados e os problemas enfrentados por esses migrantes. Indo além, procuramos entender a inserção social dos migrantes haitianos, analisando as especificidades dessa inserção, dessa forma o próximo capítulo trará a discussão sobre esse tema.

A INSERÇÃO SOCIAL DOS MIGRANTES HAITIANOS

O migrante ao chegar ao local de origem se depara com novas configurações religiosas, culturais, econômicas e sociais, configurações que interagem com as experiências e os valores acumulados durante sua trajetória de vida. Com a migração e o contato com uma nova realidade, vários aspectos da vida do migrante acabam sendo impactados, resultado direto do contato com o “novo”. Para Homi K. Bhabha, durante esse encontro entre o novo e o antigo, entre o nativo e o estrangeiro, o migrante reencena, negocia e redefine sua cultura (BHABHA, 1998). Nesse aspecto, Sylvia D. Dantas pondera que o migrante traz consigo uma carga simbólica, mas no encontro com o outro, acaba por ter um conflito interno contínuo, que coloca em xeque o seu próprio modo de ser (DANTAS, 2010).

Segundo Eduardo Jr. Marandola, migrar é sair do seu lugar, resultando em um processo de redefinições, o que implica lançar-se em lugares de pouca ou nenhuma familiaridade, onde há pouco ou nenhum controle (MARANDOLA, 2008). Nesse sentido, Baeninger e Souchaud (2007, p. 04) argumentam que:

Hoje a migração, em muitos casos, não é um processo linear, mas feita de desvios, retornos, idas e vindas. A multiplicação dos lugares na migração não é aleatória, constitui ou acaba formando uma estratégia na qual os espaços são considerados como recursos num recurso cumulativo. A circulação de indivíduos e de bens e informações que lhes são associados, em diferentes espaços articulados entre si, criam uma dinâmica territorial complexa.

Abordar o fluxo migratório haitiano, implica abordar o sujeito que migra. Arjun Appadurai (2004) afirma que as migrações de pessoas de um país para outro, ou o deslocamento dos refugiados, podem transformar vidas cotidianas em novos projetos sociais. Segundo Saskia Sassen (2014), esses grupos ou comunidades cada vez mais desejam ampliar seu pertencimento político e buscam por meio da cidadania o seu reconhecimento.

Nesse contexto, pretendemos nesse capítulo analisar questões relacionadas a inserção dos migrantes haitianos no Brasil e com maior atenção a cidade de Cascavel/PR. Como já apontamos anteriormente, a chegada do fluxo migratório haitiano e a falta de estrutura do país para recebê-los, fez com que a sociedade civil desenvolvesse diferentes ações para acolhê-los. Dessa forma, cabe indagar

primeiramente a respeito do processo de acolhimento destes sujeitos, que em grande medida, foi realizado por redes privadas, confessionais ou laicas.

Na cidade de Cascavel/PR não existem abrigos para o acolhimento dos migrantes haitianos, cabendo as instituições religiosas esse papel. Problematizando neste sentido, Rosangela Silva Ferreira (2017) que trabalha na Cáritas Arquidiocesana de Cascavel/PR afirma que:

Nós precisamos ter olhares do Estado sobre as questões da migração haitiana. Pois a partir do momento que você diz venham, mas que vir é esse? que acolhimento é esse? que nível nós estamos? Os haitianos não estão morando nas ruas, porque eles se ajudam, porque não existem casas de passagem aqui na cidade (Narrativa nº 8– pesquisa de campo 2017).

Corroborando neste aspecto, o reverendo da Igreja Anglicana Luiz Carlos Gabas (2014) afirma que:

A igreja não pode se furtar de uma de suas principais funções que é compromisso com os direitos humanos. Temos essa preocupação da proteção e do acolhimento dessas pessoas que vem de outros países que vem à Cascavel em busca de um recomeço (LAÍNY, 2014, p. 1).

Em conformidade com a questão do acolhimento observamos algumas ações nos estados do Amazonas, São Paulo e Santa Catarina. Na cidade Manaus/AM, destacamos a pesquisa de Kátia Couto (2016), que descreve a acolhida dos migrantes haitianos pela Pastoral do Migrante. Ela destaca que os migrantes foram abrigados em vários alojamentos localizados em seis bairros da cidade, como também na própria Casa de Acolhida da Pastoral do Migrante.

A Pastoral do Migrante (SPM) da Arquidiocese de Manaus, atuou de forma efetiva no acolhimento de migrantes haitianos, através de várias atividades e medidas que buscavam garantir serviços de assistência imediata e articulando parcerias no intuito de inserir esse migrantes no ambiente social de destino (COUTO, 2016, p. 170).

Segundo Andréia B. de Souza e Leila de Menezes Stein (2015), uma grande quantidade de migrantes haitianos é acolhida pela Missão de Paz na cidade de São Paulo/SP.

Até o final de 2015, São Paulo já havia recebido cerca de 60% do fluxo migratório haitiano, e foi considerado o estado que mais acolheu os haitianos que chegavam pelo Acre e pelo Amazonas. Destes imigrantes, grande parte foi e ainda está sendo amparada na Paróquia Nossa Senhora da Paz (Missão Paz), instituição religiosa ligada à igreja católica que conta

com uma equipe diversa e especializada no acolhimento de migrantes e refugiados, ajudando-os com alimentação, documentação, moradia e emprego (SOUZA; STEIN, 2017, p. 5).

Lembramos que a Missão de Paz pertence à Congregação dos missionários de São Carlos. A congregação foi fundada pelo bispo italiano Giovanni Battista Scalabrini, sendo conhecida também por Scalabrinos, com o objetivo de atender os imigrantes italianos, mas atualmente atende migrantes e refugiados de mais de setenta nacionalidades e faz parte da Rede Solidária para Migrantes e Refugiados, formada por 55 entidades distribuídas no país (PARISE, 2016).

Conforme Paolo Parise (2016), a Missão da Paz começou a sua atuação na década de 1930 na cidade de São Paulo/SP e atualmente tem sua estrutura formada pela Casa do Migrante, que tem a capacidade de atender 110 migrantes ou refugiados. Além disso, a missão possui o Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes, que auxilia nos aspectos de documentação, jurídico, trabalho, cursos, saúde e educação, atendendo os núcleos familiares e a comunidade. Faz parte também da estrutura da Missão da Paz o Centro de Estudos Migratórios e a Igreja Nossa Senhora da Paz.

Por fim, destacamos a pesquisa de Gláucia de Oliveira Assis e Luís F. A. Magalhães (2016), que revelou que após o recrutamento de migrantes haitianos por empresas do estado de Santa Catarina, a vinda destes migrantes passou a ser mediada pelas redes sociais.

Estas redes sociais possuem como principal expressão atualmente a existência de Associações de Haitianos nestas cidades, especialmente em Balneário Camboriú, Itajaí e Navegantes. Passam pelas associações os trâmites trabalhistas, a ajuda com a hospedagem e o encaminhamento das questões relacionados à educação e à saúde dos imigrantes. Cada um destes fatores relaciona-se com a abertura da possibilidade de se trazer parentes e amigos que ainda permaneceram no Haiti. Até junho de 2014, havia em Balneário Camboriú dois estabelecimentos com o intuito de facilitar a integração na cidade e oferecer serviço de telefonia e comunicação por internet com seus amigos e familiares (ASSIS; MAGALHÃES, 2016, p. 237).

Em certa medida, a atuação dessas entidades exerce funções que deveriam ser de responsabilidade do Estado. Dessa forma, “atuam fortemente nas lacunas deixadas pela ação estatal, configurando como espaços nos quais os indivíduos que compõem os fluxos migratórios buscam a primeira acolhida em território brasileiro” (ARAÚJO, 2016). Para Giuliana Redin (2013), o Estado mantém o migrante sob um espectro de pseudodireitos, desprezando as demandas necessárias para a

manutenção de uma vida digna no país, ou seja, eles são incluídos para então serem excluídos pelo país de destino. Corroborando nesse sentido José R. de Campos Araújo (2016, p. 392), afirma que:

Sem dúvida, quando analisamos as estruturas administrativas do Estado brasileiro voltadas para a realidade migratória, vemos que no nível federal as funções se dividem entre o Ministério da Justiça e do Trabalho, algo aparentemente óbvio, pois são os órgãos que tratam de duas dimensões importantes do fenômeno – a dimensão jurídica e da permanência de estrangeiros em território nacional; e a principal atividade, o trabalho, que os indivíduos buscam como forma para se inserirem na sociedade de destino. Tanto que a dimensão do trabalho sempre está presente nos discursos dos atores envolvidos com o fenômeno migratório, e, parece ser, uma das principais dimensões presentes nos discursos dos agentes de Estado quando se tratam de estabelecer ações para a população migrantes, bem como para seus indivíduos.

No capítulo anterior, discutimos a respeito das ações empreendidas pelo governo brasileiro nas questões jurídicas de regularização dos migrantes haitianos que chegaram no Brasil em 2010. O movimento inicial foi a tentativa de obtenção status de refugiado, mas que devido ao não enquadramento na categoria descrita pela convenção de 1951, a solução encontrada pelo CNIg foi conceder o visto por razões humanitárias. Apesar do avanço nesse âmbito, com a Nova Lei de Migrações (nº 13.445/2017), Matheus W. de Moraes (2017, p. 44-45), afirma que “o Estado mantém estruturas determinantes no destino dos migrantes.”

Destarte, embora os ressaltados avanços trazidos com o advento da Nova Lei de Migração no tocante à questão dos direitos humanos do imigrante, manteve-se espaço para a seletividade do Estado no que concerne à entrada de imigrantes no País, à medida que abre brechas para estabelecer óbices quase intransponíveis aos imigrantes considerados indesejáveis, potencializando a proteção do Estado em detrimento da proteção ao sujeito (MORAES, 2017, p.45).

Conforme Matheus W. de Moraes (2017), para o Estado é importante manter no país os migrantes que contribuam economicamente, nem que isso signifique a vulnerabilidade social do migrante.

No entanto, não é desejável que os sujeitos imigrantes tenham capacidades de denúncia aos abusos e possuam voz frente à sua situação, como categoria organizada. Para isso, direitos são suprimidos e a possibilidade de concessão de vistos e permanência dificultados, para que seja mantida a clandestinidade e, por conseguinte, a falta de voz e possibilidade de mudança digna na sociedade (MORAES, 2017, p.45).

Essa ausência do Estado em relação às políticas públicas, pode ser explicada também pela forma que o Brasil incorporou o negro na sociedade ao longo dos anos. Segundo Florestan Fernandes (1978), as transformações históricas e sociais não mudaram a ordenação das relações raciais, herdadas da escravidão. Dessa forma, foram inseridos na sociedade nas camadas mais baixas, “mantendo o negro e o mulato numa situação social desalentadora, iníqua e desumana” (FERNANDES, 1978, p.7).

Neste contexto, observa-se que após o migrante ter o primeiro contato com as estruturas administrativas do país, por meio da Polícia Federal para sua regularização, os migrantes não encontram nenhuma estrutura de inserção. Geralmente as ações empreendidas pelo Estado brasileiro, em relação à migração são ações pontuais e paliativas, que não tratam das estruturas no âmbito social, político e econômico. Corroborando neste sentido, Aline M. T. Arruda (2015 p. 23) afirma que:

Pensar a participação do Estado na formulação de uma política migratória com iniciativas no sentido da inserção social de estrangeiros implica em definir ações e metas que procurem lidar com essas questões evitando essa tendência à exclusão e marginalização de imigrantes.

A ausência do Estado nas questões relacionadas ao fluxo migratório haitiano, leva as entidades de cunho religioso, juntamente com as ONG's (Organizações Não Governamentais), a uma certa centralidade na inserção e acolhimento destes migrantes. Neste sentido, José R. de Campos Araújo (2016, p. 393), assevera que:

Estas entidades realizam importantes ações no sentido de providenciarem abrigo provisório e inicial em território brasileiro, alimentação, além de intervenções diretas no sentido de colocarem os migrantes com o mercado de trabalho brasileiro.

No entanto, como também mencionamos as instituições religiosas vão além do acolhimento, atuando com ações que visam a inserção dos migrantes haitianos em várias esferas. Nesse sentido, vale salientar que, durante o caminho percorrido na pesquisa, o campo constitui-se em uma relação contínua, não sendo reduzido apenas as entrevistas, pois envolveu observação participante, principalmente por meio da participação do Fórum dos Haitianos, que visou, em um primeiro momento, entender algumas das formas de organização que os haitianos estabeleceram na cidade. Segundo Victor V. Valla (2000, p. 23-24):

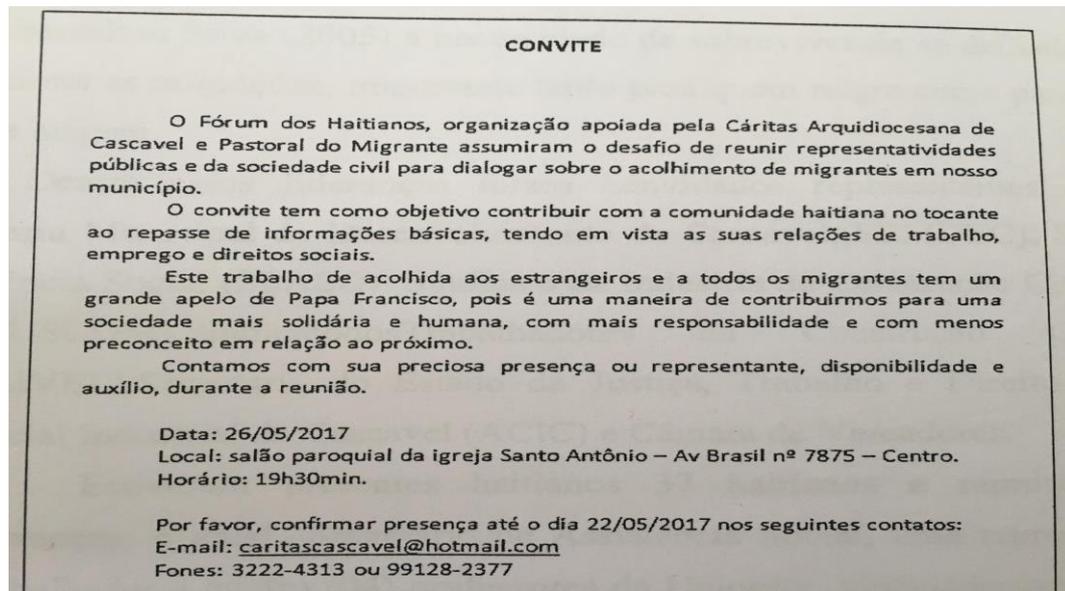
É necessário que o esforço de compreender as condições e experiências de vida como também a ação política da população sejam acompanhados por uma maior clareza das suas representações e visões de mundo. Senão corremos o risco de procurar (e não encontrar) uma suposta identidade, consciência de classe e organização que são, na realidade, uma fantasia nossa.

O Fórum foi criado em 2016, realizando reuniões mensais com o intuito de desenvolverem estratégias para a inserção dos migrantes haitianos. Nas reuniões participam além dos migrantes haitianos, funcionários da Cáritas, pesquisadores vinculados a universidades, bem como representantes dos poderes públicos. Rosangela Silva Ferreira (2017) nos esclarece como funciona e quais são os objetivos do Fórum.

Nós apoiamos que os haitianos se organizem, incentivamos o que a gente chamou de Fórum dos Haitianos, eles se reúnem aqui na Cáritas, uma vez por mês. Nós trabalhamos com a metodologia do coletivo, ou seja, existe um Plano Estadual de Políticas Públicas para promoção da defesa dos direitos dos refugiados, migrantes e apátridas do Paraná, que vai discutir eixos da educação, trabalho e saúde. E na questão dos direitos, nós vamos orientá-los para que eles possam lá na comunidade deles através do Fórum, estar trazendo as maiores necessidades que eles possuem. A partir disso vamos passar a provocar o Município e o Estado. Por exemplo, nós participamos 10 dias atrás, do Conselho Estadual do Trabalho e Economia a nível de Estado que aconteceu na ACIC, pra dizer olha nós estamos com dificuldades, de trabalhar nesse sentido. Nós provocamos também o Município, dizendo olha não dá mais pra colocar debaixo do tapete, está aí e vai ter que ser feita alguma coisa, então acho que é esse o papel, o de provocar, dialogar, dizer olha a gente tem que se unir (Narrativa nº 8 – pesquisa de campo 2017).

No dia 27 de maio de 2017 foi realizado um dos encontros do Fórum que teve como objetivo redigir uma carta direcionada as lideranças de Cascavel/PR, expondo as dificuldades para a inserção laboral e sugerindo algumas propostas para o problema.

Figura 03 – Convite do Fórum dos Haitianos



Fonte: Cáritas Arquidiocesana de Cascavel, 19 de maio de 2017 (Foto: Carmem A. Manica).

Além do Fórum dos Haitianos, a Cáritas em parceria com a Pastoral dos Migrantes organizou o 1º Festival da Cultura Haitiana, que ocorreu no dia 28 de maio de 2016, no salão da igreja São Cristóvão. O Festival contou com apresentações e a venda de artesanato e comidas típicas. Uma das opções culinárias vendidas no dia do evento foi a lasanha de banana⁵, que apesar de não ser uma comida típica do Haiti, a banana é uma fruta muito utilizada na culinária haitiana, como por exemplo a Fritay.⁶

Figura 04 – Lasanha de banana



Fonte: CATVE. Publicado em 28 de maio de 2016.

⁵ Os ingredientes da lasanha de banana são: carne bovina, banana e queijo.

⁶ A Fritay é conhecida como comida de rua e consiste em banana frita com algum acompanhamento.

Em conformidade com a questão de ações que visam a manutenção de práticas culturais haitianas e a inserção dos migrantes na cidade de Cascavel/PR, a Cáritas oferece cursos de artesanato as mulheres haitianas. Neste sentido, Rosângela Silva Ferreira (2017), esclarece como funcionam esses cursos.

Nós estamos oferecendo aulas de artesanato, pra mulheres haitianas, então, o artesanato acaba por fortalecer a cultura delas com o Haiti e além dos curso, a gente também organiza as feiras de economia solidária, bem como as festas de igreja para elas colocarem os produtos delas a venda (Narrativa n° 8– pesquisa de campo 2017).

Os produtos confeccionados pelas haitianas expressam um pouco da cultura haitiana, produtos estes que vão desde panos de prato, descansos de panelas, agendas, cadernos, blocos de anotações e bolsas.

Figura 05 - Artesanato



Fonte: Cáritas Arquidiocesana de Cascavel, 9 de junho de 2017 (Foto: Carmem A. Manica)

Os produtos confeccionados pelas migrantes nos cursos de artesanato proporcionados pela Cáritas, além de serem vendidos nas festas das igrejas católicas e em feiras, são também vendidos nos bazares de economia solidária, que ocorrem na própria instituição em um sábado do mês, no período vespertino.

Figura 06 – Economia solidária



Fonte: Página do Cáritas Cascavel na Rede social Facebook. Publicado em 1 de dezembro de 2017.

Essas ações organizadas pelas instituições religiosas e pelas ONG's, que vão desde o acolhimento até a inserção dos migrantes haitianos, acabam por minimizar e auxiliar no enfrentamento dos problemas encontrados no fluxo migratório. Contudo, existem iniciativas dos próprios migrantes. Neste sentido, vale mencionar a criação de uma Associação de Defesa da População Haitiana no ano de 2014. A primeira Assembleia foi realizada no dia 13 de abril de 2014 e contou com a presença de aproximadamente 80 haitianos.

O encontro deste domingo foi uma iniciativa do vereador Paulo Porto (PCdoB), em conjunto com a Igreja Episcopal Anglicana e a pró-reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Além de aproximar os estrangeiros da população local e lutar pela garantia de direitos, a associação pretende preservar a cultura haitiana (CAMPOS, 2014, p. 01).

No dia 04 de maio de 2014, os haitianos voltaram a se reunir para definir os membros responsáveis pela coordenação da associação e para discutir a realização de um evento para a comemoração do Dia da Bandeira Haitiana, em 18 de maio.

A reunião aconteceu na Câmara de Vereadores e contou com a presença de cerca de 30 haitianos. Neste início de organização, a associação contará com uma direção provisória com prazo de um ano. Dividida por coordenações, a entidade irá elencar demandas dos haitianos na cidade, em especial nas áreas trabalhistas, de documentação, saúde e educação. A associação será coordenada por Joe Evens Celintery (coordenador geral) e Marcelin Geffard (coordenador auxiliar). A entidade ainda contará com um secretário geral, um responsável pelas finanças, comunicação, além de

delegados e conselheiros, sendo um deles brasileiro: o professor Elenar Muller (CARIGNANO, 2014, p.01).

Neste sentido, em 18 de maio de 2014 a Associação organizou uma caminhada e um ato na Câmara de Vereadores, para a comemoração do dia da Bandeira do Haiti. Entretanto, a principal ação da associação foi a confecção de uma cartilha em português e *créole* haitiano. Essa primeira organização acabou desaparecendo, sendo retomada por um grupo de haitianos que se reuniu na Igreja Anglicana em abril de 2016, visando atuar sobre o controle do fluxo de migrantes haitianos na cidade, por meio do cadastramento e filiação à entidade (EBERHARDT, 2017).

Em 2016 a Associação Haitiana de Cascavel, já reorganizada, realizou com o apoio da Prefeitura Municipal, o “Show des Arts”, que contou com apresentações artísticas e onde foi cobrada uma entrada de R\$ 10,00 destinados a Associação (EBERHARDT, 2017).

Figura 07 – Show des Arts



Fonte: Página do Centro Cultural Gilberto Mayer na Rede social Facebook. Publicado em 8 de julho de 2016.

Na cidade de Porto Velho/RO observamos que em maio de 2013 foi organizado um momento de comemoração pelo dia da Bandeira como o que ocorreu em 2014 na cidade de Cascavel/PR.

Em um evento realizado em maio de 2013, percebemos a importância de momentos de confraternização e diversão para o grupo. Referimo-nos ao dia 18, data da comemoração do dia da Bandeira, um acontecimento de suma importância histórica e que muito revela da haitianidade, ou seja, o que vimos pode ser descrito como sinônimo de orgulho. Em coro, cantaram durante cerca de cinco minutos o Hino Nacional haitiano com o braço direito dobrado em noventa graus e a mão junto ao peito (COTINGUIBA, 2014, p.140).

Outra ação que vale ser mencionada refere-se à criação de um programa de rádio em 2014, voltado não só para os migrantes haitianos que residem em Cascavel/PR e região, mas também para os familiares destes migrantes que tem acesso ao programa pela internet.

Além de matar a saudade da cultura e da família que deixaram no País de origem, o programa Haiti Universal também é uma ferramenta para auxiliar aqueles que vivem refugiados aqui na região. Eles, bem como outros haitianos espalhados pelo Brasil, nem sempre conseguem falar com frequência com os familiares e por vezes encontram dificuldades em encontrar boas oportunidades por aqui, diferentemente do que imaginavam quando migraram para cá e uma programação voltada para eles é como ter um pedacinho do Haiti aqui. Em função disso, até mesmo a escolha das músicas é feita com cuidado para que os haitianos se sintam reconfortados com as mensagens que vão ao ar (CRISTINA; BIANCO, 2014, p.01).

No ano de 2018, entramos em contato com a Rádio Norte FM 104,9, afim de obter informações sobre o programa voltado aos haitianos e nos foi repassado que o mesmo havia sido retirado da programação, porém, não nos foi informado qual seria a justificativa para a retirada do programa.

Outro aspecto importante que merece atenção, refere-se às moradias ocupadas pelos haitianos nas cidades brasileiras. A pesquisa de campo do pesquisador Geraldo C. Cotinguiba (2014), realizada em Porto Velho/RO, revelou que alguns proprietários se negam a alugar seus imóveis aos haitianos, chegando a aumentar os valores dos mesmos.

A referida área da cidade onde vivem os haitianos – localizada em alguns bairros próximos à área central da cidade – é marcada pelo que se conhece localmente como “estâncias”, ou seja, vários quartos num mesmo imóvel – chamados apartamentos – ou quitinetes em um mesmo terreno, locados a preços que variam entre R\$ 300,00 a R\$ 500,00, além da conta de luz e uma contribuição para a conta de água. São divididos por dois, três e até

mesmo por cinco pessoas. São verdadeiros cortiços, muitos mal construídos, sem ou com pouquíssima ventilação, às vezes com banheiro coletivo, cobertos com telhas de amianto (COTINGUIBA, 2014, p.139).

Na cidade de São Paulo/SP a situação descrita pelo jornal Estadão em 2013 revela uma situação crítica dos migrantes, que os força a se inserirem nos movimentos sem-teto.

Um drama do primeiro mundo chegou ao Brasil. O aumento da imigração de latino-americanos, como bolivianos, paraguaios, peruanos e haitianos, empurrou essas pessoas para favelas, cortiços e terrenos invadidos na cidade de São Paulo. Sem dinheiro para pagar aluguel, eles se tornam cada vez mais conhecidos dos movimentos sem-teto, que os ajudam a se legalizar e entrar nos programas de habitação (RODRIGUES; GODOY; FUKUDA, 2013, p.01).

Na cidade de Cascavel/PR a situação das moradias ocupadas pelos haitianos, não diverge muito de outras cidades brasileiras. Neste sentido, Rosângela Silva Ferreira (2017) afirma que:

Eles moram cinco, seis, sete pessoas em casas muito pequenas ou quitinetes, outro fator é o fato de que o proprietário do imóvel se sente prejudicado, pois aluga o imóvel pra três pessoas, de repente tem cinco, seis, sete pessoas, sendo que um ou dois trabalham no máximo (Narrativa nº 8– pesquisa de campo 2017).

Em sua maioria, as entrevistas com os haitianos foram realizadas, a pedido dos mesmos, em suas residências, o que nos permitiu constatar que a maioria dos imóveis ocupados pelos migrantes haitianos são simples e que devido a situação financeira optam dividir os aluguéis com outros moradores. Neste sentido, destacamos a fala da interlocutora Jesula Fils Aimé, 44 anos, que reside em uma casa simples de madeira, com poucos móveis e no qual no lote tem mais uma casa nos fundos que pertence aos proprietários. A casa fica localizada no bairro São Cristovão na região leste da cidade de Cascavel/PR.

Moro aqui nessa casa com a minha prima Adénise, assim dividimos o aluguel que é de R\$ 560 reais mais a água, eu gosto de morar aqui é perto do Colégio que vou para a aprender português (Narrativa nº 9 – pesquisa de campo 2017).

Em relação as regiões em que os migrantes residem na cidade de Cascavel/PR, observa-se a predominância da região Sul, Leste e Oeste. Segundo Leonardo D. Eberhardt (2017, p. 86), as moradias alugadas pelos haitianos estão localizadas, “sobretudo, nos bairros Universitário e Santa Felicidade (Sul); São

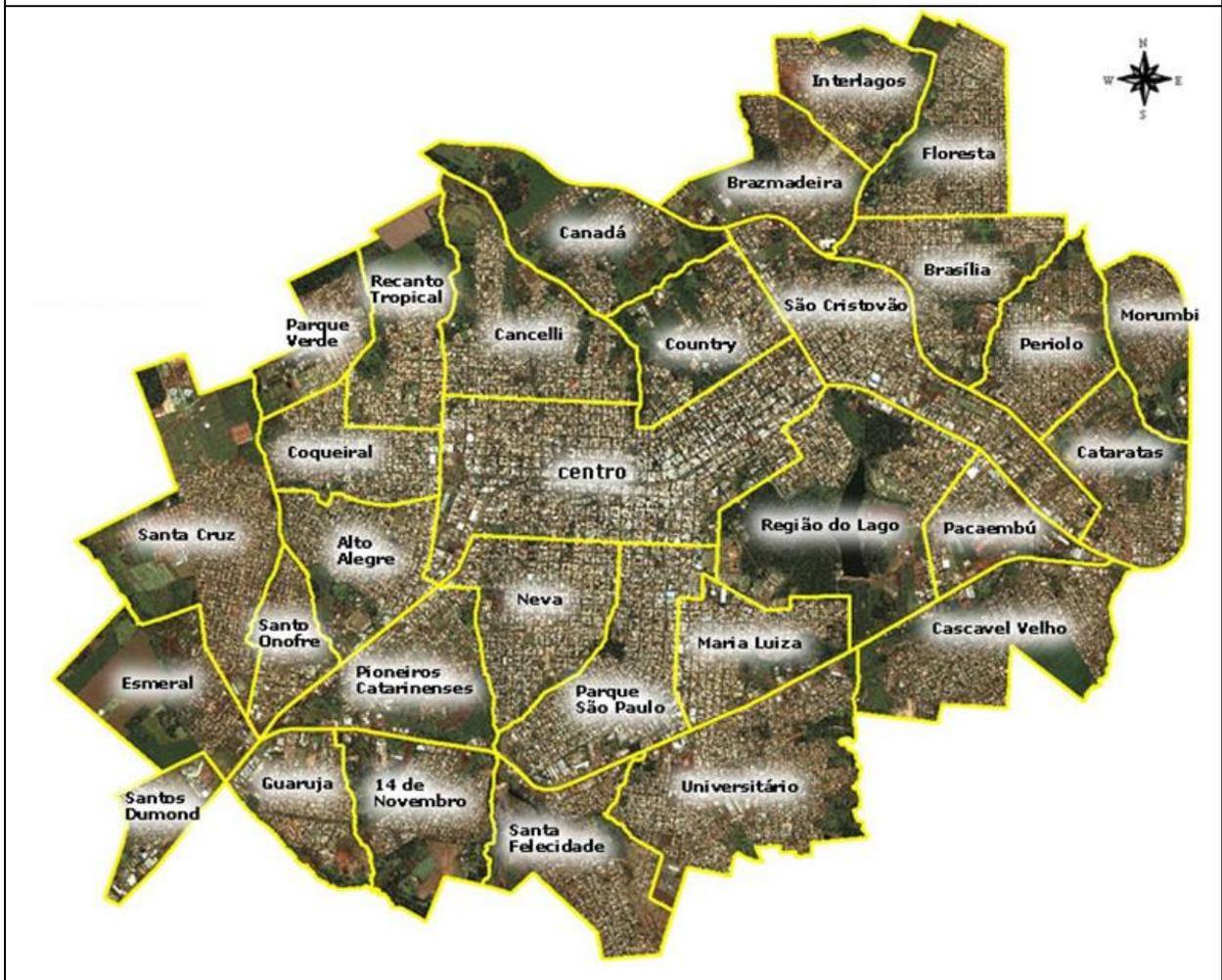
Cristovão, Cascavel Velho, Cataratas e Morumbi (Leste); Santa Cruz e Santo Onofre (Oeste)”. Em conformidade com essa questão, no mesmo ano referido, uma matéria divulgada pela CATVE (2017), informa que na região oeste de Cascavel, moram 565 haitianos no Bairro Alto Alegre, enquanto 413 haitianos moram no Coqueiral.

Na região Sul, fica localizado a UNIOESTE Campus de Cascavel/PR, contando com várias opções de imóveis para locação, além de estar localizada a Cooperativa Agroindustrial de Cascavel - Coopavel, uma das maiores empregadoras de migrantes haitianos da cidade. A região Leste, possui acessos a BR 469 e a BR 277 onde está localizada a Coopavel. Já na região oeste de Cascavel/PR, está localizada a Prefeitura Municipal de Cascavel, o Terminal Rodoviário, uma Universidade privada e dois Centros Universitários. A região também conta com vários imóveis para a locação. Um dos Centros Universitários que possui endereço na região é o Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz - FAG⁷, que também é uma das empresas da cidade que contratou haitianos.

Dessa forma, nota-se que, as regiões resididas pelos haitianos na sua maioria, são bairros próximos às empresas em que eles trabalham, ou também a estruturas que frequentam e utilizam, bem como bairros que possuem opções de imóveis para a locação, principalmente quitinetes, que geralmente possuem valores mais baixos se comparados a outros tipos de moradias.

⁷ O Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG) é uma instituição de ensino superior de caráter privado da cidade de Cascavel/PR.

Figura 8 - Bairros da cidade de Cascavel/ PR



Fonte: Governo do Paraná, 2018.

Na pesquisa quantitativa realizada pela UNILA no ano de 2014, que já foi citada anteriormente, foram entrevistados 70 migrantes haitianos, evidenciando que na cidade de Cascavel/PR, a grande maioria dos haitianos residentes era do sexo masculino (89%), com idade entre 25-34 anos (52%) e com ensino médio completo (37%). A maioria residia em casas de alvenaria, com mais de três pessoas, no qual dividiam com amigos e pagando mais de R\$ 150,01 de aluguel por mês.

Por fim, nota-se que a cidade de Cascavel/PR, não possui uma estrutura de acolhimento e recepção aos migrantes, situação que se assemelha à outras cidades brasileiras, que devido a ausência do Estado em ações de acolhimento, as instituições religiosas e as ONG's, geralmente acabam por exercer esse papel.

Em relação a habitação, os haitianos devido a situação financeira optam por dividir os aluguéis com outros moradores haitianos, que são geralmente habitações simples, optando também devido ao custo, pelas chamadas quitinetes.

Nota-se também que, os migrantes haitianos por meio das redes constituídas na cidade de Cascavel/PR, desenvolveram ações de inserção na região. Ações essas que vão desde a criação dos Fórum dos Haitianos, a Associação dos Haitianos, o 1º Festival da Cultura Haitiana e o “Show Arts”. Dessa forma, constata-se que o fluxo migratório haitiano não se encerra de maneira simples, pois ele está vinculado diretamente com a conquista de um espaço que lhes garantam melhorias de vida em um sentido amplo, que não se restringe ao mercado de trabalho.

2.1 Educação e a Língua

Depois de problematizarmos o acolhimento e alguns elementos referentes ao processo de inserção social, torna-se relevante avançarmos e analisarmos outros dois pontos que dizem respeito à educação e ao aprendizado da língua portuguesa. Neste contexto, buscaremos neste tópico apresentar e analisar as ações empreendidas pelo governo brasileiro, bem como pela sociedade civil, que objetivam garantir o acesso à educação e o aprendizado da língua pelos migrantes, bem como apresentar as problemáticas referentes a esses dois processos.

Clóvis Gorczewski (2005) entende que o elemento fundamental para a cidadania é a educação. Para o autor a base da cidadania é o desenvolvimento integral do homem, o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais, a compreensão, a tolerância e a amizade entre os grupos étnicos e religiosos e entre as nações. Neste sentido, Gislene Santos (2001, p. 65) afirma que:

Para que o cidadão possa atuar no sindicato, no partido político etc., é necessário que ele tenha acesso à formação educacional, ao mundo das letras e domínio do saber sistematizado. Em consequência disso a formação do cidadão passa necessariamente pela educação escolar.

No contexto do fluxo migratório haitiano, o debate sobre a inserção social perpassa sobre os direitos assegurados, incluindo-se aí o direito à educação. Neste sentido a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, elaborado em 1990 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO (1990) destaca:

Os pobres: os meninos e meninas de rua ou trabalhadores; as populações das periferias urbanas e zonas rurais os nômades e os trabalhadores migrantes; os povos indígenas; as minorias étnicas, raciais e linguísticas: os refugiados; os deslocados pela guerra; e os povos submetidos a um regime

de ocupação - não devem sofrer qualquer tipo de discriminação no acesso às oportunidades educacionais.

Nesse sentido, destacamos a pesquisa de Alice Krämer Iorra Schmidt; Marta Luisa Piccinini e Márcia Solange Volkmer (2016), na qual analisaram uma escola municipal na cidade Arroio do Meio no Estado do Rio Grande do Sul, onde existiam seis alunos haitianos de idades que variam entre 6 a 17 anos. Na ocasião verificaram a inexistência de políticas estaduais ou municipais para a inserção dos migrantes nas escolas ou que minimizassem os problemas derivados das fricções culturais vivenciadas pelos estudantes, as iniciativas observadas partiram diretamente da própria escola. Conforme Alice Krämer Iorra Schmidt; Marta Luisa Piccinini e Márcia Solange Volkmer (2016, p.35):

Algumas adaptações na sistemática de aula foram realizadas para permitir um melhor acolhimento dos imigrantes pela escola e superar algumas dificuldades com relação à comunicação. Num primeiro momento, a instituição buscou auxílio de uma pessoa, na comunidade, que falasse francês para permitir esse contato inicial com os pais dos alunos estrangeiros, compreender quem eram esses recém-chegados, onde estavam trabalhando no Brasil, no que trabalhavam no Haiti e traduzir eventuais documentações. Na sala de aula, a comunicação foi estabelecida através do uso de computador ou aparelho celular para acessar programas de tradução, a exemplo do Google Tradutor, a fim de permitir a melhor compreensão, por alunos e professores, do francês e do crioulo haitiano, que são as línguas oficiais do Haiti.

Na cidade de Cascavel/PR, a situação dos alunos haitianos matriculados na rede municipal, não é muito diferente da cidade Arroio do Meio/RS. Conforme reportagem de Aline Cristina e Bruna B. da Luz, divulgada em 2014 pela Gazeta do Paraná, as escolas municipais não possuíam intérpretes, situação que fazia com que tivessem que contar com o esforço e dedicação dos alunos e professores. De acordo com elas, a Rede Municipal de Educação possuía no ano de 2014, “um total de 23 alunos haitianos matriculados no Ensino Fundamental e 9 matriculados em Cmeis⁸. São 8 escolas e 8 Cmeis com alunos desta nacionalidade” (CRISTINA; LUZ, 2014, p. 01).

Segundo dados da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Cascavel/PR, no ano de 2018 o número de matrículas na rede considerando a Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais e a Educação de Jovens e

⁸ Cmei: Centro Municipal de Educação Infantil

Adultos (EJA) era de 30.521 matriculados. Em relação aos migrantes haitianos, Romulo Grigoli (2018, p. 01) afirma que:

Crianças haitianas representam o maior número de estrangeiros que hoje frequentam escolas municipais de Cascavel. Cerca de 100 alunos estão matriculados e desse total, mais de 90% são haitianos. A maior parte deles está matriculada nos 3º e 4º anos.

Em relação a Rede Estadual, segundo dados do Núcleo Regional de Educação da cidade de Cascavel/PR, o número de matrículas na rede, no ano de 2018 é de 31.308 alunos matriculados, considerando um total de 42 escolas. Devido ao fato de que esses dados são referentes a matrículas no geral e não consideram a nacionalidade dos alunos. Entramos em contato no ano de 2018, com as secretarias de algumas escolas da cidade, com o objetivo de obter dados quantitativos dos haitianos matriculados na Rede Estadual. As escolhas das escolas se restringiram a região oeste da cidade, tendo em vista ao número considerável de haitianos residentes nessa região, apresentados anteriormente, bem como ser a região em que a maioria dos entrevistados residia.

No Colégio Estadual Professor Victório Emanuel Abrozino, o número de haitianos matriculados é de 4 alunos, sendo 3 no Ensino Fundamental Anos Finais e 1 no Ensino Médio. No Colégio Estadual Júlia Wanderley, o número de haitianos matriculados é de 2 alunos, sendo 1 no Ensino Fundamental Anos Finais e 1 no Ensino Médio. No Colégio Estadual Padre Carmelo Perrone, a responsável pela secretaria nos informou que o colégio possui aproximadamente 50 haitianos matriculados, tanto no Ensino Fundamental Anos Iniciais e no Ensino Médio, nos três turnos.

Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), segundo dados do Núcleo Regional de Educação da cidade de Cascavel/PR, o número de matriculados no ano de 2018 é de 2.212 alunos. Sendo 1.111 alunos no Ensino Fundamental – Fase II e 1.101 alunos no Ensino Médio. Neste sentido, Romulo Grigoli (2018, p. 01) afirma que:

Uma das alternativas buscadas pelo público estrangeiro para aprender o português é o Ceebja (Centro de Educação Básica para Jovens e Adultos). Atualmente cerca de 20 estrangeiros estão matriculados nessa modalidade de ensino e a maioria é de haitianos. “São matriculados nas variadas disciplinas, preferencialmente na Língua Portuguesa, como a primeira delas”, explica a equipe do Ceebja. No decorrer dos estudos, os alunos seguem as etapas previstas para a conclusão da educação básica.

Dessa forma, nota-se que apesar da falta de políticas públicas, que vão desde a ausência de treinamentos ou de contratação de intérpretes para a inserção do migrantes nas escolas, esses alunos estão sendo inseridos no espaço educacional, em um esforço conjunto dos profissionais de educação e dos próprios haitianos. Corroborando neste sentido, Alice L. Mattos, Cristina A. Sarturi e Leandro A. Borges (2015, p.68) afirmam que:

Partindo-se do pressuposto de que migrar é inerente a todos - haja visto a mobilidade ser um processo natural - e, portanto, um direito humano, deve ser assegurado, onde quer que seja, um local adequado e uma vida digna àqueles que decidem dar um novo rumo à sua vida ou são forçados a tanto. Nesse sentido é que as políticas públicas devem ser pensadas e propostas, de modo que o imigrante seja, de fato, sujeito de direitos e não fique submetido a condições desumanas - semelhantes ou, muitas vezes, piores - àquelas das quais está buscando melhoria.

Em conformidade com a questão de ações individuais e o esforço conjunto realizado, principalmente, por professores e equipes pedagógicas, cabe mencionar a organização de um projeto com o objetivo de proporcionar aulas de tênis de mesa para haitianos na cidade de Cascavel/PR em 2017. O projeto foi inspirado no jovem haitiano Edson Jean François, de 15 anos, que organizou na garagem de sua casa um centro de treinamento, utilizando uma mesa velha e chinelos ou cadernos como raquetes. O projeto foi organizado pelo professor Edson Gavazzoni, e contou com a ajuda da comunidade que “doou as tábuas para que as mesas fossem construídas e ajudou na compra de outros materiais. Atualmente, mais de dez meninos participam do projeto. Em 2018, novas turmas devem ser abertas” (BITTENCOURT, 2017, p. 01).

No dia 24 de abril de 2018, o G1 divulgou uma matéria sobre o jovem haitiano Edson Jean François, que inspirou a criação do projeto. A matéria supracitada, relata que o jovem haitiano, ganhou de um casal de voluntários uma mesa e uma raquete de tênis profissionais e que atualmente treinava para competir nos jogos escolares⁹ da cidade de Cascavel/PR, na modalidade do tênis de mesa. Já no dia 25 de abril de 2018, o mesmo site midiático divulgou uma matéria relatando, que o haitiano Edson Jean François, havia conquistado o quarto lugar nos jogos escolares, representando o Colégio Estadual Padre Carmelo Perrone (GLOBO, 2018).

A Constituição Federal do Brasil de 1988, estabelece no caput de seu artigo 5, como um dos direitos e garantias fundamentais o da igualdade, garantindo-se

⁹ Nos jogos escolares participam escolas tanto da rede pública quanto da rede privada.

tanto aos brasileiros quanto aos estrangeiros residentes no Brasil. Sob este contexto, entende-se que a igualdade refere-se, a garantia de acesso a todas oportunidades, as mesmas condições de inserção independentemente se brasileiros ou estrangeiros, ou seja, condições de uma igualdade real. No entanto, como já discutimos anteriormente, o que se nota na prática quando se refere a inserção dos migrantes haitianos, é que as várias ações de inserção na nossa sociedade partem de ações voluntárias, principalmente de instituições religiosas e de educação.

Essa acolhida por essas instituições não se restringe aos migrantes haitianos, observa-se que apesar do tempo que transcorreu desde a chegada destes migrantes ao país em 2010, o Brasil ainda não possui estrutura para a acolhida de migrantes e isso é facilmente notado com a recente migração de venezuelanos ao país.

Em Pacaraima (RR), o abrigo de passagem que acolhe o povo indígena *Warao*¹⁰ foi preparado para receber 190 pessoas, mas hoje abriga 500. Dessas, 200 são crianças. A mãe de 15 anos, pálida e muito magra, sem força no falar está deitada na rede com os gêmeos de dois meses. Os pequenos aparentam recém-nascidos. O jovem pai *Warao* está no abrigo há três meses. Ele imigrou com o filho de oito anos. (...) Há muitos voluntários que procuram amenizar o sofrimento dos imigrantes. Mas esse esforço não tem sido suficiente. Padre Jesús López Fernández, de Pacaraima, oferece cerca de 800 cafés da manhã, diariamente. Para muitas pessoas é a única refeição do dia (LIMA, 2018, p. 01).

Esse fluxo migratório de venezuelanos para o Brasil, em grande medida tem como motivação a crise econômica e política vivenciada pela Venezuela na atualidade. Para solucionar o problema de acolhimento venezuelanos, o Ministério da Defesa brasileiro organizou em março de 2018, duas operações no Estado de Roraima.

A primeira, Operação Acolhida, está sob a coordenação da Força-Tarefa Logística Humanitária e atuará de modo interagências, envolvendo vários órgãos da esfera federal, estadual e municipal. O objetivo, nessa fase inicial, é recepcionar e apoiar os refugiados, por meio de medidas assistenciais, como distribuição de alimentos, melhoras nas condições dos abrigos e apoio de saúde. Sob a responsabilidade do Exército Brasileiro, foi desencadeada, pela 1ª Brigada de Infantaria de Selva (1ª Bda Inf SI), a Operação Controle, que tem por objetivo aumentar a segurança na faixa de fronteira roraimense, intensificando a triagem e o controle dos refugiados, direcionando-os para os centros de acolhimento e auxiliando o processo de interiorização deles no Brasil ou de retorno à Venezuela (BRASIL, 2018).

¹⁰ Etnia indígena venezuelana.

Além das ações das Forças Armadas, a Agência das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), fornece barracas para o abrigo dos venezuelanos. Mas apesar dessas ações, muitos venezuelanos que estão no estado de Roraima vivem nas ruas. “Atualmente, o estado tem 10 abrigos públicos, seis foram abertos só neste ano. Juntos, eles têm mais de 4 mil pessoas. Mesmo assim, ainda há imigrantes em situação de rua em pelo menos 10 dos 15 municípios do estado” (COSTA, 2018, p. 01). Neste sentido, Leonardo Cavalcanti (2015, p. 47) afirma que:

As políticas de imigração deveriam ir na via de tratar as migrações na sua complexidade, multidimensionalidade e incluí-la de forma transversal nas diversas políticas públicas. A junção entre políticas que possam acomodar os imigrantes no mercado de trabalho formal, com a perspectiva dos direitos humanos, contribuirá de forma decisiva a consolidar a imigração como um ativo para o desenvolvimento do país, não somente do ponto de vista econômico, mas também cultural, social e político.

Nesta perspectiva, constatamos que tanto os migrantes venezuelanos quanto os haitianos ao ingressar para o Brasil, perpassam por inúmeros desafios. Segundo Gelmino Costa (2012, p. 96):

Se analisada esta imigração considerando a situação dos imigrantes na origem, as dificuldades da viagem – uma verdadeira epopeia – e o início de inserção nas cidades brasileiras, os haitianos se tornaram um fato que pede reflexão pelo conjunto da sociedade brasileira. Mostrou em primeiro lugar como é grande a distância entre a comoção e os discursos das ações concretas. Não se pode ir ao Haiti dizendo que o Brasil acolheria bem os haitianos e fazê-los passar por tamanho sofrimento, quer na travessia, quer na chegada. Mostrou o anacronismo da própria política brasileira de imigração. Mostrou as desavenças entre os poderes constituídos – municipal, estadual e federal – vivendo um jogo de empurra-empurra, um acusando o outro e todos lavando as mãos. Mostrou que primeiro se deixa o prédio cair para depois ver o que fazer.

Um outro desafio encontrado pelos haitianos para a inserção na sociedade brasileira, é a aprendizagem da língua portuguesa. Os haitianos são diglóticos, ou seja, no Haiti coexistem duas línguas o francês e o *créole* haitiano (Kreyòl Ayisyen). Ao longo da história do Haiti a coexistência dessas duas línguas representou um demarcador social. Conforme afirma Marcelo Grondin (1985, p.73):

O francês é somente a língua da elite. O *créole* é a língua própria da massa: serve para distinguir as massas sociais. O *créole* haitiano é uma criação dos negros escravos do Haiti. Oriundos de centenas de grupos linguísticos diferentes, misturados entre si por seus captadores, vendedores, compradores e donos nas plantações, os escravos do Haiti tiveram que criar um meio de comunicação oral e cultural entre si mesmos e entre eles e

seus donos. Utilizando o francês, língua da colônia, como base, criaram o *créole*.

A oficialização das duas línguas o francês e o *créole*, somente foi estabelecida pela Constituição haitiana de 1987.

A Constituição haitiana de 1987 tornou co-oficiais o francês e o crioulo, obrigando o Estado haitiano a publicar todos os documentos oficiais nessas duas línguas. No momento, as leis, os códigos, os formulários, as peças administrativas ainda são redigidas quase que exclusivamente em francês. A maioria dos funcionários tem um conhecimento limitado do francês e uma ignorância quase total da leitura e da escrita do crioulo que todos falam. Isto porque só depois deste diploma legal é que se começou a pôr em prática um esforço de padronização da escrita no Haiti (RODRIGUES, 2008, p. 5-6).

O pesquisador Luiz Carlos Balga Rodrigues (2008) esclarece em sua tese de doutorado, que atualmente no Haiti aproximadamente 10% dos haitianos conseguem expressar mais ou menos corretamente nas duas línguas oficiais haitianas. Conforme o pesquisador:

No Haiti o crioulo é falado pela totalidade da população. Baseado na oralidade, sua transcrição na vida quotidiana, embora crescente, ainda é reduzida. Sua utilização escrita corresponde geralmente à afirmação de uma identidade e a um posicionamento militante. O francês, por sua vez, é a língua da educação, da administração e da maioria dos meios de comunicação (RODRIGUES, 2008, p. 189).

No decorrer da pesquisa observamos diversas ações no que se refere ao ensino da língua portuguesa aos migrantes haitianos no Brasil. Destacamos entre elas duas iniciativas na região norte do país, ambas em Porto Velho/RO, município que contava com cerca de 1.200 haitianos vivendo na cidade. A primeira da Igreja Católica que por meio da sua pastoral, propiciou um curso de português básico ministrado por um haitiano que já havia aprendido a língua portuguesa. A segunda uma iniciativa implantada no ano de 2011, pelos pesquisadores Marília L. Pimentel e Geraldo C. Cotinguiba (2012, p. 101):

Por meio do projeto de extensão supracitado, desde julho de 2011, ministramos aulas de português para os imigrantes. Já foram atendidos pelo projeto mais de 300 haitianos, sendo que, atualmente, há uma rotatividade grande, pois muitos começam o curso e desistem por três motivos, quais sejam: viajam para outros estados, começam a trabalhar à noite, ou mesmo os que acham que já aprenderam o suficiente. Deste modo, frequentam as aulas, hoje, cerca de 50 alunos.

No que se refere ao oferecimento da língua portuguesa na cidade de Manaus/AM, as iniciativas ficaram a cargo de ações voluntárias, de instituições religiosas e dos próprios migrantes. Conforme afirma Gelmino Costa (2012, p. 96):

Toda a tarefa de acolhida continuou por conta da Igreja Católica, do grupo Ama Haiti, de três pastores evangélicos e, ao final, também da Associação dos Haitianos. Pessoas e entidades muito ajudaram e não se pode deixar de nomear a Associação Allan Kardec. Porém, os principais protagonistas de acolhida foram os próprios haitianos. Eles souberam acolher a muitos em seus quatinhos paupérrimos e limitados de tudo. Sempre cabe mais um nesses momentos. As doações por parte do povo manauara também foram muitas proporcionando subsídios importantes para a alimentação e o vestuário. Com competência e eficiência atuaram e atuam as equipes de alimentação, de saúde, de ensino da língua portuguesa, de cursos profissionalizantes e de emprego.

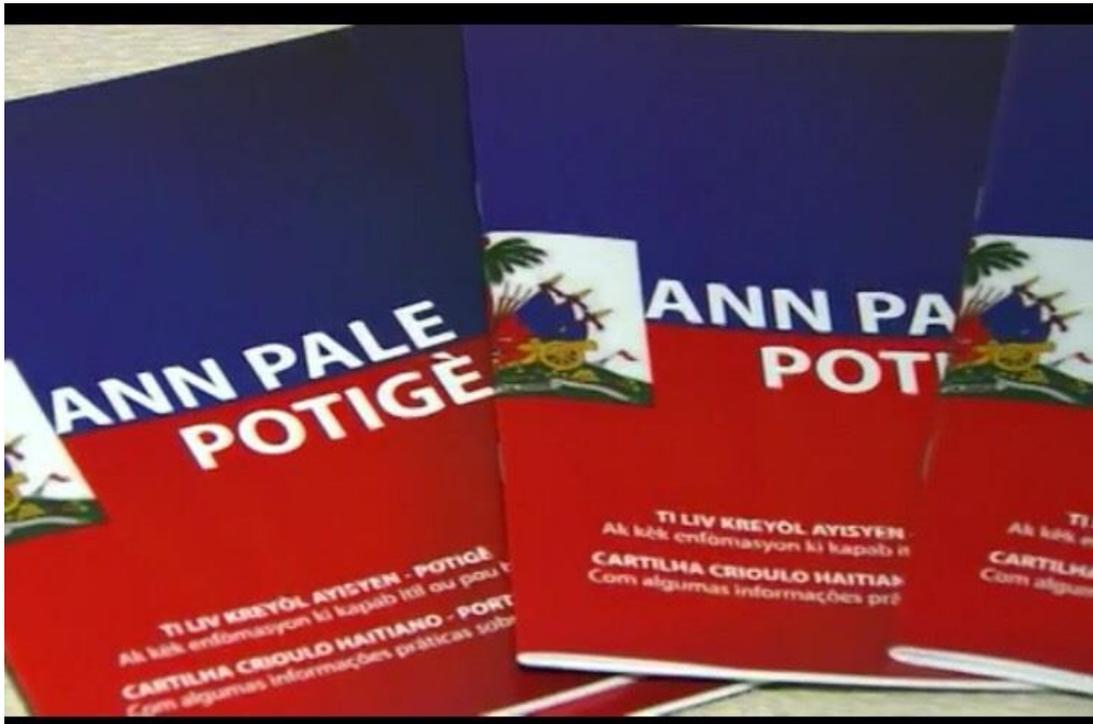
Na região Sudeste, destacamos a cidade de Santo André/SP que contava em 2015 com 700 haitianos. Para suprir a demanda pelo aprendizado da língua portuguesa, realizaram uma parceria do poder público local com o Senac (Serviço nacional de Aprendizagem Comercial) oferecendo curso de português através do Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego). Em 2014 e em 2015 já haviam sido atendidos 135 migrantes haitianos (BORBA; MOREIRA, 2016, p.458).

Na cidade de Cascavel/PR semelhante a outras cidades brasileiras, identificamos várias iniciativas do ensino da língua portuguesa gratuitas para os migrantes haitianos. Em 2012, foi oferecido curso da língua pelo Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz - FAG e pela secretaria Municipal de Educação, por meio do Centro Educacional Paulo Freire, que coordena o EJA (Educação de Jovens e Adultos). O curso atendeu cerca de 40 haitianos, que chegaram no final de janeiro do ano de 2012, para trabalhar nas obras da FAG e do hospital São Lucas¹¹ (GLOBO, 2012).

Em 2014, como já mencionamos, foi organizada uma cartilha em português e *créole* haitiano, pela Associação dos Imigrantes Haitianos em Cascavel/PR, pelo vereador Paulo Porto e pelo Centro de Direitos Humanos de Cascavel/PR. Foram confeccionadas mil cartilhas na qual é composta de perguntas e respostas sobre temas específicos.

¹¹ O Hospital São Lucas é privado e vinculado à Fundação Assis Gurgacz (FAG).

Figura 09 - Cartilha



Fonte: Câmara Municipal de Cascavel/PR. Publicado em 25 de agosto de 2014.

Já no ano de 2016 tomamos conhecimento de uma ação empreendida pela Escola Sagrada Família e em 2017 pelo Colégio Estadual Padre Carmelo Perrone, ambos na cidade de Cascavel/PR situações onde professoras voluntárias desenvolveram um projeto para o ensino da língua portuguesa para crianças e adultos haitianos.

Figura 10 – Aulas de Língua Portuguesa

COLEGIO ESTADUAL PE. CARMELO PERRONE

Comunidade Carmelo Perrone!

➔ O Colégio Pe. Carmelo Perrone, em parceria com a Pastoral do Migrante, ofertará **aulas de Português gratuitas para Haitianos**: crianças, adolescentes e adultos.

➔ Os interessados devem procurar a secretaria do colégio, nos dias de **28 a 31 de março das 17h40min às 18h40min**, para fazer a inscrição.

➔ Professoras voluntárias:
Fernanda e Claudia

Informações: (45)3226-2824

Fonte: Página do Núcleo Regional de Educação de Cascavel na Rede social Facebook. Publicado em 23 de março de 2017.

No ano de 2018, entramos em contato com o Colégio Estadual Padre Carmelo Perrone, para obter maiores informações a respeito do curso de língua portuguesa ofertado aos haitianos. De acordo com a responsável pela secretaria, o colégio estava ofertando no referido ano, o ensino da língua por meio do Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM), organizadas em duas turmas com um total de 58 haitianos. O mesmo programa também é ofertado pelo Colégio Estadual Professor Victório Emanuel Abrozino, no qual a secretaria do colégio, informou que possui uma turma com 30 haitianos matriculados e que as aulas ocorrem nas segundas e quintas-feiras.

Durante a pesquisa verificamos que entre os entrevistados dois falavam inglês, além do *créole* e do francês, como é o caso do Dykenlove John Marcelin e do Ronald Toussaint. Outro fato que cabe mencionar é de que durante as entrevistas e na observação participante, observamos que os migrantes se comunicam com a língua materna quando estão no coletivo, apesar de terem conhecimento da língua portuguesa e no ambiente estarem presentes brasileiros.

Em relação as mulheres haitianas, um fato nos chamou a atenção, constatamos em algumas falas, que elas possuem algumas barreiras em participar dos projetos que oferecem aulas para o aprendizado da língua portuguesa, conforme esclarece a pedagoga do Cáritas Rosângela Silva Ferreira (2017):

Entre todas as fragilidades da migração, tem a questão das mulheres, ela não buscam aprender a língua, elas estão ficando em casa, elas estão ficando a margem desse processo de inserção, na comunidade e no trabalho, não são todas, mas muitas delas (Narrativa n° 8– pesquisa de campo 2017).

Essa mesma problemática notamos na fala da entrevistada Jesula Fils Aimé, 44 anos solteira, residente há 14 meses em Cascavel/PR, quando questionada sobre seu processo de aprendizagem da língua portuguesa, nos revela que no curso que participa, a maioria da turma é frequentada por homens.

Estou aprendendo pela televisão, e nos sábados vou no Colégio Sagrada Família com a professora Terezinha, tem bastante alunos haitianos homens mas só duas alunas mulheres e eu, as mulheres só querem trabalhar (Narrativa n° 9 – pesquisa de campo 2017).

Corroborando nesse sentido, Marília L. Pimentel e Geraldo C. Cotinguiba (2012, p. 103), afirmam que:

O maior entrave tem sido registrado pelas mulheres, especialmente pelo fato da barreira linguística, pois majoritariamente falam apenas o crioulo e isso tem dificultado a inserção no mercado de trabalho. Acrescente-se o fato de não frequentarem o curso de português; parece haver uma “resistência” em aprender o nosso idioma, por razões que ainda não conhecemos. Em geral, as haitianas trabalham como diaristas, empregadas domésticas ou em restaurantes e lanchonetes. Muitas foram demitidas por conta da barreira linguística.

Segundo Marília L. Pimentel e Geraldo C. Cotinguiba (2012), na maioria dos casos as mulheres haitianas residentes em Porto Velho/RO possuem menor grau de escolaridade que os homens e que devido a um conjunto de regras sociais as mesmas são responsáveis pelo lar e pelos filhos, enquanto ao homem cabe o sustento da família. Neste sentido, Renata Melo Rosa (2006, p. 22) afirma que:

A produção de conhecimento e a instauração de uma educação formal em uma língua colonial é um dos principais geradores das desigualdades instauradas no Haiti, já que são as mulheres monolíngues (falantes apenas do Kreyòl) e sem qualquer tipo de acesso à educação formal constituem o grupo de maior vulnerabilidade social, pois embora os homens também compartilhem do mesmo grau de desamparo social, eles conseguem migrar em um percentual significativamente maior do que as mulheres, seja para a República Dominicana, para o trabalho no plantio e colheita de cana-de-açúcar ou para a construção civil, ocupações marcadamente masculinas, seja para os Estados Unidos ou Canadá porque gozam de uma rede de solidariedade muito mais consolidada nos países de destino, ao passo que as mulheres haitianas encontram muito mais dificuldade no processo migratório, pois não encontram o mesmo suporte que seus compatriotas. Isto ocorre devido à fragilidade nas redes de cooperação femininas de incentivo à imigração, na baixa exposição das mulheres à vida pública, obrigando-as à dedicação quase que exclusiva à reprodução familiar, limitando as chances de sobrevivência social fora do lar e do seu próprio país.

Sandro Mezzadra (2005) aponta para o fato de que as migrações femininas não se reduzem a apenas as condições econômicas de mulheres solteiras, viúvas ou divorciadas, mas é uma decisão consciente que busca abandonar uma sociedade dominada pelo patriarcado. A reflexão sobre as questões de gênero conduz a um campo vasto, que excede os limites do alcance desta pesquisa. Não pretendemos realizar uma análise aprofundada sobre essas problemáticas, mas apenas indicar pistas por meio de um panorama geral.

Enfim, a matrícula das crianças e adolescentes haitianos na rede de ensino brasileiro, bem como a aprendizagem da língua portuguesa, correspondem a fatores determinantes na inserção destes sujeitos. Em contraponto a barreira linguística das

mulheres haitianas, na participação de projetos de ensino da língua portuguesa, se mantém como um demarcador social.

2.2 Preconceito e Religião

Abordar um fluxo migratório e a inserção deste na sociedade receptora requer do pesquisador analisar várias facetas do fenômeno. Desse modo, tentamos analisar durante a pesquisa as perspectivas e percepções que, no nosso ponto de vista, estão interligadas ao processo de inserção do migrante haitiano no Brasil. Questões que vão desde o acolhimento no país, as formas de organizações estabelecidas, a cultura, as habitações, o aprendizado da língua, o acesso à educação. Nessa perspectiva, não poderíamos deixar de abordar questões relacionadas ao preconceito, bem como a religiosidade.

O fluxo migratório empreendido pelos migrantes haitianos às cidades brasileiras tem provocado mudanças socioculturais, estruturais destas cidades e no cotidiano da população local, pois os sujeitos que migram carregam consigo todo um conjunto simbólico. O fato é que nem sempre essa recepção em território brasileiro é receptiva. Neste sentido, durante a pesquisa de campo, presenciamos manifestações de preconceito e xenofobia, como o caso de várias pichações de repúdio aos haitianos, como o retratado na figura 11, uma pichação em um estabelecimento privado no centro da cidade de Cascavel/PR

Figura 11 - Pichações



Fonte: CGN. Foto divulgada em: 26 de dezembro de 2016.

As pichações não se restringiram a estabelecimentos comerciais, foram pichados pontos de ônibus e muros do centro da cidade, com a mesma mensagem “Fora Haitianos”. Em forma de protesto contra o xenofobismo, membros do

movimento União da Juventude Socialista (UJS), realizaram a limpeza das pichações.

Entretanto, outros casos vão além de manifestações de repulsa, casos noticiados pelos meios de comunicação denunciam o uso de violência contra os haitianos, como o que ocorreu com seis haitianos na Baixada do Glicério/SP, que em agosto de 2015, foram feridos por um grupo de jovens armados com espingardas de chumbinho. Na ocasião, os jovens passaram de carro disparando pela janela e xingando os haitianos de ladrões de empregos (LACERDA, 2016).

Outro caso do uso de violência contra o migrante haitiano, ocorreu no dia 14 de maio de 2016 na cidade de Foz do Iguaçu, em que um haitiano de 33 anos, estudante da UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana) foi agredido por um grupo de jovens durante a madrugada, no centro da cidade. De acordo com o migrante, ele ia para a rodoviária, de onde seguiria para a cidade de Cafelândia/PR para visitar o filho, quando foi agredido por um grupo de pessoas que estavam em um bar. Segundo o estudante foram proferidos insultos racistas e xenófobos, além de agressão física (GLOBO, 2016).

Além do caso das pichações, os haitianos residentes na região de Cascavel/PR sofreram com a hostilidade no ano de 2014, devido a uma suspeita de ebola. O migrante de 47 anos, proveniente da Guiné, chegou a ser encaminhado para a Fiocruz do Rio de Janeiro, mas o a suspeita de ebola foi descartada.

Desde que o africano Souleymane Bah, de 47 anos, foi internado em Cascavel, no oeste do Paraná, na quinta-feira (9), com suspeita de estar com o vírus ebola, os cerca de dois mil estrangeiros que vivem na região começaram a sentir o aumento do preconceito. O presidente da associação dos haitianos na cidade, Marcelin Geffrard, diz que tem ouvido comentários preconceituosos, mas orienta seus conterrâneos para que mantenham a calma (JOHN, 2014, p.01).

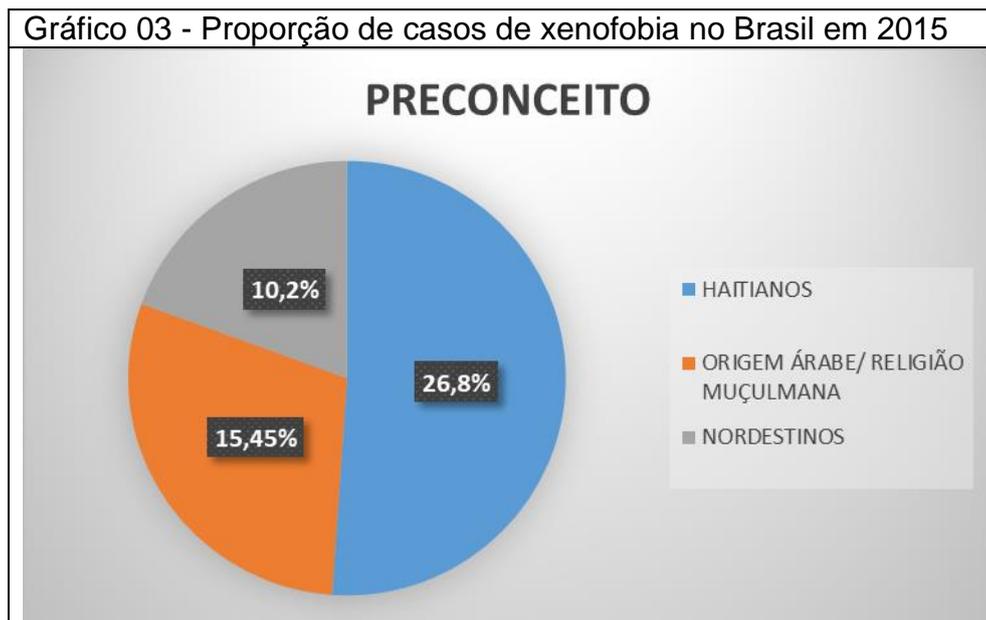
Em grande medida, a ação preventiva supostamente estaria fundamentada em experiências passadas do vírus no continente africano. Mais especificamente, ocorreu um surto do vírus do Ebola no oeste da África no final de 2014. Conforme Deisy de F. L. Ventura (2017, p.3-4), “a crise do Ebola causou também o recrudescimento da discriminação de migrantes negros, até mesmo quando oriundos de regiões em que a doença não existia, a exemplo do que ocorreu com os haitianos no Brasil”.

Cabe mencionar para ocorrer a contaminação do vírus do Ebola é preciso contato direto com alguém contaminado. No caso mencionado, o preconceito

preferido aos migrantes haitianos e a falta de conhecimento em relação as formas de transmissão do vírus estão intrinsecamente interligados.

Para o haitiano, o preconceito não é pela cor da pele, mas sim por causa da nacionalidade. “Eu já morei nos Estados Unidos, e aqui no Brasil o preconceito não é muito exagerado como lá. Tem pouco preconceito com relação ao negro. O maior preconceito é por sermos estrangeiros”, conta Geffard, que também acredita que as pessoas ficaram com receio porque Bah estava morando em um albergue onde estavam hospedados alguns haitianos (JOHN, 2014, p.01).

Segundo Edgar Maciel (2016), no ano de 2015 as denúncias de xenofobia no Brasil cresceram 633%, em relação ao ano anterior. Conforme dados da Secretaria Especial de Direitos Humanos, os principais alvos do preconceito são os haitianos, representando 26,8 %, seguidos dos migrantes de origem árabe ou de religião muçulmana (15,45%).



Fonte: Elaboração própria com base nos dados de Edgar Maciel (2016).

Nesta perspectiva, em relação ao fluxo migratório haitiano as cidades brasileiras e as manifestações de repulsa, dois pontos devem ser analisados: o fato de serem migrantes e o fato de serem negros. Segundo Erving Goffman (1982) e Zygmunt Bauman (1998), as relações étnicas que marcam este tipo de encontro guarda uma situação onde o outro é desconhecido, o que provoca o medo e a repulsa, podendo originar reações hostis que, por sua vez, podem causar a estigmatização. Para Florestan Fernandes (1978) as representações contra os negros são reproduções históricas. Conforme o autor:

Os estereótipos, as avaliações e as representações desfavoráveis ao “negro” encontram vias de atualização sócio-cultural graças a complexos traços culturais, sociais ou psicológicos cuja a existência e continuidade independem, na situação histórico-cultural descrita, dar organização da sociedade de classes (FERNANDES, 1978, p. 341).

Um dos pontos observados, durante o percurso da pesquisa refere-se as expressões pejorativas utilizadas por alguns meios de comunicação em relação ao fluxo migratório haitiano ao Brasil, que acabam por manter ou até mesmo inflamar a estigmatização sobre o Haiti e os haitianos.

Algumas expressões pejorativas como “Haitianos invadem o Brasil”, “Haitianos fogem da miséria do Haiti”, “Haitianos morrem de AIDS” foram corriqueiras nos meios de comunicação brasileira. As caracterizações pejorativas exacerbaram a imagem predominantemente do Haiti como um país pobre e miserável, trazendo à tona a importância de se relacionar essas imagens com processos de incorporação e exclusão de migrantes haitianos na sociedade brasileira. A chegada de milhares de haitianos ao país evidenciava um forte sentimento de rejeição à migração haitiana por boa parte das matérias veiculadas na mídia brasileira, por ser indesejada (HANDERSON, 2015, p. 149).

Segundo Daniele Teresa Samora (2015), as mídias de uma forma geral, contribuem para a institucionalização de comportamentos sociais, por meio de seus discursos. Em outras palavras, “o modo como as matérias jornalísticas são construídas e enunciadas promovem a formação de representações individuais ou de grupos e comunidades” (SAMORA, p. 2015 p.66). De acordo com Sidney A. da Silva (2015, p. 127), tais ações da mídia local e nacional, são na verdade tentativas de se “construir um estigma contra um determinado grupo de imigrantes para responsabilizá-los das mazelas já existentes na sociedade local”. Corroborando neste sentido Zygmunt Bauman (1991, p. 84), afirma que:

A imagem de desumanidade que dominam as terras onde vivem possíveis migrantes vem portanto a calhar. Elas reforçam a determinação que não dispõem de argumentos éticos e racionais para apoiá-la. Ajudam os habitantes locais a permanecerem locais, ao mesmo tempo que permitem aos globais viajar com a consciência limpa.

Dessa forma, observa-se que muitos haitianos se sentem discriminados tanto pela sua condição de migrante, quanto pela sua cor. Neste sentido, destacamos a fala do entrevistado Dykenlove John Marcelin, 22 anos, solteiro:

Foi um pouco difícil até ter um amigo pra me ajudar, mas já sofri muito por causa do preconceito, mas isso falei pra todo mundo que tem preconceito, que não adianta que eu não vou mudar minha cor, eu nasci negro e vou

morrer negro. Eu sofri muito até por que eu trabalhei numa loja de sapatos, o cara não me tratava bem e daí resolvi sair da loja (Narrativa n° 1–pesquisa de campo 2016).

Em relação ao tratamento discriminatório que o interlocutor Dykenlove John Marcellin descreve, destaca-se um caso noticiado pela mídia da cidade de Cascavel/PR. Uma internauta registou um vídeo onde era apresentado uma confusão entre uma atendente de uma loja e um grupo de haitianos, a loja presta serviço de transferência de moedas para o exterior, a atendente gritava e ameaçava não realizar o atendimento dos migrantes, que formavam fila no local, demonstrando total desrespeito pelos haitianos (WRONSKI, 2015, p.01).

O que se percebe é o estabelecimento do estigma, do preconceito ao migrante negro, como se fossem invasores, que ocuparão vagas de empregos dos supostos nativos e que usufruirão de serviços públicos. Nesse sentido, Geraldo C. Cotinguiba e Marília L. Pimentel (2014) atentam para o fato de que no Brasil desde 2010 já se teve a imagem de que o haitiano é pobre, sem qualificação profissional, que precisa de ajuda porque migrou fugindo do terremoto e por isso deve ser acolhido, enquanto que para outros é um invasor que precisa ser expulso, pois onera os cofres públicos. Corroborando neste sentido, Marcus E. O. Lima e Jorge Vala (2004, p. 404), asseveram que:

As atitudes contra os negros decorrem menos da percepção por parte do grupo dominante de que os negros constituem uma ameaça econômica concreta, e mais da percepção dos negros como uma ameaça simbólica, ameaça aos valores e à cultura do grupo dominante. Os negros são percebidos como violadores dos valores que mantêm o status quo das relações inter-raciais.

De acordo com Marcus E. O. Lima e Jorge Vala (2004), atualmente coexistem com as teorias tradicionais, as novas formas preconceito e racismo, que resultaram nas teorias do racismo moderno, racismo simbólico, racismo aversivo, racismo ambivalente, racismo cordial e do preconceito sutil. Conforme os autores, os sentimentos que caracterizam os racistas aversivos, não são sentimentos de hostilidade ou de ódio, mas os sentimentos de desconforto, nervosismo, ansiedade e medo em relação as pessoas negras. Nesse sentido, destacamos a fala da interlocutora Jesula Fils Aimé, 44 anos solteira, residente desde 2016 na cidade de Cascavel/PR.

Existem pessoas, que não querem nem sentar com a gente porque somos negros, mas também tem gente boa aqui, que nos ajudam (Narrativa n° 9 – pesquisa de campo 2017).

Diante da fala da interlocutora Jesula Fils Aimé, outro ponto que precisa ser destacado é em relação a mulher negra e migrante. Apesar do aumento do fluxo migratório de mulheres na contemporaneidade, elas completam um quadro de maior vulnerabilidade no país receptor. Segundo Delia Dutra (2016, p. 181):

O entrecruzamento das condições de classe, gênero e etnia condena o coletivo de mulheres migrantes trabalhadoras a uma situação de vulnerabilidade social acentuada pela concentração delas no mercado de trabalho informal e, conseqüentemente, pelo acesso desigual a recursos materiais e à documentação que lhes permita desempenhar seus trabalhos em situação regular.

Outra teoria de racismo analisada durante o percurso desta pesquisa, refere-se ao racismo cordial, por ter sido identificada durante as entrevistas com os migrantes haitianos. Conforme Cleusa Turra e Gustavo Venturi (1995), o racismo cordial, é tipicamente brasileiro, sendo caracterizado por uma polidez superficial, nas relações interpessoais, por meio de piadas, ditos populares e brincadeiras raciais. Desta forma destaca-se a fala do entrevistado Ronald Toussaint, que relata ter se acostumado com as brincadeiras de cunho racial, proferidas pelos brasileiros.

Já estou no Brasil há três anos, então já estou acostumado com os caras que me xingam e brincam comigo, estou no Brasil, fazer o que né?! (Narrativa n° 5 – pesquisa de campo 2016).

Um fato que nos chamou a atenção durante a pesquisa refere-se a um caso de racismo vinculado na imprensa local, envolvendo questões de aluguel de imóveis para haitianos.

Nove haitianos que moram em dois apartamentos, em um prédio na Rua Costa e Silva, afirmam que foram ameaçados. O agente penitenciário teria dito ser um policial, apontado arma e determinado que eles deixassem o local até o dia 10 de março, se não seriam mortos. (...) O pai dele teria construído o prédio. Já a síndica estaria desligando o gás para deixar os haitianos sem serviço (MONTEIRO, 2014, p.01).

Nesta perspectiva Philomena Essed (1991), contextualiza que as novas formas de preconceito e racismo, situam-se principalmente no nível das relações interpessoais e referem-se a comportamentos de discriminação na vida cotidiana

das pessoas. Em conformidade com essa problemática, destacamos a pesquisa da Marcela A. Gomes (2017), que utilizou como metodologias a observação participante e as narrativas produzidas por meio de entrevistas realizadas com dois grupos de haitianos em Florianópolis/SC, um grupo de trabalhadores e um grupo de estudantes.

Embora não tenhamos tido muitos relatos sobre a vivência de práticas discriminatórias, pudemos observar durante nossas inserções no campo algumas cenas de evidente segregação e exclusão: em uma praça central da cidade, comumente utilizada pelos trabalhadores durante a pausa do almoço, os lugares com sombra eram visivelmente tomados, em sua maioria, por brancos e brasileiros; analogamente, no refeitório da universidade, a divisão por raça e nacionalidade ocorria de modo evidente. Observável em espaços específicos, esse tipo de segregação também se reproduzia na geografia urbana da capital: convidados a trabalhar em uma determinada fábrica, cerca de 60 haitianos foram alojados em região afastada do centro da cidade, à beira de uma estrada e a ao menos 40 minutos de qualquer tipo de serviço socioassistencial (GOMES, 2017, p. 7).

Diante disso, percebe-se que independentemente se sutis, veladas, explícitas ou agressivas, as manifestações de preconceito e racismo ocorrem cotidianamente com os migrantes haitianos residentes no Brasil.

Outro elemento importante, visualizado durante a pesquisa de campo, explícita que estudar o fluxo migratório haitiano exige a observação do fenômeno religioso, pois pode auxiliar no entendimento de questões referentes aos desafios encontrados pelos migrantes haitianos na inserção social no Brasil. Nesse sentido, não é nossa intenção discutir profundamente sobre o vasto campo que é a religião e a religiosidade, mais apenas levantar questões referentes a este tema e a inserção dos migrantes haitianos.

No Haiti duas religiões são predominantes ao longo da história, o cristianismo introduzido pelos colonizadores ocidentais e o vodu, que só foi reconhecido como religião no país em 2003. Neste sentido Marcelo Grondin (1985, p. 85), esclarece:

O cristianismo no Haiti, católico ou protestante-praticado e difundido por estrangeiros ocidentais e mulatos em sua maioria carregados de dogmas da filosofia ocidental, instituído em escolas, colégios e hospitais, e pregando contra instituições sociais nacionais como o *plaçage* (união matrimonial sem contrato oficial.) – veiculou um novo sistema de referência que desvaloriza os costumes e as estruturas tradicionais dos haitianos não ocidentalizados, levando-se à alienação cultural e a à identificação com branco, com o estrangeiro, com o urbanos, com a elite. A religião católica, profundamente estrangeira com relação a tudo o que é africano, apresenta-se como a religião da elite; ao ser a religião oficial e da civilização ocidental, é a religião dos brancos. Ocidental em seu conteúdo e em suas expressões

rituais, transmite a ideologia de que a verdadeira civilização é a civilização ocidental, da mesma forma como se trata de transmitir a ideia de que a verdadeira língua é a francesa. A Igreja Católica no Haiti é um instrumento homogeneizante da elite e desarticulador das massas.

Uma pesquisa realizada no Haiti apresenta dados de que 4.555.000 de haitianos são cristãos. Destes, 3.797.000 são católicos, 400.000 protestantes e 100.000 espíritas. (MELTON; BAUMAN, 2010, p. 1304). Durante a pesquisa de campo os entrevistados mencionaram ser católicos, evangélicos ou mesmo não praticar nenhuma religião, não havendo entre eles praticantes do vodou. Destacamos aqui a fala dos interlocutores Dykenlove John Marcelin e Jesula Fils Aimé, respectivamente:

Sou evangélico, eu toco na igreja, canto também, não prego, porque não é minha função, já viajei pra Foz do Iguaçu, Toledo, Marechal Cândido Rondon e Vera Cruz do Oeste, toco quando necessitam e quando a igreja convida (Narrativa nº 1– pesquisa de campo 2016).

Sou evangélica, há seis meses, estou participando dos cultos, com meus irmãos haitianos, todos os domingos. O culto é realizado por um haitiano, o Emílio em créole (Narrativa nº 9– pesquisa de campo 2017).

Com o contato com a Cáritas, obtivemos a informação de que ocorrem missas mensais, celebradas em *créole*, essa iniciativa é uma ação conjunta da Cáritas juntamente com a Pastoral do Migrante, ambas católicas. Nesse sentido, Rosângela Silva Ferreira (2017) esclarece que:

Essa acolhida por nos enquanto Cáritas e Pastoral do Migrante, aos migrantes haitianos, em todo um processo coletivo é importante, tanto que a Pastoral agora se fortaleceu, tem um padre haitiano, o Wilnie Jean, que vem para fazer essa aproximação com o Haiti, por estar celebrando as missas em *créole*, e terem organizado um coral (Narrativa 8 – pesquisa de campo 2017).

No dia 05 de março de 2017, com o apoio da Pastoral do Migrante, ocorreu na cidade de Cacavel/PR uma missa aberta a população local, celebrada em *créole* haitiano.

Figura 12 – Missas em créole



Pastoral do Migrante Arquidiocese de Cascavel-PR adicionou um evento. ...
1 de março · 🌐

CONVITE
A Pastoral do Migrante tem a honra de convidar para a Primeira Missa do Ano 2017 na língua Criolo haitiana.
LOCAL: Paróquia São Cristóvão, av. Brasil 3300, Cascavel/PR.
DATA: Domingo 05 de Março 2017
HORARIO: 16 h.
Contamos com a sua presença!

INVITASYON
PASTORAL IMIGRAN YO PROFITE OKASYON SA-A
POU LI INVITE-W NAN SELEBRASYON MÈS KAP FÈT
NAN LANG KRÉYÒL.
VINI PRIYE, VINI CHANTE LWANJ POU BONDYE
GRANMÈT LA.
LOKAL: PAWAS São Cristóvão, av. Brasil 3300, Cascavel/PR
DAT: Dimanch 05 Mars 2017
A 4H NAN APRE MIDI
PA BLIYE, NOU KONTE SOU PREZANS OU!

Fonte: Página da Pastoral do Migrante Arquidiocese de Cascavel/PR no Facebook- 1 de março de 2017.

Além das missas em *créole*, há também igrejas voltadas especificamente para a comunidade haitiana. Conforme João Fellet (2013), a igreja Assembleia de Deus da cidade de Porto Velho/RO, construiu um templo para atender os migrantes haitianos.

A Assembleia de Deus foi a primeira na cidade a erguer um templo só para o grupo. A maioria dos fiéis passou a frequentá-la após se mudar para Porto Velho, seduzida pelos cultos em *créole*, a língua mais falada do Haiti. Quem conduz as cerimônias é o haitiano Pierrelus Pierre. Antes de migrar para o Brasil, ele já era pastor da Assembleia de Deus na República Dominicana (FELLET, 2013, p.01).

Já em relação a prática do Vodou, Kátia Couto (2016), afirma que entre os migrantes haitianos não se evidenciou em território brasileiro.

No Brasil, o fato da comunidade haitiana ainda encontrar-se em trânsito pelo país, as características da religiosidade Vodou ainda vigoram num âmbito bastante particular da comunidade de imigrantes, embora no Brasil, eles encontrem uma referência bastante próxima ao Vodou, no Candomblé Jeje, essa interculturalidade ainda não se evidenciou (COUTO, 2016, p. 165).

Corroborando nesse sentido, vale mencionar a dissertação de mestrado de Ailton A. da Silva Ribeiro. Em sua pesquisa Ribeiro (2016), realizou entrevistas

semiestruturadas com um grupo de quarenta e três haitianos, no qual afirma não ter encontrado migrantes haitianos que fossem praticantes do Vodou, que tivessem entrado em contato com terreiros e rituais de Candomblé.

Em nossa amostra não encontramos nenhum haitiano, praticante do vodou, que admitiu algum tipo de contato com terreiros ou rituais do candomblé. Pelo contrário, as suas declarações pareciam mostrar certa singularidade do vodou e um local propício para sua prática – o Haiti (RIBEIRO, 2016, p. 116-117).

Nesse contexto, nota-se que o fato do migrante se definir como católico ou evangélico, embora necessariamente não seja exótico, pois a maioria da população no Haiti se denomina como cristã, até pode analisada como uma estratégia de inserção na região receptora, principalmente pelo fato das instituições religiosas estarem cumprindo um papel fundamental no processo de acolhimento e inserção dos migrantes haitianos.

O que se observa é que essa identidade ligada ao vodou se transforma, se adapta, se encuba atrás das exigências e tradições de um país estrangeiro pelo receio de que possa haver rejeição ou perseguição ou intolerância religiosa. Ou simplesmente por não haver identificação com o espaço sociocultural em que se está inserido (RIBEIRO, 2016, p. 114).

Dessa forma, apesar do Vodou estar intrinsecamente ou popularmente ligado a cultura haitiana, os haitianos entrevistados definiram-se como católicos, evangélicos, ou mesmo não praticar nenhuma religião. Constatamos que a religião atua diretamente no processo de inserção e de formação de sociabilidades no país de destino. A prática religiosa, seja ela a mesma do país de origem ou a incorporação da religião do país de destino, tornam-se pontes de inserção social na nova sociedade e ao mesmo tempo de continuidade na manutenção de laços simbólicos com a o país de origem.

Nossas discussões até o momento revelam a importância das redes no fluxo migratório, enfatizando as múltiplas relações que são estabelecidas entre os migrantes tanto no país de origem quanto no país de destino, bem como as redes formadas por instituições de cunho confessional e as ONGs. Conforme Sidney A. da Silva (2017, p.100), “embora diferentes redes possam estar imbricadas em processos migratórios, vale notar que cada uma delas tem finalidades específicas e formas estratégicas de atuação”.

Para Douglas Massey (1990), as redes migratórias compõe um conjunto de

laços sociais que unem migrantes e não-migrantes em uma complexa teia de papéis sociais e relacionamentos interpessoais, estes mantidos por meio de um quadro informal de expectativas e comportamentos predeterminados (MASSEY, 1990). Corroborando nesse sentido de teias, Nibert Elias (1994, p. 35) afirma que:

Para ter uma visão mais detalhada desse tipo de inter-relação, podemos pensar no objeto de que deriva o conceito de rede: a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca.

Nesta perspectiva Myrna R. Nína (1995), esclarece que as redes podem se constituir por grupos distintos, endo e exogrúpicos. Os grupos denominados endo, seriam os grupos formados pelos migrantes que possuem vínculos étnicos, culturais, religiosos ou linguísticos, podendo proporcionar apoio afetivo, material e informativo sobre o local de destino. Enquanto nos grupos exogrúpicos podem representar laços formais ou não, que vinculam os migrantes com o país receptor, são exemplos as igrejas, ONGs, associações filantrópicas e grupos ativistas de direitos humanos.

Durante a pesquisa de campo foi possível constatar, que as redes sociais, desempenham papéis importantes na gestão do fluxo migratório haitiano. Nesse sentido, Alejandro Portes e József Böröcz (1989, p. 612), afirmam que:

Redes construídas pelo movimento e contacto de pessoas através do espaço estão no centro de microestruturas que sustentam a migração ao longo do tempo. Mais do que cálculos individuais de ganho, é a inserção das pessoas nestas redes que ajuda a explicar propensões diferenciais à migração e o carácter duradouro dos fluxos migratórios.

Na ausência de políticas públicas de acolhimento e recepção, voltadas para os migrantes no Brasil, constatamos que as redes desempenharam papéis importantes nesses aspectos, que em grande medida, foi realizado por redes privadas, profissionais ou laicas. Segundo Sidney A. da Silva (2017, p.100), “a ampla rede de assistência e orientação foi, na verdade, mais um agente facilitador da mobilidade haitiana pelo Brasil, na medida em que eles usufruíram da sua ampla estrutura para resolver questões mais imediatas.”

As redes contribuem também na permanência na região de destino, a medida que auxiliam na inserção cultural, laboral, religiosa e social dos migrantes. Na cidade de Cascavel/PR, constatamos várias ações nesses aspectos. Muitas ações foram

empreendidas pela Cáritas, que oferece o ensino da língua portuguesa, cursos de artesanatos, momentos de venda dos produtos resultantes dos cursos, além de terem organizado a formação do Fórum dos Haitianos, bem como o 1º Festival da Cultura Haitiana e juntamente com a Pastoral do Migrante a celebração de missas em *créole*. Corroborando neste sentido Charles Tilly (1990, p. 86), afirma que:

As redes também transformam as categorias existentes. Os emigrantes levam consigo suas identidades étnicas que se alteram no contexto de migração, nas relações com a sociedade de destino e com outros grupos de migrantes. Assim, alguns elementos de identidade do país de origem são eleitos, negociados e reconstruídos no contexto de migração. Portanto, ao invés de um “transplante” coletivo, há uma recriação seletiva de laços sociais.

São inúmeros os desafios e problemas encontrados pelos haitianos no processo de inserção na sociedade brasileira. Que vão desde o aprendizado da língua portuguesa, o acesso à educação, habitação, preconceito e racismo. Dessa forma, as redes sejam elas sociais, migratórias ou de acolhimento, são de grande importância para o enfrentamento destas problemáticas. Para finalizar, no próximo capítulo analisaremos a relação dos migrantes com o mercado de trabalho, onde, novamente, questões vinculadas a inserção e as redes sociais se destacam.

INSERÇÃO LABORAL DOS MIGRANTES HAITIANOS

O objetivo deste capítulo é analisar os dados quantitativos e qualitativos referentes a relação entre o mercado de trabalho e a migração haitiana, buscando explorar um perfil específico de inserção, mais especificamente a inserção no mercado laboral da cidade de Cascavel/PR. Conforme Gelmino Costa (2012, p. 94) “o emprego é a questão principal para os imigrantes, afinal, eles vieram para o Brasil para construir aqui um futuro melhor e para ajudar os familiares que ficaram no Haiti, além de muitos terem também que saldar as dívidas contraídas para a viagem”.

Neste sentido, partimos do pressuposto de que a perspectiva de oportunidade do trabalho, bem como a expectativa de uma vida melhor, são fatores importantes na escolha dos migrantes haitianos pelo Brasil como país de destino, mas como já discutimos anteriormente essas escolhas não se restringem apenas a esses fatores. A migração ocorre, segundo Saskia Sassen (2013), motivada por vários fatores, não se restringindo exclusivamente, a um deslocamento em busca de condições de uma vida melhor, diferentes daquelas existentes no país de origem.

Durante o percurso realizado da pesquisa buscamos obter dados quantitativos, com o objetivo de obtermos uma visualização do fluxo migratório haitiano para o Brasil. No primeiro capítulo, apresentamos dados relativos ao número de haitianos registrados como permanentes de 2010 a 2014 e a proporção de haitianos por cidade de residência no Brasil em novembro de 2014.

Agora, pretendemos apresentar um panorama geral de dados quantitativos da presença dos migrantes haitianos no Brasil e do mercado de trabalho. Para tanto, utilizamos a base de dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA), que utiliza fontes de informações oriundas da Coordenação Geral de Imigração (CGI), do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), atualmente Ministério do Trabalho e Previdência Social, do Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros (SINCRE), do Departamento de Polícia Federal (DPF), da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), a emissão de Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED).

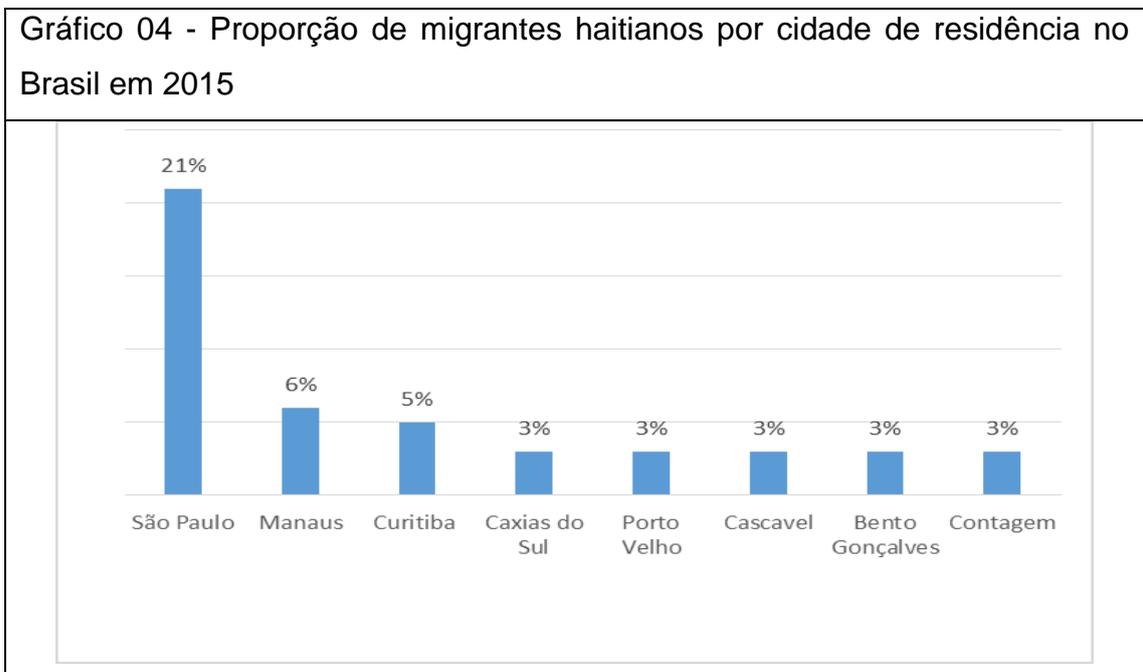
Em relação aos dados utilizados do Observatório da Migrações Internacionais, destacam-se três documentos distintos: o Anuário 2015; o Relatório Anual 2016 e o Relatório Anual 2017. No entanto, antes de prosseguir, é importante

destacar que o OBMIGRA (2016) traz uma definição a respeito da tipologia de migrante.

Tipologia destinada a agrupar os indivíduos cuja especificação da classificação indica permanência mais longa dos estrangeiros em território brasileiro ou a saída daqueles que permaneceram por um período de tempo mais longo. Engloba asilados; estrangeiros deportados, expulsos ou extraditados; refugiados; solicitantes de refúgio; diplomatas e seus familiares; estrangeiros com vistos ou tramitação de permanência; reunificação familiar; portugueses com igualdades de direitos civis e políticos; estrangeiros contemplados pelo Acordo de Residência do Mercosul e Programa Mais Médicos (OBMIGRA, 2016, p. 10).

Segundo dados do Relatório Anual de 2017, realizado pelo OBMIGRA (Observatório das Migrações Internacionais), o número de autorizações relacionadas ao visto humanitário para os haitianos, concedidos através da Resolução Normativa nº 27 de 25/11/1998 (RN27) no ano de 2015, foi de 34.773. No ano de 2016, o número de migrantes haitianos que se registraram na Polícia Federal foi de 42.026 (MILESI, 2016).

A cidade com maior concentração de migrantes haitianos, no ano de 2015, com registro ativo na Polícia Federal, continua sendo São Paulo/SP, com 21%. Como demonstra o gráfico 04:

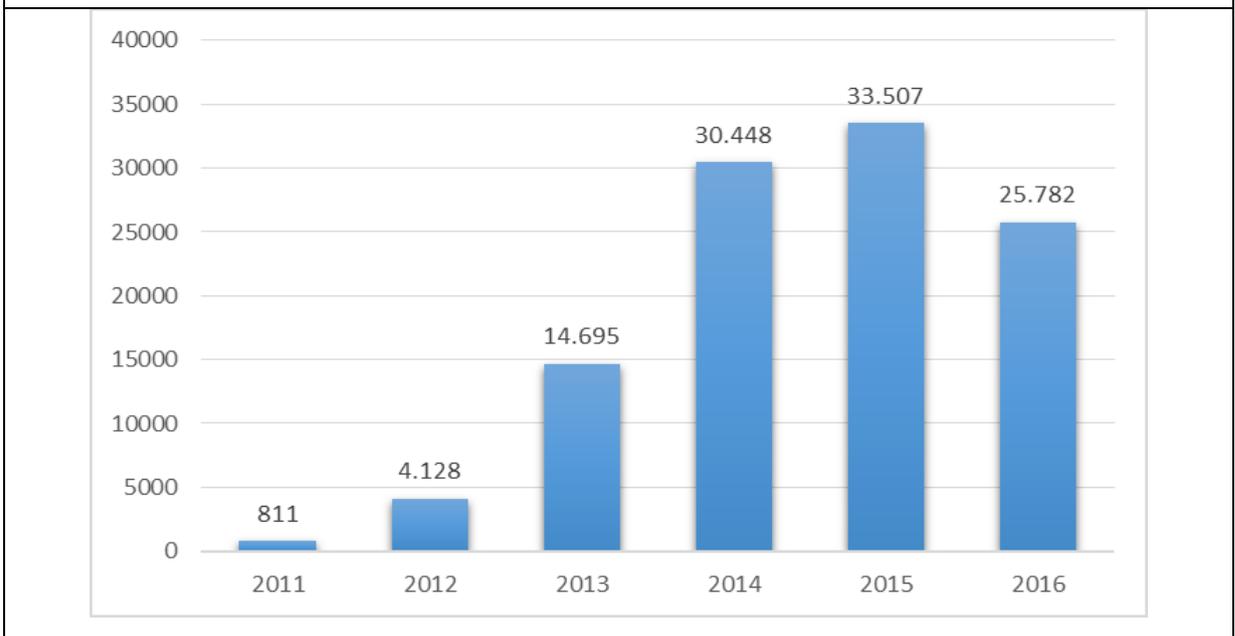


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Polícia Federal (2015).

Já em relação aos estados com maior concentração de migrantes haitianos no ano de 2015, temos o estado de São Paulo com 31%, seguido de Santa Catarina e Paraná com 15 % e Rio Grande do Sul 14%. Os estados que não continham presença haitiana era o estado do Alagoas, Rio Grande do Norte e Piauí (SILVA; LIMA; FERNANDES, 2015).

Em relação aos migrantes haitianos com vínculo formal de trabalho, utilizamos como base de dados do Anuário de 2015 (OBMIGRA). No ano de 2011, o número de haitianos que possuíam vínculo formal era de 811; em 2012; este número foi de 4.128; em 2013, 14.695; e, em 2014 eram 30.448 haitianos. O Relatório Anual de 2017 (OBMIGRA) atualiza os dados, o número de migrantes haitianos com vínculo formal no trabalho no ano de 2015 era de 33.507. Já no ano de 2016, o número era de 25.782 haitianos. Conforme demonstra o gráfico 05:

GRÁFICO 05 - Número de haitianos com vínculo formal de trabalho no Brasil nos anos de 2011 a 2016



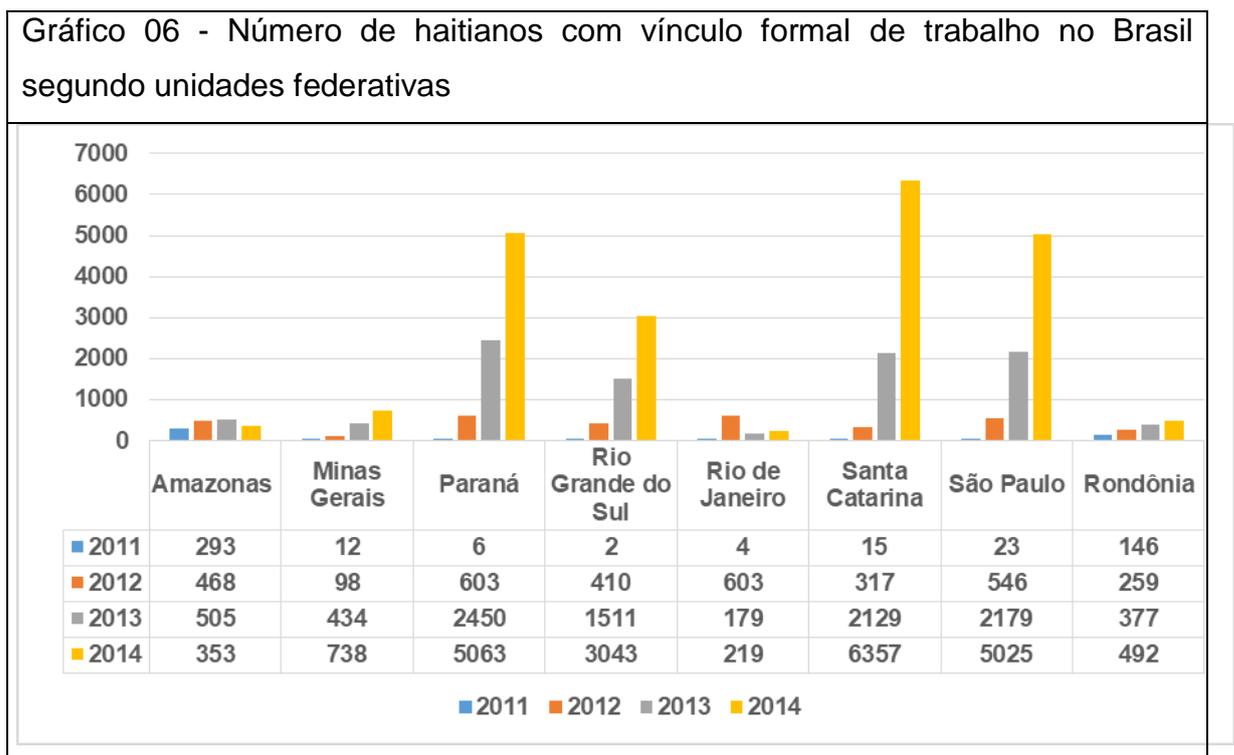
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Observatório das Migrações Internacionais.

Os dados revelam uma diminuição considerável no número de haitianos com vínculo no mercado de trabalho formal, no ano de 2016. O número de admissões e demissões no ano referido, foram de 18.774 admissões e 26.537 demissões, no qual 80% foram atribuídos haitianos do sexo masculino e 20% do sexo feminino. Conforme Ana C. Campos (2016, p. 01), “pela primeira vez na presente década,

desde o início da crise econômica, os imigrantes passaram a sofrer com o desemprego”.

Essa diminuição também é percebida na quantidade de carteiras de trabalho emitidas para migrantes haitianos. Desde 2010 até 2016 o Brasil emitiu aproximadamente 64.964 carteiras de trabalho para os haitianos. Se compararmos com o anos de 2015 e 2016, observamos uma diminuição no número de carteiras de trabalho emitidas, caindo de 16.986 carteiras no ano de 2015, para 13.556 no ano de 2016 (OBMIGRA, 2017).

Em conformidade com a questão de inserção no mercado de trabalho dos haitianos no Brasil, buscamos visualizar esta inserção nos principais estados que contam com a presença deste fluxo migratório. O gráfico 06, apresenta o número de haitianos com vínculo formal de trabalho, conforme as unidades federativas, do ano de 2011 a 2014.



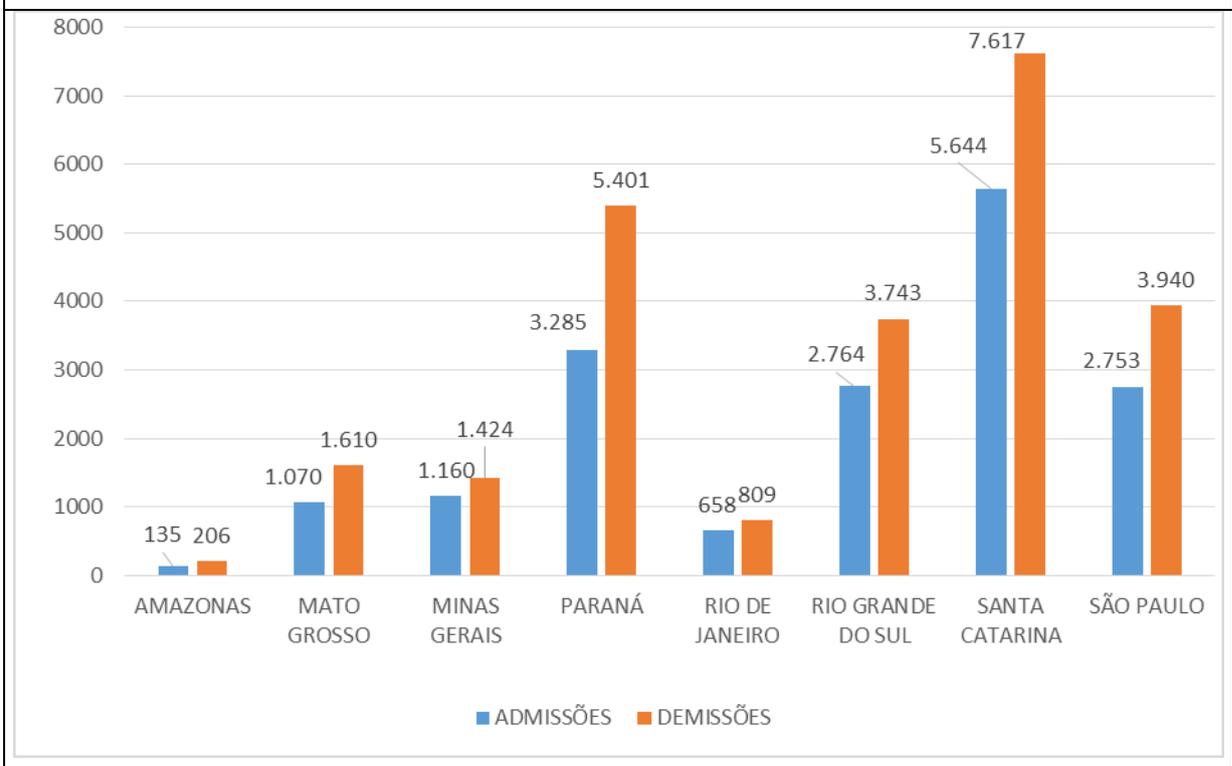
Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Anuário de 2015 (OBMIGRA).

Os estados que mais contam com trabalhadores haitianos no mercado formal do ano de 2012 a 2014 são: Santa Catarina: 8.818; Paraná: 8.122; São Paulo: 7.773; Rio Grande do Sul: 4.966; Amazonas: 1.619; Minas Gerais: 1.282; Rondônia: 1.277 e Rio de Janeiro com 1.005 trabalhadores haitianos. Em relação aos Estados

que mais admitiram trabalhadores haitianos, no ano de 2015, estão os Estados da região sul e sudeste. Os estados da região sul representam 65% do total de haitianos admitidos. Santa Catarina com 29%, Paraná com 22% e Rio Grande do Sul com 14% de admissões. A região sudeste engloba 22% do total, sendo 15% no estado de São Paulo, 5% em Minas Gerais, e 2% no Rio de Janeiro (OBMIGRA, 2016).

Segundo dados do Relatório Anual de 2017 (OBMIGRA), o estado com maior número em admissões de trabalhadores haitianos no ano de 2016 foi o de Santa Catarina com 5.644 admissões, representando 30%, seguido pelo Estado do Paraná com 3.285 (17%) e por Rio Grande do Sul com 2.764 (15%). Dentre as demissões, Santa Catarina aparece com o maior quantitativo, 7.617 demissões (29%), seguido do Estado do Paraná, com 5.401 demissões (20%), São Paulo, com 3.940 demissões (15%) e Rio Grande do Sul com 3.743 demissões (14%). Como demonstra o gráfico 07:

Gráfico 07 - Número de admissões e demissões de haitianos no Brasil segundo unidades federativas no ano de 2016



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Relatório Anual de 2017 (OBMIGRA).

Em relação ao primeiro semestre de 2017, o saldo em relação ao número de trabalhadores haitianos no mercado formal é de 11.160 admissões e 6.747 demissões. Observando o país de origem da força de trabalho que atua no Brasil, observa-se que o Haiti segue como a principal fornecedor de trabalhadores no mercado formal de trabalho do país, representando 50% das contratações dos estrangeiros admitidos. Em seguida encontra-se a Argentina (5%), o Paraguai (5%), o Senegal (4%) e o Uruguai (3%) (OBMIGRA, 2017).

Durante a pesquisa exploratória de dados quantitativos, notamos que os dados são divergentes de um órgão para outro, essa divergência acaba por revelar características referentes ao fluxo migratório haitiano, relacionados à legalidade e a formalidade. Neste sentido, Letícia Mamed e Eurenice O. de Lima (2016) destacam que quando se trata de migrantes, os números sempre são relativos, devido ao fato de um grande contingente de pessoas viverem na ilegalidade, não havendo um controle exato por parte do Estado. Em grande medida, isso ocorre devido ao fato da ilegalidade ser uma condição de permanência nos países ou uma forma de resistência aos mecanismos de controle.

Outro ponto que notamos ao longo da pesquisa, refere-se ao fato de que a inserção laboral dos haitianos não ocorre de maneira simples, essa inserção apresenta problemas e características que por vezes são semelhantes nas diversas regiões no Brasil em que estão inseridos.

O estado do Acre por exemplo, corresponde a uma região que se tornou uma das principais rotas de entrada dos haitianos entre os anos de 2010 a 2014. Neste contexto, várias empresas da região Centro-Sul, estiveram no estado pra recrutar trabalhadores haitianos. Destacando-se as de agroindústria de carne, de construção civil, metalúrgicas, têxtis, hoteleiras e de serviços de limpeza. De acordo com Letícia H. Mamed (2016), essas empresas tinham um perfil do estrangeiro, pré-estabelecido para a contratação.

O perfil do estrangeiro escolhido pelas empresas era bastante específico: homem, jovem, saudável, solteiro, sem filhos, com algum tipo de experiência laboral. Os imigrantes sem esse perfil tinham mais dificuldades de recrutamento, como era o caso dos idosos, doentes e mulheres com filhos (MAMED, 2016, p. 95).

Conforme Letícia H. Mamed (2016), os representantes das empresas chegavam à cidade para realizar a triagem e organizar a viagem do grupo de

haitianos escolhidos, que em muitos casos ocorria com ônibus fretado, quando o grupo era pequeno, ou por meio de avião e ônibus convencional até a cidade da empresa contratante.

Em muitos casos, na cidade onde iriam se fixar, os imigrantes eram alojados em uma residência administrada pela própria empresa, de maneira que a rotina de trabalho e a vida do novo operário passava a ser ordenada e controlada diretamente (MAMED, 2016, p.97).

O caso do estado do Rio Grande do Sul, exemplifica essa prática apresentada no estado do Acre. Segundo Cristiane F. Dutra (2016), o fluxo de haitianos no estado, teve início no ano de 2012, quando a Missão dos Padres Scalabrinianos da cidade de Manaus, intermediou a inserção laboral do migrantes junto a empresários do estado do Rio Grande do Sul. Neste momento, vários empresários buscaram os migrantes, principalmente nas cidades de Manaus/AM e Brasília/AC.

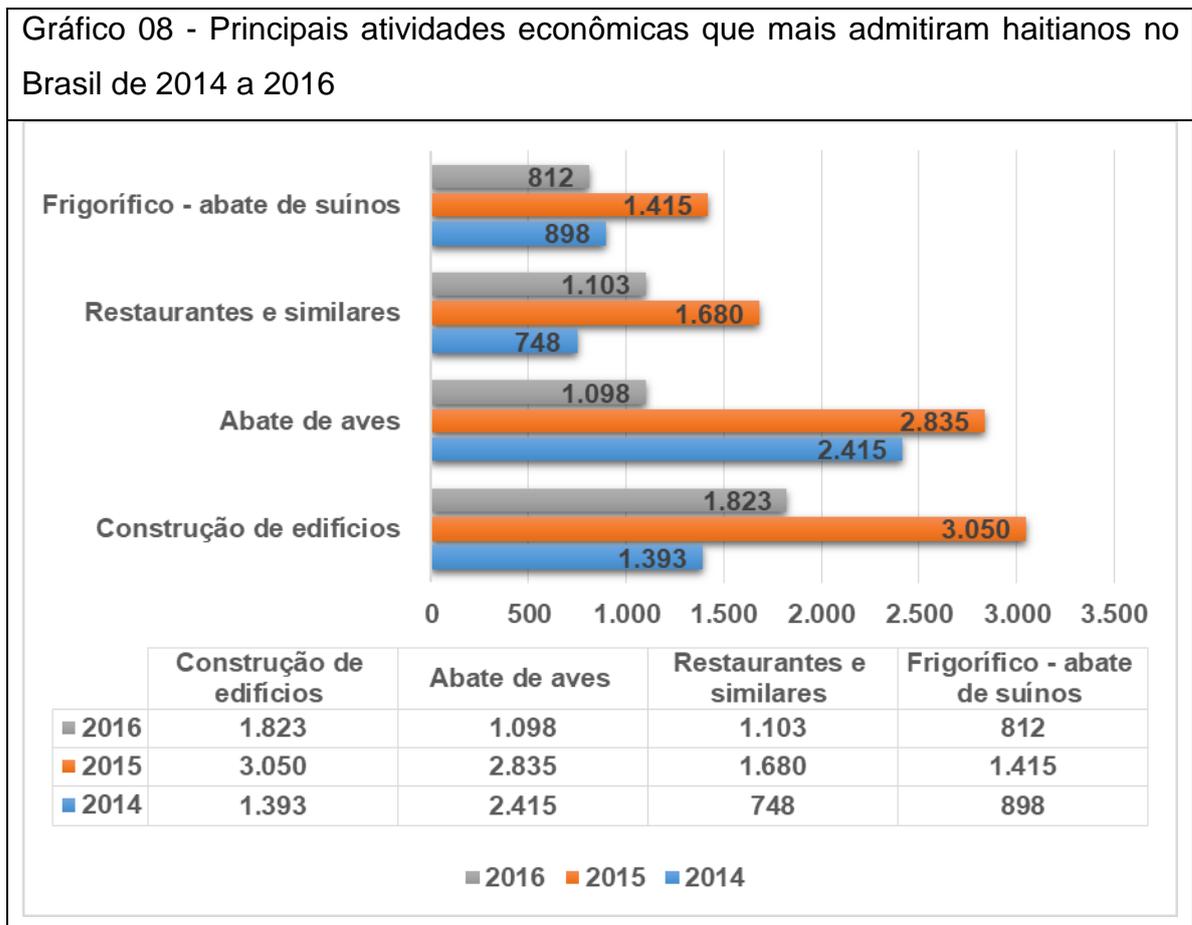
No estado do Rio Grande do Sul, um dos problemas enfrentados pelos trabalhadores haitianos, diz respeito a não inserção nos postos de trabalho, conforme a formação que os haitianos possuíam. Em conformidade com essa questão, destacamos a pesquisa da Lorena S. Barbosa (2015), que realizou entrevistas com migrantes haitianos nas cidades de São Leopoldo e Encantado no Rio Grande do Sul.

Durante o trabalho de campo, conheci vários jovens haitianos, com diversas formações: Jornalismo, Arquitetura, Engenharia, Administração, Enfermagem, Técnicos em Mecânica, Informática e Eletricidade. A constatação é que, embora eles tenham formação acadêmica ou técnica, não conseguem postos de trabalho que venham de encontro a suas expectativas. Esse fator é o que causa maior mal estar e, muitas vezes, frustração entre os jovens haitianos, principalmente os que estão nos frigoríficos (BARBOSA, 2015, p. 147).

A cidade de São Paulo/SP é uma das localidades com maior número de migrantes haitianos. A pesquisa de campo realizada por Jean R. Patrice (2017), revela a mesma problemática na contratação dos migrantes haitianos, evidenciada no estado do Rio Grande do Sul. Em grande medida, os haitianos não estão inseridos em postos de trabalho condizentes ao nível de escolaridade que possuem.

04 (quatro) entre os haitianos entrevistados têm nível de escolaridade superior, mas eles estão ou estavam trabalhando nos setores e postos inadequados à suas competências como ajudante de cozinha, ajudante de garagem de carro e carregador de carga. Os 05 (cinco) migrantes haitianos entrevistados com nível de ensino médio têm ocupado o posto de ajudante nos setores de construção civil, de frigorífico, produção de ração e escola de samba (PATRICE, 2017, p.88).

Conforme dados do Observatório das Migrações Internacionais, entre os setores que mais contrataram migrantes haitianos destacam-se os frigoríficos: abate de aves e suínos, além de restaurantes e similares e a construção de edifícios. Como demonstra o gráfico 08:



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do Observatório das Migrações Internacionais.

Segundo dados do Observatório da Migrações Internacionais, no ano de 2014 de um total de 17.577 admissões verificadas de haitianos no Brasil, 2.415 foram para o abate de aves, 1.393 na construção de edifícios, 898 para o abate de suínos, 748 em restaurantes e similares. No ano de 2015, nessas atividades foram contratados um total de 7.111 haitianos e em 2016, 4.836.

Nesta perspectiva, conforme Geraldo C. Cotinguiba (2014) observou na cidade de Porto Velho/RO, os primeiros haitianos foram empregados, na sua maior parte, na construção civil. Nesta cidade, o trabalho de recrutamento e embarque de haitianos, foi realizado pela Secretaria de Estado de Assistência Social, que entre os

anos de 2011 a 2013, atendeu 3.878 haitianos, com encaminhamento para trabalho nas empresas da cidade e para empresas de outros estados brasileiros (COTINGUIBA, 2014).

A construção de estádios para a Copa do Mundo, no ano de 2014, também utilizou força de trabalho haitiana. No ano de 2013, uma matéria da Revista Exame, relata que a construtora Mendes Júnior, recrutou mais de 100 haitianos para o serviço na Arena Pantanal, em Cuiabá, com uma salário médio de U\$400. “A Mendes Júnior ofereceu alojamento para a maioria dos trabalhadores, que dormiam em quartos para oito pessoas. Os haitianos também estavam ajudando a construir estádios em Curitiba e em Manaus” (PANJA, 2013, p.01).

No estado do Paraná as principais ocupações laborais dos haitianos não destoam das demais cidades de outros estados brasileiros. Na cidade de Curitiba, as principais ocupações estão nos setores de serviços, de limpeza pública, indústria e construção civil. Conforme Márcio de Oliveira (2015), nos restaurantes da cidade de Curitiba, para o cargo de garçom, o conhecimento linguístico dos haitianos é um diferencial apreciado pelos empresários do ramo.

Nos restaurantes de Curitiba, regra geral, os homens são garçons enquanto que as mulheres trabalham, de forma quase invisível, nas cozinhas. O trabalho de garçom é apreciado quando os patrões descobrem as habilidades linguísticas, além da pontualidade e rapidez no exercício da função (OLIVEIRA, 2015, p. 36).

Já no ramo da construção civil, assim como no caso da Arena Pantanal em Cuiabá/MT, na cidade de Curitiba/PR, também foram contratados trabalhadores haitianos, em uma das obras da Copa do Mundo de 2014, a reforma da Arena da Baixada.

Só no canteiro de obras da arena há 65 haitianos, entre os 1.000 profissionais do local. Eles trabalham para empresas diferentes e são oriundos de várias regiões do país caribenho. A função exercida pela maioria é a de ajudante de obras, que habitualmente consiste em carregar materiais, descarregar, preparar a massa, limpar a área, compactar o solo e auxiliar outros funcionários em serviços diversos (ROSAS, 2014. p. 01).

Indo além, do mapeamento das principais ocupações laborais dos trabalhadores haitianos, buscamos entender quais eram as condições destas ocupações. Constatamos que existem várias denúncias envolvendo condições

análogas à escravidão. Segundo Sarah Fernandes (2015), pelos menos 230 haitianos foram resgatados nessas condições no país.

Pelo menos 230 imigrantes haitianos já foram resgatados de trabalhos em condições análogas à escravidão no Brasil entre 2013 e 2014, sendo pelo menos 12 em São Paulo, em uma oficina de costura na região central da capital paulista (FERNANDES, 2015, p. 01).

A respeito do caso supracitado na matéria, na oficina têxtil da cidade de São Paulo/SP, além dos haitianos foram resgatados dois bolivianos.

Doze haitianos e dois bolivianos foram resgatados de condições análogas às de escravos em uma oficina têxtil na região central de São Paulo. O resgate ocorreu no início deste mês após fiscalização de auditores do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e uma procuradora do Ministério Público Trabalho (MPT). As vítimas trabalhavam no local há dois meses produzindo peças para a confecção As Marias, mas nunca receberam salários e passavam fome (WROBLESKI, 2014, p. 01).

Outro caso envolvendo o resgate de haitianos no Brasil, ocorreu no ano de 2014, em uma mineradora no município de Conceição do Mato Dentro/MG.

A operação culminou no resgate de 172 trabalhadores – entre eles, os 100 haitianos que viviam em condições degradantes. O flagrante de escravidão aconteceu em uma obra da mineradora Anglo American no município mineiro de Conceição do Mato Dentro (WROBLESKI, 2014, p. 01).

Por fim, tentamos apresentar de forma sucinta algumas informações relativas à presença dos haitianos no Brasil, bem como dados referentes aos migrantes inseridos no mercado de trabalho, nas principais localidades em que se nota a presença desse fluxo migratório.

Nota-se que, nas diversas cidades em que os haitianos estão inseridos, as problemáticas se assemelham, quando se refere as ocupações laborais, elas se restringem basicamente a setores da construção civil, frigoríficos e prestação de serviços. Nota-se também que, ocorreu um balanço negativo em relação às contratações dos migrantes haitianos no mercado formal de trabalho no ano de 2016, devido à situação econômica vivenciada pelo país no período referido.

Em conformidade com os problemas enfrentados pelos migrantes haitianos na inserção laboral, evidencia-se a não inserção em ocupações condizentes com sua formação e qualificação. Outro problema evidenciado refere-se à violação dos direitos trabalhistas e a exploração dos trabalhadores haitianos, muitas vezes em condições análogas à escravidão. No próximo tópico da pesquisa, pretendemos

analisar se as problemáticas e características visualizadas a respeito da inserção laboral dos haitianos nas regiões supracitadas se assemelham ou se diferem das encontradas na cidade de Cascavel/ Paraná.

3.1 Características da inserção laboral dos migrantes haitianos na cidade de Cascavel/PR

O município de Cascavel está localizado na região oeste do Estado do Paraná, próximo à tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina.

Figura 13 - Localização do município de Cascavel/PR



Fonte: Google Maps, 2018.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), a cidade é a quinta mais populosa do estado de Paraná, com uma população estimada de 319.608 pessoas no ano de 2017. A história da cidade de Cascavel é marcada por constantes fluxos migratórios. O município foi emancipado de Foz de Iguaçu no ano de 1952, mais precisamente no dia 14 de novembro de 1952. Na década de 1930, com o fim do ciclo da erva-mate e início do ciclo da madeira, a cidade recebeu muitas pessoas provenientes de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e de outros países, como Polônia, Alemanha e Itália (CASCAVEL, 2018). Com o fim do ciclo de madeira, na década de 1970, a região começa experimentar sua primeira

fase de industrialização, juntamente com o aumento da atividade agropecuária (CASCAVEL, 2018).

Em relação às características referentes à economia e escolarização da população de Cascavel/PR, observa-se que a taxa de escolarização para pessoas de 6 a 14 anos, foi de 98.1% no ano de 2010. Já o PIB (Produto Interno Bruto) per capita do município ocupava a posição 84° de 399 no Estado, enquanto no país ocupava a posição de 752° de 5570 no ano de 2015 (IBGE, 2018).

Em relação ao mercado de trabalho na cidade, buscamos traçar uma análise quantitativa a respeito do desenvolvimento do mercado ao longo dos últimos sete anos, a fim de visualizar quais setores que mais empregaram, a partir do ano de 2010, quando se inicia um fluxo mais intenso de haitianos para o país. Para tanto, utilizamos dados disponibilizados pelo CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados). Esses dados restringem-se a oito setores das atividades econômicas da cidade. Como demonstra a Tabela 01:

ANO	EXT MINERAL	IND TRANS	SERV IND UT PB	CONST CIVIL	COM	SERV	ADM PB	AGROP	TOTAL
2010	32	2316	4	348	2194	1777	10	-58	6623
2011	5	559	112	432	1809	2450	52	170	5589
2012	12	-139	48	704	1541	1419	130	-119	3598
2013	4	1112	18	-507	1079	1723	225	88	3742
2014	-6	664	2	674	162	2137	263	152	4048
2015	11	-1068	26	-449	-441	311	-68	20	-1652
2016	-7	-451	39	-416	-716	-1011	-307	-560	-3429
2017	2	-24	-43	287	-40	193	-124	42	779

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do CAGED.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 01, o setor de Serviços apresenta um saldo do emprego formal é de 8.999, seguido do setor de Comércio com 5.588, Indústria de Transformação com 2.960 e Construção Civil com 1.073 contratações. Nota-se também que nos anos de 2015 e 2016 o saldo total é negativo, ou seja, as demissões superaram as admissões. Em grande medida, a queda no número de admissões encontra-se relacionada com a crise econômica e política vivenciada pelo país no mesmo período.

Em relação ao rendimento no ano de 2016, o salário médio mensal era de 2.5 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 36.9%. Considerando-se os domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, a cidade apresentava 28.6% da população nessas condições (IBGE, 2018).

Atualmente, Cascavel/PR destaca-se principalmente por meio do setor educacional, devido ao seu polo universitário, e do agronegócio, onde se destaca o setor de avicultura, com mais de 2 milhões de aves abatidas diariamente e em 2006, segundo dados do IBGE, foram produzidas mais de 150 mil toneladas de soja e mais de 140 mil toneladas de milho.

A cidade de Cascavel/PR é uma das cidades brasileiras, em que milhares de haitianos se estabeleceram a partir de 2010. Segundo dados da pesquisa realizada em 2014, por um grupo de estudos sobre o Haiti, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana/UNILA, campus de Foz do Iguaçu, no qual foi coordenada por José R. V. Martins, até o ano de 2014, havia cerca de 3.000 haitianos vivendo na cidade.

No ano de 2017, uma matéria divulgada pela CATVE, aponta que em Cascavel/PR, o número de haitianos registrados na cidade no período era de 2.228. “A Polícia Federal que realiza os registros dos estrangeiros já percebeu que os primeiros haitianos que chegaram aqui há alguns anos estão trazendo os familiares e com isso, Cascavel é destaque” (CATVE, 2017, p. 01).

Em relação ao mercado de trabalho, a conjuntura de Cascavel não se difere do que ocorreu em outras localidades. Neste sentido, observa-se que aquela situação onde empresários foram até o estado do Acre para realizar a contratação de trabalhadores haitianos, também ocorreu na cidade de Cascavel/PR. No ano de 2012, “44 haitianos desembarcaram em Cascavel, onde vão trabalhar nas obras do Hospital São Lucas, que pertence ao Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz - FAG. Eles também vão construir um novo bloco na faculdade” (GONÇALVES, 2012, p. 01).

O contato com os estrangeiros foi intermediado pela Secretaria de Justiça e Segurança Pública do Acre. O estado é a principal porta de entrada dos haitianos no Brasil. Além de contratá-los conforme a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), a FAG vai prepará-los para o trabalho na construção civil e ajudá-los com a adaptação cultural. Por enquanto, o grupo fica hospedado em um alojamento no ginásio da faculdade, até que sejam

organizados os apartamentos onde vão morar. A previsão é de que eles permaneçam na cidade por pelo menos quatro ou cinco anos, tempo que as obras devem levar para serem concluídas (GONÇALVES, 2012, p. 01).

Segundo dados do Observatório das Migrações Internacionais, no ano de 2014 o número de admissões de haitianos no mercado formal de Cascavel/PR, foi de 574, em 2015, foram 708, já em 2016, ocorreram 514 admissões. Nota-se que no ano de 2016, semelhante o que ocorreu em outras regiões brasileiras, o saldo de demissões foi superior ao de admissões sendo de 725. Conforme demonstra a tabela 02:

ANO	ADMISSÕES	DEMISSÕES
2014	574	141
2015	708	426
2016	514	725

Fonte: Elaboração própria com base nos dados do OBMIGRA.

Além da construção civil, citada anteriormente, nota-se um número considerável de trabalhadores haitianos nos frigoríficos da cidade de Cascavel/PR. Para tentarmos entender esse fato vale destacar que, no Brasil, segundo dados da Associação Brasileira de Proteína Animal (2017), o estado do Paraná ocupa a primeira posição na produção avícola, sendo responsável por 33,46% dela, seguido por Santa Catarina (16,06%), Rio Grande do Sul (14,11%), São Paulo (9,33%), Minas Gerais (7,88%) e Goiás (6,71%) (ABPA, 2017).

Em relação a região oeste do Paraná, onde está localizada a cidade de Cascavel, segundo o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social, dos 50 municípios, em 12 deles há cooperativas, frigoríficos e abatedouros de suínos, bovinos e aves, totalizando 35 empresas (IPARDES, 2005).

Segundo dados da UNILA (2014), entre os anos de 2012 a 2014, mais de 500 haitianos foram contratados por frigoríficos da cidade de Cascavel/PR, a Cooperativa Agroindustrial de Cascavel - Coopavel e a Globoaves. De acordo com José R. V. Martins (2014), inicialmente os haitianos foram buscados no Acre, mas depois que esses trabalhadores se estabeleceram na cidade, em razão da oferta de vagas nos frigoríficos, começaram a chamar amigos e familiares.

Conforme dados levantados, na pesquisa de campo de Leonardo D. Eberhardt (2017) e baseando-se na fala dos seus entrevistados, a Coopavel empregava na época entre 800 a 1.000 haitianos e haitianas.

Em conformidade com essa questão, entre os entrevistados, três já haviam trabalhado na Coopavel e outras duas trabalhavam na atualidade. A interlocutora Jesula Fils Aimé, 45 anos, trabalha na área de embalagem e selagem, a mesma nos revela de forma descontraída, a sua percepção a respeito do número considerável de haitianos que trabalham nesta empresa.

Na Coopavel eu acho que tem mais haitiano que brasileiro, tem bastante mulheres e homens que trabalham lá (Narrativa nº 8 – pesquisa de campo 2017).

Em virtude disso, procuramos entender mais a respeito dessa empresa. A Coopavel atua em Cascavel desde 1970, quando um grupo de 42 agricultores, funda uma cooperativa, para produção de grãos.

Com o passar dos anos, a pequena cooperativa transformou-se em uma das 20 maiores empresas do agronegócio brasileiro (Revista Exame), contando com 26 filiais instaladas em 17 municípios da região Oeste e Sudoeste do Paraná. Hoje são mais de 4.398 associados e 5.169 colaboradores diretos, contribuindo para um faturamento de mais de R\$1.6 bi em 2014 (COOPAVEL, 2018, p. 01).

De acordo com o diretor presidente da Coopavel, Dilvo Grolli (2017), a cooperativa possui atualmente um patrimônio líquido de R\$ 2 bilhões.

No ano de 2016, considerado um dos piores anos da economia brasileira, também foi um momento de superação, o melhor ano da Coopavel, com o maior lucro e faturamento da história da cooperativa. Para o ano de 2017 a projeção é de crescer 17%, chegando a um faturamento de R\$ 2,44 bilhões e com meta de investir R\$ 50 milhões na conclusão das obras do Matrizeiro II de aves de ovos férteis, conclusão das obras da UPL II, ampliação do abate de frangos para 280 mil aves/dia e ampliação do abate de suínos para 1.500 suínos/dia (GROLLI, 2017, p.14).

No ano de 2018, a Coopavel publicou por meio da sua revista os números relativos ao abate de aves, suínos e a evolução do número de seus funcionários. O número de abate de suínos em 2017 foi de 396,2 milhões e de aves de 57,5 milhões. Em relação aos funcionários, a cooperativa possuía 4.607 funcionários em 2012, 5.254 funcionários em 2015 e 5.892 funcionários em 2017. Entramos em

contato com a Coopavel com o intuito de obter dados relativos ao número de haitianos que trabalhavam na empresa em 2018. De acordo com o responsável pela assessoria de imprensa, em julho de 2018 a Coopavel tinha 5,6 mil funcionários, entre esses 1.157 eram haitianos, que atuavam no setor de produção.

No ano de 2014, o site do jornal Globo publicou uma reportagem denunciando um frigorífico de Cascavel/PR por desrespeito às normas trabalhistas estabelecidas para o setor.

Num frigorífico em Cascavel (PR), 380 migrantes haitianos fazem, cada um, cerca de 90 movimentos por minuto para desossar frangos e pendurar galinhas. Por um salário mensal de cerca de R\$ 1 mil, suportam a rotina de oito horas e 48 minutos diários sob um frio de nove graus, temperatura abaixo do limite de 12 graus estabelecido pelo Ministério do Trabalho (SANCHES, 2014, p. 01).

A matéria supracitada não revela em qual frigorífico, teria ocorrido a violação dos limites de temperatura estabelecidos pelo Ministério do Trabalho, mas nos faz pensar a respeito das condições de trabalho nesse setor. Nesse sentido Paulo A. B. Oliveira e Jussara M. R. Mendes (2014), afirmam que o trabalho em frigoríficos interfere diretamente na saúde do trabalhador, a medida que faz parte da rotina deste trabalhador, o trabalho em ambiente frio, o ruído elevado, a exposição a umidade e a riscos biológicos: carne, glândulas, vísceras, sangue e fezes.

Além desse ambiente, o trabalho nos frigoríficos exige do trabalhador rapidez e agilidade no desempenho de sua função, exigências que podem gerar o risco de desenvolver a Lesão por Esforço Repetitivo (LER). Segundo Aparecida D. Souza e Fagner. G. Pereira (2014), para se evitar esse risco existe um limite de movimentos por minuto, mas que muitas vezes é desrespeitado.

Para evitar as lesões por esforços repetitivos, os trabalhadores não podem fazer mais do que 25 a 33 movimentos por minuto. Entretanto, o que se tem constatado é que o número de movimentos por minuto nos frigoríficos de aves é cinco vezes maior do que o limite estabelecido (SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 36).

O trabalho nos frigoríficos, além da possibilidade de desenvolver a LER, “a chance de desenvolver tendinite na desossa de perna de frango é 743% superior a outros setores da economia conforme o Ministério da Previdência Social (MPS)” (HECK, 2013, p.12). Conforme Fernando Heck (2015, p. 2067):

As operárias (os) responsáveis pelo abate e processamento da carne de frango, convivem com condições de trabalho que lhe impõe um trabalho

intenso, veloz e que exige muita destreza nos movimentos. São 140 ações técnicas por minuto apenas para atividade de evisceração (retirada de coração), 80 para o refil de peito e 46 para desossar coxa/sobrecoxa.

A respeito do trabalho no frigorífico, dos três entrevistados que já trabalharam na Coopavel, dois alegaram não terem gostado. Neste sentido, a interlocutora Adénise Jean Pierre, 34 anos, mostrando seu crachá de funcionária, nos revelou que trabalhava aproximadamente 15 meses na Coopavel, na sala de escaldagem de frangos. Quando questionada sobre suas expectativas em relação a cidade de Cascavel/PR, é notável seu descontentamento.

Eu achei que aqui eu poderia trabalhar na minha profissão, eu quero um dia trabalhar nela, porque não gosto de trabalhar lá na Coopavel (Narrativa nº 7 – pesquisa de campo 2017).

Além da problemática em relação ao descontentamento com o trabalho, na fala da interlocutora, fica evidente o desejo de estar inserida no mercado de trabalho, condizente com a sua formação, a mesma concluiu o ensino profissionalizante no Haiti e atualmente estuda secretariado bilíngue na cidade de Cascavel/PR.

Segundo uma matéria divulgada na BBC, no ano de 2015, um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) apontou que os haitianos que conseguiam emprego de acordo com a sua formação acadêmica ainda eram minoria no Brasil.

A partir da análise dos dados oficiais do Ministério do Trabalho, os pesquisadores da FGV constataram que uma parcela muito pequena dos trabalhadores haitianos graduados tem um emprego compatível com sua qualificação no Brasil. De acordo com os números mais recentes da Rais (Relação Anual de Informações Sociais), havia 440 imigrantes haitianos com curso superior trabalhando com carteira assinada no Brasil em 2014. Desse total, apenas 15 (3,4%) exerciam funções que exigem diploma universitário. A grande maioria dos haitianos graduados ocupava cargos que demandam apenas ensino fundamental (302) ou médio (58). Esses grupos representam juntos 82% dos haitianos com curso superior empregados no Brasil. O restante tinha empregos de nível técnico (59) ou sem exigência de qualificação (5). Apenas um ocupava um emprego com requisito de pós-graduação (SCHREIBER, 2015, p. 01).

No entanto, alguns entrevistados relataram que outro problema enfrentado é a demora na validação referente à formação educacional. Destacamos aqui a fala de Dykenlove John Marcelin (2016), no qual relata que concluiu o Ensino Médio no Haiti, mas que enfrenta problemas com a validação da sua certificação.

Eu ganhei uma bolsa de estudos, mas acho que vou perder essa bolsa, porque não estou conseguindo validar meus documentos, é uma dificuldade que eu estou passando desde ano passado. Tem que fazer uma prova, mas só que eu já fiz essa prova e estou esperando o resultado a um bom tempo, e ninguém me ligou até agora pra dizer se está pronto e eu estou precisando do resultado (Narrativa n° 1– pesquisa de campo 2016).

Sobre essa questão da demora e da burocracia para validar certificados e diplomas, Rosangela Silva Ferreira (2017) da Cáritas afirma que:

O que verificamos é que atualmente existe uma plataforma, pra validação desses diplomas mas que não está funcionando e isto é triste, não que eles reclamem, mas a maioria, está na linha de produção, da Coopavel que é a maior empregadora e eles vão na esperança de ter uma oportunidade atuar na área de formação (Narrativa n° 8– pesquisa de campo 2017).

Dessa forma, nota-se que uma parcela pequena dos trabalhadores haitianos está inserida em um emprego compatível com sua formação, fato que não se restringe somente a cidade de Cascavel/PR, mas também em várias outras cidades brasileiras. Nota-se que, além disso, os migrantes haitianos, vêm enfrentando problemas para validar as certificações, afetando-os em duas esferas: a primeira na possibilidade de continuação dos estudos; e a segunda em uma possível melhor colocação no mercado de trabalho.

Outro ponto observado na pesquisa, refere-se ao papel das redes sociais na inserção no mercado de trabalho cascavelense. Neste aspecto destacamos a fala do entrevistado Dykenlove John Marcellin (2016), que relata já ter trabalhado na Coopavel e não ter gostado, o que se assemelha com a fala da interlocutora Adénise Jean Pierre, destacada anteriormente. O interlocutor relata também a respeito da ajuda que recebeu, para a inserção no mercado de trabalho.

Então eu cheguei aqui no Brasil eu não tinha uma faculdade e sofri muito por isso, o meu objetivo era entrar no mercado, mas depois que eu cheguei eu consegui uma vaga de trabalho, na Coopavel. Eu não gostava e eu fiquei lá só três meses. Eu trabalhava como auxiliar de produção, alguma coisa assim, eu cheguei e já estava à procura de amigos, eu não falava nada, estava procurando amigos, falava inglês com eles e fui direto lá pra igreja e tinha uma pessoa lá e até hoje ele é meu amigo, ele me abraçou, daí comecei a tocar na igreja, daí eu mudei de emprego, pra você ter uma ideia eu já passei por uns 10 empregos aqui, porque meus amigos sempre me ajudam (Narrativa n° 1 – pesquisa de campo 2016).

Indo além, Dykenlove John Marcellin, relata o papel desempenhado da igreja que frequenta, por meio do pastor, na ocupação laboral que atua atualmente.

Tem um amigo meu que é o Jean, professor de inglês também, daí eu estava conversando com ele, a gente quer montar uma escola de língua, eu conversei com o pastor a gente não tinha local e o pastor liberou o local pra gente colocar a escola, até a gente conseguir alugar uma sala, então aqui¹² a gente dá aula de inglês e francês (Narrativa n° 1 – pesquisa de campo 2016).

Em relação a Cáritas Arquidiocesana de Cascavel, Rosangela Silva Ferreira (2017), esclarece quais são as ações realizadas para auxiliar na inserção dos migrantes no mercado de trabalho.

Existem pessoas em situações muito difíceis e as políticas públicas tem que ser olhadas de uma maneira mais séria, agora muito pouco tempo a gente está conseguindo, um diálogo principalmente com a assistência social, que fomos chamados lá e fizemos essa reunião. O foco era o trabalho e daí nós convidamos algumas autoridades, câmara de vereadores, políticos, que tem que ter essa vontade política e não foi ninguém, obviamente haitiano não dá voto, não precisa ir. Quem participou foi a Secretaria de Assistência Social, a Agência do Trabalhador e representantes da Unioeste, que era o que realmente a gente precisava, pra trabalhar isso que a gente está trabalhando com eles, em relação ao trabalho, revalidação de diplomas, porque muitos tem terceiro grau, e precisam revalidar esse diploma. Como é feito isso, como se dá. E a Agência do Trabalhador, então eles foram, foi muito bom a Secretaria de Assistência Social, na figura do secretário participaram, porque ele vai dizer assim olha, os CRAS que é o centro de referência de assistência social, que é pra atender a família, que é pra executar, uma política pública e eles tem todo direito de procurar, o CRAS, mas só que eles não sabiam, o que era o CRAS, pouquíssimos sabem, e no CRAS também existe essa descentralização. E daí nós fomos chamados uma reunião só a Cáritas, pra gente pensar e organizar esse fluxo, de encaminhamento pro CRAS, porque a secretaria de saúde também participou, eles não procuram a secretaria de saúde, eles não fazem a prevenção, mas quando doí alguma coisa eles sabem onde procurar. E daí nós vamos planejar esse fluxo de atendimento, como vai ser pra gente informar, fazer esses encaminhamentos, que material que vai ser produzido a partir daí (Narrativa n° 8– pesquisa de campo 2017).

Em Manaus/AM Gelmino Costa (2012), descreve a atuação da Pastoral do Imigrante ligada à Igreja Católica, no auxílio da inserção laboral dos migrantes haitianos na cidade.

Os empresários entram em contato com um agente da Pastoral do Imigrante, as primeiras comunicações são estabelecidas por telefone ou pela Internet. Em um segundo momento os empresários vêm para Manaus para iniciar um diálogo com os trabalhadores. Tudo é discutido com a transparência: trabalho, salário e alojamento. Exames de saúde e vacinas são realizados. Uma vez havendo acordo entre os empregadores e os trabalhadores, eles muitas vezes se deslocam para o local de trabalho.

¹² O lugar que o interlocutor se refere é a UNINTER- Polo do bairro Alto Alegre em Cascavel-PR.

Vários empresários passaram por Manaus. Nos casos em que é necessária uma pequena equipe, o processo é realizado apenas por telefone e pela Internet sem os empregadores se moverem para Manaus (COSTA, 2012, p. 95).

Corroborando nesse sentido, Maria B. L. Guimarães (2005) sintetiza o papel das igrejas.

Essas igrejas promovem diversos tipos de trabalhos sociais para a comunidade, como distribuição de cestas básicas, atendimento médico e odontológico, cursos extraclasse para adolescentes e de alfabetização para adultos, cortes de cabelo, festas passeios, além de encaminhar as pessoas para arrumar emprego e buscar soluções para os problemas (GUIMARÃES, 2005, p. 186).

É importante observar que além da inserção laboral dos migrantes haitianos no mercado formal, os haitianos também estão inseridos no mercado de trabalho informal. Neste sentido, a entrevistada Dina Dorleus Polisca, 30 anos, nos relatou que no Haiti trabalhava no comércio, mas que atualmente na cidade de Cascavel/PR, estava trabalhando como diarista e sem carteira assinada. De acordo com a entrevistada, o rendimento do seu trabalho, era a única renda da família, devido ao fato de que seu marido Frenel Dorleus, 30 anos, estava desempregado.

Em relação as mulheres entrevistadas, três haitianas estavam empregadas, sendo duas no mercado formal e uma no mercado informal, nos quais todas realizavam atividades manuais em suas funções. Neste sentido, Margarita R. G. Mejía e Rosmari T. Cazarotto (2017, p. 180), enfatizam que as mulheres haitianas “no ambiente de trabalho, geralmente, realizam atividades manuais que as dispensam de saber falar português. Recebem as instruções iniciais de um tradutor haitiano e, uma vez aprendidas essas funções, executam as tarefas”.

No ano de 2016, a CGN divulgou uma reportagem a respeito dos migrantes que atuavam na economia informal de Cascavel/PR, chamando a atenção para um problema que não recebia muita atenção na imprensa local até o momento.

A crise política e econômica que o Brasil atravessa fechou portas de empregos. Africanos que vivem em Cascavel também foram alcançados pela onda de desemprego e muitos, sem alternativa, partiram para a economia informal. Durante a semana, a reportagem da Gazeta do Paraná encontrou em um espaço de menos de 200 metros no calçadão da Avenida Brasil dois haitianos e dois senegaleses trabalhando como camelôs, vendendo bijuterias, relógios e outros produtos. Não muito distante, uma jovem haitiana entregava panfletos em um semáforo (WRONSKI; CRUZ, 2016, p. 01).

A matéria supracitada também traz a fala de Maristela Becker, responsável pela Agência do Trabalhador da cidade, que afirma que a oferta de empregos para os haitianos havia reduzido. “Desde meados do segundo semestre do ano passado a oferta de empregos na construção civil começou a reduzir e nos frigoríficos da região, que sempre empregaram haitianos, as vagas também foram reduzidas” (WRONSKI, CRUZ, 2016, p. 01).

Além da crise econômica no Brasil, Leonardo Cavalcanti e Tânia Tonhati (2017), enfatizam que a inserção no mercado informal dos haitianos não é estranha, já que o Brasil corresponde a um país que apresenta altas taxas de informalidade para todas as nacionalidades, inclusive para os próprios brasileiros. De acordo com uma matéria divulgada no ano de 2018 pelo G1, que utilizou dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do ano de 2016, cerca de 34 milhões de pessoas trabalhavam sem carteira ou como autônomos no Brasil, já no ano de 2017, esse número era 34,31 milhões de pessoas.

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (2017), a inserção no mercado de trabalho formal ou informal dos migrantes, “está condicionada pela posição que este país/localidade ocupa no mercado global e a correspondente participação do trabalho migrante formal ou informal neste mercado” (OIT, 2017, p. 19). Sobre isso, Anita Kon (2008, p. 07) afirma que:

Na atualidade, a condição de informalidade das atividades brasileiras é determinada por um lado por políticas públicas que priorizam a continuidade da estabilização econômica e, por outro, pelas transformações estruturais intensificadas e mais velozes manifestadas de forma diferenciada tanto em âmbito global, internacional quanto regional, e que resultam em formas também diversas de inserção do trabalho.

Desta forma, nota-se que os migrantes haitianos estão inseridos no mercado de trabalho cascavelense, principalmente na construção civil e nos frigoríficos. Entretanto, os problemas encontrados pelos migrantes de Cascavel/PR, se assemelham com os encontrados em outras cidades brasileiras e refere-se à dificuldade no processo de inserção laboral, principalmente em postos de trabalho condizentes com sua formação. Constata-se também que entre as estratégias utilizadas para a inserção ao mercado de trabalho observam e exploram as possibilidades fornecidas pelas ocupações informais e pelas redes sociais, que se tornam ferramentas poderosas na procura por emprego e sustentabilidade.

3.2 O desemprego e as novas migrações.

Depois de problematizarmos a inserção dos migrantes haitianos no mercado de trabalho, cabe nesse momento da pesquisa analisar a respeito da “não” inserção laboral dos migrantes haitianos, ou seja, o desemprego. Para tanto, foi utilizado como um dos recursos metodológicos, os sites midiáticos que divulgaram matérias sobre o assunto. Essa análise, faz-se necessária, a medida que os dados pesquisados e apresentados anteriormente, revelam que nos anos de 2015 e 2016, assim como os brasileiros, os haitianos, também sofreram com o alto índice de desemprego no país. Neste sentido, Margarita R. G. Mejía e Rosmari T. Cazarotto (2017, p. 187) afirmam que:

Em decorrência da crise econômica e política que assola o Brasil, os haitianos estão sendo desligados das empresas que antes os contrataram. Muitos encontram-se desempregados, vivem do apoio e solidariedade de haitianos e membros da sociedade local que se sensibilizaram com o problema e os ajudam a suprir as necessidades básicas, alimentação e abrigo.

No ano de 2015, uma matéria divulgada pela CGN, afirmava que no referido ano, já haviam mais de 500 desempregados em Cascavel/PR.

Maristela Becker Miranda, gerente da Agência do Trabalhador em Cascavel, confirma que está encontrando dificuldades para encaminhar os haitianos para o mercado de trabalho e diz estar preocupada com a situação. Algumas empresas são claras e dizem que não querem a mão de obra haitiana, às vezes a agência insiste, mas poucas vagas aparecem. Até a construção civil que empregou muitos haitianos hoje se recusa a receber os trabalhadores (CORAZZA, 2015, p.01).

Segundo Fábio Wronski (2016), diante do cenário da crise econômica brasileira, as vagas tem diminuído nos setores que mais empregam migrantes haitianos, que são os da construção civil e os frigoríficos, o que leva os empregadores preferirem manter os brasileiros empregados e demitirem os migrantes e também de preferirem contratar os brasileiros quando se tem a abertura de novas vagas.

Em relação aos entrevistados, três declararam estarem desempregados. Destacamos primeiramente a fala de Frenel Dorleus, que buscava arrumar um emprego para viabilizar a vinda dos seus dois filhos que ficaram no Haiti.

Estou desempregado, trabalhava na Coopavel não gostava, porque trabalhava na construção civil, conhecia muita coisa, não podia trabalhar em Coopavel, depois trabalhei na Tansvidal fiquei 8 meses e daí o trabalho acabou e fizeram acerto (Narrativa n° 3 – pesquisa de campo 2016).

Já o entrevistado, Jeanalovy Innocent, em sua fala, relata que apesar de estar desempregado, não pretende voltar para o Haiti, devido aos custos altos e pelo fato de sua família já estar em Cascavel/PR.

Não posso ir pra lá mais, no Haiti, porque já tem minha filha e toda minha família está aqui comigo, o que vou fazer lá no Haiti, só mãe, eu tenho lá. Quero arrumar emprego, ficar em Cascavel, se vai pro Haiti tem que comprar passagem pra todo mundo e está 5 mil, muito caro (Narrativa n° 2 – pesquisa de campo 2016).

A respeito da problemática, do desemprego que afeta os haitianos em Cascavel/PR, buscamos entender a percepção da Cáritas, devido a suas ações de auxílio nesse fluxo migratório na cidade. Conforme a interlocutora Rosângela Silva Ferreira (2017).

Assim como nós temos essas fragilidades, eles também, mas pra eles tudo fica mais difícil, estrangeiros na nossa terra, tentando superar. Muitos deixaram a família lá e no começo eles arrumavam trabalho, pra eles isso aqui era realmente um paraíso, eles davam conta de mandar o dinheiro pra lá, fazer essas remessas. Um dado que a gente pesquisando e conversando muito, a gente sabe que 20% do PIB do Haiti, gira em torno dessas remessas encaminhadas, por essas pessoas que estão fora. E daí vem essa problemática do desemprego, nós temos 14 milhões de pessoas desempregadas no nosso país e pra eles também não é diferente, só que com esse agravante (Narrativa n° 8– pesquisa de campo 2017).

A situação de desemprego, dos migrantes haitianos, não se restringe a cidade de Cascavel/PR. No ano de 2015, uma matéria da Folha de São Paulo, retrata a situação do mercado de trabalho na cidade de São Paulo/SP.

Nas feiras que reúnem empregadores, às terças e quintas, o número de postos oferecidos despencou. O padre Paolo Parise, que dirige o Centro de Estudos Migratórios, diz que neste ano o número de contratados deve chegar a 30% dos de 2014. Grande parte dos entrevistados, com destaque para haitianos e africanos, buscou um lugar na construção civil, um setor que nos últimos 12 meses fechou 385 mil vagas formais, mais de um terço de todos os empregos encerrados no país no mesmo período, segundo dados do Caged (FAGUNDEZ, 2015, p. 01).

No estado de Santa Catarina, de acordo com uma matéria divulgada, pelo Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades no ano de 2017, a

problemática vivenciada pelos haitianos no Estado se assemelha com a da cidade de São Paulo.

A Pastoral do Migrante de Florianópolis que costumava atender cerca de 100 imigrantes ao dia, em 2016, agora atende apenas 40. Também, em 2017, foram registrados seis casos de imigrantes em situação de rua. Em Balneário Camboriú, cerca de 80% dos haitianos está desempregado (MELLO, 2017, p. 01).

De acordo com Aline Almeida (2017), os números são alarmantes e muitos haitianos precisam contar com a solidariedade em Cuiabá/MT. “Cerca de 80% das mulheres haitianas que vivem em Cuiabá estão desempregadas, dos homens o número pode chegar até metade” (ALMEIDA, 2017, p. 01). Dessa forma, nota-se que o número de mulheres haitianas desempregadas é maior do que a dos homens haitianos na cidade de Cuiabá/MT. Neste sentido Margarita R. G. Mejía e Rosmari T. Cazarotto (2017, p.188), asseveram que:

As consequências da crise econômica atingem as mulheres de forma mais intensa, sofrem maior exclusão do que os homens do mercado de trabalho, onde algumas foram desligadas e outras nem conseguiram entrar. Apesar de que no setor operacional das empresas homens e mulheres desempenham as mesmas funções, os empresários dão preferência à contratação de homens; na inserção das mulheres correm o risco de terem que bancar com a licença de maternidade.

Segundo dados o Observatório das Migrações Internacionais, no ano de 2015, 5.760 mulheres haitianas foram admitidas no mercado formal de trabalho e 4.090 foram demitidas. Representando um percentual de 58% de admissões e 42% de demissões. No ano de 2016, foram admitidas 4.107 e demitidas 5.400 mulheres haitianas. Representando um percentual de 43% de admissões e 57 % de demissões.

Segundo dados do IBGE, por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua¹³, no ano de 2015 o número de desempregados no Brasil, foi de aproximadamente 8,6 milhões de pessoas. Neste sentido Marcio Pochamann (2015), analisa o aumento do desemprego no Brasil.

¹³ É uma pesquisa por amostra probabilística de domicílios. Que segue um esquema de rotação de domicílios, no qual cada domicílio selecionado é entrevistado cinco vezes, uma vez a cada trimestre, durante cinco trimestres consecutivos.

O aumento recente na taxa de desemprego no Brasil metropolitano encontra-se diretamente determinado pela adoção das políticas de ajuste econômico que levaram à recessão. Pela intensificação do desemprego nestes primeiros meses, o ano 2015 se apresenta como o terceiro momento temporal de ajuste econômico mais grave observado nas últimas três décadas. A ampliação do desemprego não se apresenta homogêneo entre os trabalhadores. Mostra-se, por exemplo, mais intenso o seu crescimento para pessoas do sexo feminino, com mais idade, menor escolaridade, na condição de chefe de família (...) e relacionado com as atividades do trabalho doméstico, da construção civil e da indústria (POCHMANN, 2015, p. 17).

Utilizando a mesma base de dados do IBGE: a Pnad Contínua, constata-se que o ano de 2016, o número de desempregados subiu 37%, passando a ter 11,8 milhões desempregados no país. No ano de 2017, o desemprego chegou a atingir 14,2 milhões de brasileiros. No ano de 2018, dados recentes apresentam que o número de desempregados no país é de 13,2 milhões de pessoas. Corroborando neste sentido, Eduardo Stotz (2005) explica a natureza do desemprego na sociedade capitalista.

O desemprego de parte da força de trabalho é uma necessidade para o capitalismo evitar a pressão pelo aumento dos salários. A existência de uma parcela de trabalhadores desempregados que concorram entre si pelo emprego, em número sempre superior às vagas oferecidas pelas empresas gera, como contrapartida, a insegurança no trabalho para os que estão empregados. O desemprego é, portanto, fundamental ao funcionamento do sistema. Quanto maior for o desemprego, tanto maior o pauperismo, a miséria social (STOTZ, 2005, p. 60).

Outro ponto observado na pesquisa, refere-se ao fato de que o desemprego dos migrantes haitianos é um dos motivos apontados pela mídia, para a saída deles do Brasil, rumo a novos fluxos migratórios. Segundo dados do STI (Sistema de Tráfego Internacional) da Polícia Federal, que registra os dados das entradas e as saídas das pessoas no país pelos postos de controle de fronteiras (terrestres, portos e aeroportos) nos anos de 2010 a 2016, a entrada de haitianos no Brasil foi de 95.691 e a saída foi de 21.283 haitianos (OBMIGRA, 2017).

De acordo com Maycon Corazza e Luiz C. da Cruz (2015), a Delegacia da Polícia Federal em Cascavel/PR que chegou a registrar até 100 pedidos de refúgio em um único mês, no ano de 2015 não realizava mais que dez pedidos mensais. Os possíveis motivos apontados por eles para a diminuição do fluxo migratório haitiano para a cidade, seriam a retração da economia e a queda nas vagas de empregos.

No ano de 2015, uma matéria divulgada pela Folha de São Paulo, afirma que o desemprego levou alguns migrantes que estão no Brasil a retornarem ao Haiti e a

migrarem para outros países como os Estados Unidos. A matéria supracitada traz também alguns depoimentos de migrantes haitianos.

O eletricitista haitiano Pierre, 42, há sete meses no país, não conseguiu uma vaga e vai retornar ao Haiti. A passagem de volta custou R\$ 4.600. Mesmo os que estão empregados consideram viajar em busca de melhores oportunidades. Com um salário mensal de R\$ 1.000, o soldador Joseph Levitique, 30, não consegue enviar nada para a família, principalmente depois que o dólar disparou. Seu plano é voltar para o Haiti em janeiro e juntar dinheiro para ir a Miami, onde moram parentes (FAGUNDES, 2015, p. 01).

A problemática evidenciada na matéria, no qual mesmo os migrantes haitianos que estão empregados desejam deixar o Brasil, é notado também na fala de um dos nossos entrevistados. O interlocutor Jimmy Jean, quando questionado sobre suas expectativas em relação a cidade de Cascavel/PR, deixa claro o seu descontentamento e o desejo de retornar ao Haiti.

A verdade é que não posso falar de expectativas em Cascavel, é uma cidade tranquila só que não tem emprego pra pessoa que tem mais formação, para buscar trabalho, não pode fazer trabalho duro. É uma cidade que tem muita simpatia, o povo do Brasil e de Cascavel tem hospitalidade, só que tem discriminação com emprego, pela dificuldade de conseguir arrumar emprego eu quero voltar pro Haiti (Narrativa nº 6– pesquisa de campo 2017).

Indo além o interlocutor Jimmy Jean, relata os problemas de inserção laboral encontrados por ele e um dos motivos que o levam a querer deixar o país.

Quando eu chego não encontro emprego, primeira empresa é Coopavel, eu faço o exame médico e todo o resultado está bom, nenhum problema de saúde, mas quando fizeram leitura do meu protocolo, viram que eu sou advogado e a pessoa no escritório disse senhor não tem nada pra você aqui. Eu vou pra Toledo na Viasul, também faço exame médico, tudo bom, mas é o mesmo problema, quando fazem leitura do meu protocolo, tudo igual, nada pra você. Eu passo 15 meses aqui sem trabalho, só buscando, buscando, quando chego aqui na Unioeste no programa de ensino de língua, eu fiz uma prova e eu deposito todo documento de academia aqui, depois de tudo ligaram pra fazer teste de francês e em tudo eu passo. Aqui é pouco o dinheiro, porque é só tenho duas turmas daí o salário que recebo todo mês é pouco (Narrativa nº 6– pesquisa de campo 2017).

Além das problemáticas relatadas pelo entrevistado Jimmy Jean, que são o de não conseguir emprego em algumas ocupações, pelo fato de possuir ensino superior e de que o emprego em que está atuando atualmente, lhe render um salário insuficiente para a sua permanência no Brasil, o entrevistado possuía esposa e dois filhos que estavam no Haiti e devido sua situação econômica não conseguia realizar

remessas financeiras à sua família, tão pouco viabilizar à vinda deles para o Brasil. Posteriormente a entrevista, nos foi informado por outra entrevistada a Adénise Jean Pierre, que o mesmo teria conseguido arrecadar dinheiro, por meio de uma campanha em uma rede social e teria retornado ao Haiti.

No ano de 2016, uma matéria divulgada pela Migra Mundo, traz a fala do pesquisador e professor Joseph Handerson (2016), a respeito da saída dos migrantes haitianos no Brasil.

Não há dúvida que o quadro atual socioeconômico e político do Brasil, particularmente a situação de desemprego daqueles migrantes que já residem no país tem suscitado a ideia de retorno para o Haiti, especialmente aqueles que viviam lá (no Haiti) numa situação socioeconômica “melhor” do que vivem atualmente aqui (Brasil) sem emprego. Entre estes, alguns decidiram seguir a viagem para outros países como Chile e a Guiana Francesa, particularmente aqueles que já possuíam familiares e/ou conhecidos nesses lugares (HANDERSON, 2016, p. 01).

De acordo com Joseph Handerson (2016), outro fator que contribuí, para a saída dos haitianos do Brasil, refere-se a alta do dólar americano no ano de 2015, que prejudicou as remessas de dinheiro para os familiares dos migrantes haitianos que ficaram no Haiti. Além disso, Joseph Handerson (2016), problematiza sobre as razões da diminuição do fluxo migratório dos haitianos para o Brasil. Segundo o pesquisador nos anos de 2010 a 2014, os haitianos que estavam no Brasil incentivaram os haitianos que estavam no Haiti, a virem para o país, mas que a partir de 2015, devido ao desemprego, aos baixos salários pagos no Brasil, o preconceito e as agressões verbais, psicológicas e físicas, sofridas pelos haitianos. Os migrantes haitianos começaram a desaconselhar os familiares e amigos a virem para o país (HANDERSON, 2016).

Neste sentido, vale mencionar a matéria publicada pelo site do jornal Globo no ano de 2014, que relatou que o Ministério do Trabalho investigava treze denúncias no Estado do Paraná, a respeito de agressões físicas e psicológicas à haitianos.

O Ministério Público do Trabalho está investigando 13 denúncias de agressões físicas e psicológicas a haitianos em Curitiba motivadas por preconceito e xenofobia – que é a aversão a estrangeiros. O ministério investiga também se os direitos trabalhistas desses imigrantes estão sendo desrespeitados (GLOBO, 2014, p. 01).

No ano de 2016, uma matéria publicada pela Rede Brasil Atual, traz o relato da advogada Laura Sartoretto, a respeito das denúncias trabalhistas dos migrantes haitianos na cidade de Porto Alegre/RS.

Representante do Grupo de Assessoria a Imigrantes e Refugiados (Gaire) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a advogada Laura Sartoretto relatou que o órgão recebe muitas demandas trabalhistas, principalmente de discriminação. "O grosso do nosso trabalho se dá em questões de preconceito e racismo", revelou ela. Durante a manifestação, a advogada relatou que um imigrante haitiano que trabalhava na construção civil, depois de sofrer "agressões verbais", teria sido jogado do segundo andar de um prédio por "colegas" de trabalho. Após um mês internado, ele teria fugido para o Chile devido a ameaças recebidas (SILVERIA, 2016, p. 01).

A respeito das saídas dos migrantes haitianos do Brasil. No mês de setembro do ano de 2016, uma reportagem do site do jornal Globo, relatou que um grupo composto por haitianos, pretendia atravessar a fronteira do México com os Estados Unidos.

Autoridades de fronteira dos Estados Unidos estão tendo dificuldades para encontrar espaço suficiente para manter centenas de imigrantes haitianos que partiram do Brasil, para onde eles foram depois do terremoto de 2010 no Haiti, mas que decidiram se mudar novamente em meio à recessão e após o fim da Olimpíada no Rio. De acordo com um e-mail interno da autoridade alfandegária e de proteção de fronteiras dos EUA, mensagem enviada na quarta-feira e vista pela Reuters, um representante em San Ysidro, na Califórnia, relatou que 900 haitianos estavam esperando para cruzar de Tijuana, no México, e pediu que a patrulha de fronteira enviasse falantes de crioulo para traduzir entrevistas com imigrantes. Detenções de haitianos no sul do México também estão aumentando, onde um número estimado de 500 chegaram na segunda-feira, indicando que o movimento em direção aos EUA poderia crescer quando essas pessoas viajarem para o norte (GLOBO, 2016, p. 01).

Já no mês de outubro de 2016, uma matéria do UOL notícias, relatou a péssimas condições dos haitianos que estavam alojados nas regiões de fronteira do México.

Acampados em centros de imigrantes, quartos deteriorados, hotéis semiabandonados e chão de igrejas, milhares de haitianos desesperados para entrar nos Estados Unidos estão num limbo e expostos ao crime em perigosas regiões de fronteira do México. As periferias difíceis de Tijuana e Mexicali abrigam atualmente, acredita-se, cerca de 5.000 haitianos, com cerca de mais 300 chegando diariamente, depois de uma dura viagem do Brasil, segundo dados oficiais (UOL, 2016, p. 01).

As situações evidenciadas nas matérias supracitadas, se devem basicamente ao endurecimento da política imigratória dos Estados Unidos, no governo de Donald

Trump. No ano de 2017, uma matéria divulgada pelo site midiático Jornal da Unicamp, traz a fala do pesquisadora e professora Marília L. P. Cotinguiba (2017), a respeito da política migratória empregada pelo atual presidente dos Estados Unidos.

Barack Obama, na transição do governo para Donald Trump, concedeu vistos para trabalho a imigrantes, o que atraiu haitianos que rescindiram seus contratos com empresas brasileiras e os já desempregados. Trocaram cada real por dólar e saíram pagando táxis e coiotes – alguns morreram no caminho. Ocorre que Trump, ao assumir, passou a prendê-los e deportá-los para o Haiti. Conheço cerca de 50 participantes do nosso projeto de ensino de português que estão presos há meses na fronteira americana (COTINGUIBA, 2017, p. 01).

No ano de 2017, foi anunciado pelo governo dos Estados Unidos outra medida que afeta o fluxo migratório dos haitianos para o país. Em novembro do referido ano, foi anunciado o fim do Status de Proteção Temporária (TPS) para o Haiti. Estes migrantes só poderão permanecer nos Estados Unidos até 2019, que o prazo estabelecido para então deixarem o país (GLOBO, 2017, p. 01).

Uma das soluções encontradas pelos haitianos perante as ações anunciadas pelo governo dos Estados Unidos, foi a migração para o Canadá. Até o mês de julho de 2017, aproximadamente 2.500 haitianos deixaram os Estados Unidos com destino ao país, que disponibilizou o estádio olímpico de Montreal para alojar os migrantes haitianos (GLOBO, 2017).

Além dos Estados Unidos, o Chile também é um dos países escolhidos pelos migrantes haitianos ao deixarem o Brasil. De acordo com uma matéria publicada pela folha de S. Paulo no ano de 2016, o Chile já contava com aproximadamente 9 mil haitianos no país, no ano referido.

"Há alguns meses estamos observando uma rota de haitianos rumo ao Chile e, em medida menor, rumo aos Estados Unidos", diz o padre Paolo Parise, da Missão Paz, que os recebe em São Paulo. Para entrar no Chile, eles precisam sair do Brasil com as passagens de ida e volta (cada uma custa de R\$ 446 a R\$ 460), o Registro Nacional de Estrangeiro e uma carta convite de um residente chileno —geralmente outro haitiano (SANT'ANNA; PRADO, 2016, p. 01).

De acordo com a matéria supracitada, um ato administrativo do governo chileno em vigor há um ano no país, regularizou a situação dos migrantes. Esse ato administrativo possibilita a obtenção do visto de trabalho, mesmo para os migrantes que chegaram ao país como turistas.

Dessa forma, nota-se que a partir do ano de 2015, um número considerável de haitianos começou a deixar o Brasil, retornando ao Haiti ou em direção de outros países como Estados Unidos e Chile. Os possíveis motivos apontados para esses novos fluxos migratórios, seriam o desemprego provocado pela crise econômica no país, dificultando a inserção laboral dos migrantes haitianos; a alta no dólar americano, que desvalorizou a moeda brasileira, gerando problemas para os repasses dos haitianos às suas famílias; o descontentamento com os salários pagos aos migrantes haitianos, bem como os problemas enfrentados pelos haitianos no Brasil devido ao preconceito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa não teve como objetivo discutir conceitos e teorias a respeito da migração, ou mesmo, teorias sociais e econômicas. Nesse sentido, são necessárias pesquisas futuras para aprofundar alguns pontos que foram apenas levantados por nós. Procuramos nesta pesquisa, analisar e discutir algumas questões envolvidas no fluxo migratório haitiano para Brasil, com foco na cidade de Cascavel/PR, a fim de chegar a um entendimento deste fluxo, bem como o de retratar um pouco do cotidiano destes sujeitos em território brasileiro.

O Haiti foi a primeira colônia europeia a conquistar a independência na América Latina, mas devido a um conjunto de fatores políticos, econômicos e ambientais se tornou o país mais pobre do continente. Essa trajetória histórica do país, estimulou ondas de migrações de parte de sua população ao longo dos anos. O Brasil aparece como destino para milhares de haitianos principalmente depois do terremoto de 12 de Janeiro de 2010, que deixou um rastro de aproximadamente 316.000 mortos, 300.000 feridos, 1,3 milhão de desabrigados. A princípio o fluxo migratório dos haitianos para o Brasil iniciou-se de forma tímida, mas intensificou-se ao longo dos anos.

A escolha do Brasil na rota migratória, apresenta diferentes discursos tais como: a situação econômica do país em 2011; a visibilidade depois da realização da Copa do Mundo de 2014; a atuação do Brasil no Haiti por meio da Missão da Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) e a conduta do governo brasileiro após o terremoto. Porém, a motivação para a migração dos haitianos para o Brasil, não está somente no discurso reducionista do terremoto. Nota-se que, diversos haitianos que migraram para o Brasil não são oriundos da cidade de Porto Príncipe no Haiti, região afetada pelo sismo.

Os haitianos que chegaram ao Brasil utilizaram de diversas estratégias. No início entravam de modo irregular, com o auxílio de coites, os acessos ao país se davam pelas cidades do Amazonas e do Acre, passando antes por países como o Panamá, Equador e Peru. No entanto, com o passar do tempo e a possibilidade da obtenção do visto no Haiti, muitos começaram a chegar aos municípios brasileiros por via aérea.

No campo jurídico, após chegar ao Brasil os migrantes haitianos, necessitam regularizar a sua situação migratória. O movimento inicial, foi pela tentativa de

obtenção status do refugiado. Contudo, os migrantes haitianos não conseguem ser enquadrados dentro de tal perspectiva, por não estarem inclusos nos requisitos da Convenção de 1951, que considera refugiado aqueles que notadamente tenham alegado motivos de perseguição. A solução encontrada pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg) foi conceder o visto por razões humanitárias.

Para controlar o fluxo migratório haitiano e coibir a ação dos coiotes, o governo brasileiro estabelece em 2012 por meio da Resolução Normativa nº 97, a limitação de 100 concessões de visto por mês. Medida que trouxe problemas, como a necessidade de abrir lista de espera pelo Consulado e a superlotação do abrigo construído na cidade de Brasília no Acre. Para resolver a situação, em abril de 2013 por meio da Resolução Normativa nº 102, o governo retira a limitação do número de vistos aos haitianos.

Ao chegar as cidades brasileiras, o migrante haitiano raramente conta com uma estrutura de acolhimento. A cidade de Cascavel/PR por exemplo, não possui casas de passagem. Outro ponto observado refere-se a falta de políticas públicas de inserção dos migrantes haitianos no Brasil, situação que leva as instituições religiosas e as ONG's promoverem ações nesse aspecto, como é o caso da Cáritas Aquidiocesana e a Pastoral do Migrante, ambas ligadas a Igreja Católica na cidade de Cascavel/PR.

São inúmeros os problemas enfrentados pelos haitianos em território brasileiro, entre eles o preconceito e o xenofobismo. São vários os casos de manifestações nesses aspectos, alguns até com o uso de violência contra os migrantes haitianos.

Nota-se também que os haitianos de Cascavel/PR têm buscado formas de se organizar e de se inserirem na sociedade, são exemplos a criação da Associação Haitiana de Cascavel, a criação do Fórum dos Haitianos, o 1º Festival da Cultura Haitiana e o "Show Arts".

Em relação a inserção laboral, as principais ocupações dos trabalhadores haitianos restringem-se basicamente a setores da construção civil, frigoríficos e prestação de serviços. Outro ponto observado refere-se ao fato de que uma pequena minoria dos haitianos está inserida em ocupações condizentes com sua formação e qualificação. Nota-se também vários casos de violação dos direitos trabalhistas e de exploração dos trabalhadores haitianos nas cidades brasileiras.

Na cidade de Cascavel/PR, um dos setores que mais empregaram os trabalhadores haitianos são os frigoríficos. O trabalho nesses locais, tem como características a repetição, as condições adversas de temperatura e os riscos físicos, químicos e biológicos.

Nossas discussões durante a pesquisa revelaram a importância das redes sociais no fluxo migratório haitiano, redes essas que são formadas por migrantes e não - migrantes e acabam por auxiliar tanto na decisão de migrar, no deslocamento e também na inserção tanto social quanto laboral no Brasil.

Por fim nota-se que, a partir do ano de 2015 os migrantes haitianos começam a sofrer com o desemprego devido a crise econômica vivenciada pelo Brasil. O que vem a ser um dos fatores, que motivou um número considerável de haitianos a deixarem o país, retornando ao país de origem e também iniciando novos fluxos migratórios a outros países. Nota-se também, uma nova faceta da migração haitiana, em que aqueles que já se estabeleceram em território brasileiro, viabilizam a vinda de seus familiares, ou seja, são novos fluxos migratórios, com o objetivo de reunificação familiar.

Dessa forma, percebe-se que esse fluxo migratório não é estático e muito menos homogêneo, mas é composto de idas e vindas. As entrevistas revelaram histórias de sujeitos que possuem perspectivas de melhorias de vida, que não se restringem a uma melhoria individual, mas também coletiva e familiar, de sujeitos que buscam uma inserção integral na sociedade, bem como revelaram histórias de enfrentamento às adversidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABPA. Associação Brasileira de Proteína Animal. **Relatórios Anuais**. Disponível em: <http://abpa-br.com.br/setores/avicultura/publicacoes/relatorios-anuais/2017>. Acesso em 17 jul. 2018.
- ALMEIDA, Aline. **Haitianos sofrem com desemprego em MT**. Folha Max. 06 maio 2017. Disponível em: <http://www.folhamax.com/cidades/haitianos-sofrem-com-desemprego-em-mt/123555>. Acesso em: 21 jul. 2018.
- ANGLADE, Georges. **Les haitiens dans le monde**. Disponível em: <http://ile-en-ile.org/georges-anglade-les-haitiens-dans-le-monde/>. Acesso em: 12 abr. 2017.
- ALBERTI, Verena. **História dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Orais. São Paulo: Contexto, 2005.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. FGV, 2006.
- APPADURAI, A. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa, Portugal: Teorema, 2004.
- ARAÚJO, José R. de Campos. Políticas públicas, estruturas estatais e migrações no Brasil. In: **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- ARRUDA, Aline Maria Thomé. **A relação entre o Estado e a imigração: aspectos pertinentes para análise dos casos brasileiro e canadense**. Cadernos OBMigra, v.1, n.3, 2015.
- BHABHA, Homi K. 1998. **O Local da Cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana LL Reis e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- BITTENCOURT, Cícero. **Haitiano improvisa tênis de mesa com chinelos e inspira projeto social no Paraná**. G1 Globo. 15 dez. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/haitiano-improvisa-tenis-de-mesa-com-chinelos-e-inspira-projeto-social-no-parana.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2018.
- BOYD, M. "Family and personal networks in international migration: recent developments and new agenda". *International Migration Review*, 23 (4): 853-876, 1989.
- BRACEY, Djuan. **O Brasil e as aspirações de manutenção da paz da ONU: Os casos do Timor Leste e Haiti**. Contexto Internacional – vol. 33, n. 2, julho/dezembro 2011
- BRASIL. **Missão de estabilização do Haiti completa 10 anos com o Brasil no comando**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/editoria/seguranca-e-justica/2014/07/missao-de-estabilizacao-do-haiti-completa-10-anos-com-brasil-no-comando>. Acesso em: 4 abr. 2017.

BRASIL. **Operações em Roraima visam à coordenação e à segurança de venezuelanos que fogem da crise humanitária.** Ministério da Defesa. 15 mar. 2018. Disponível em: http://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQl/content/operacoes-em-roraima-visam-a-coordenacao-e-a-seguranca-de-venezuelanos-que-fogem-da-crise-humanitaria. Acesso em: 01 ago. 2018.

CAMPOS, Marcela. **Haitianos se unem em associação.** Gazeta do povo. 14 abr. 2014. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/entrelinhas/haitianos-se-unem-em-associacao-9503qbqye49sdf0slklrnp6by/>. Acesso em 10 jun. 2017.

CARIGNANO, Júlio. **Haitianos constituem Associação de defesa dos Imigrantes.** Disponível em: <https://pauloporto.com.br/noticias/haitianos-constituem-associacao-de-defesa-dos-imigrantes/>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CARDIN, Eric Gustavo. Notas para o estudo dos processos migratórios no Brasil. In: **Novas fronteiras do saber sociológico.** Silvio Antônio Colognese (Org). Porto Alegre: Evangraf, 2012.

CÁRITAS. **Quem somos e Histórico.** Disponível em: <http://caritas.org.br/quem-somos-e-historico>. Acesso em: 10 jun. 2017.

CASCAVEL, Prefeitura Municipal. **História.** Portal do Município de Cascavel. Disponível em: <http://www.cascavel.pr.gov.br/historia.php>. Acesso em: 04 jul. 2018.

CAGED. **Programa de disseminação das estatísticas do trabalho.** Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/caged?view=default>. Acesso em: 14 jul. 2018.

CATVE. **Cascavel é a cidade com maior número de imigrantes haitianos no Paraná.** CATVE. 30 ago. 2017. Disponível em: <https://catve.com/noticia/6/192763/cascavel-e-a-cidade-com-maior-numero-de-imigrantes-haitianos-do-parana>. Acesso em: 17 jul. 2018.

CATVE. **Festival destaca a cultura haitiana em Cascavel.** CATVE. 28 maio 2016. Disponível em: <https://catve.com/noticia/6/151834/festival-destaca-a-cultura-haitiana-em-cascavel>. Acesso em: 2 jan. 2018.

COOPAVEL. Cooperativa Agropecuária Cascavel Ltda. **Juntos nós podemos.** Revista Coopavel, Cascavel (PR), ed. 422, mar. 2018.

COOPAVEL. Cooperativa Agropecuária Cascavel Ltda. Disponível em: <http://www.coopavel.com.br/a-coopavel/>. Acesso em 19 jul. 2018.

CORAZZA, M; CRUZ, Luiz C. da. **500 haitianos estão desempregados em Cascavel.** Central Gazeta de Notícias, Cascavel-PR, 12 jun. 2015. Disponível em: <https://cgn.inf.br/noticia/139725/500-haitianos-estao-desempregados-em-cascavel>. Acesso em: 19 jul. 2018.

_____. **Imigrantes perdem o interesse por Cascavel.** Central Gazeta de Notícias, Cascavel-PR, 02 set. 2015. Disponível em: <https://cgn.inf.br/noticia/148288/imigrantes-perdem-interesse-por-cascavel> Acesso em: 09 jul. 2018.

COSTA, Emily. **Juiz manda suspender entrada de venezuelanos no brasil pela fronteira de RR.** G1 Globo. 6 ago. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/08/06/juiz-de-roraima-manda-suspender-entrada-de-venezuelanos-no-brasil.ghtml>. Acesso: em 11 ago. 2018.

COSTA, Pe. Gelmino A. **Haitianos em Manaus: dois anos de imigração – e agora!** Travessia – Revista do Migrante, São Paulo, n. 70, 2012. p. 91-99.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios.** Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais). Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho / RO, 2014.

COTINGUIBA, Geraldo Castro; PIMENTEL, Marília Lima. **Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho.** Travessia – Revista do Migrante, São Paulo, ano 25, n. 70, p. 99-106, jan./jun. 2012.

_____. **Wout, raketè, fwontyè, ampil, mizè: reflexões sobre os limites da alteridade em relação à imigração haitiana para o Brasil.** Universitas Relações Internacionais, Brasília, v.12, n1. P. 73-86, jan/jun 2014.

COTINGUIBA, Marília L. P. **O dramático vai vem dos haitianos.** Jornal da Unicamp. 16 ago. 2017. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/noticias/2017/08/16/o-dramatico-vai-e-vem-dos-haitianos>. Acesso em: 06 ago. 2018.

COUTO, Kátia. Do caribe para a Amazônia: a migração fomentando a conexão entre duas regiões. In. SILVA, Sidney A. ASSIS, Glaucia O. **Em busca do Eldorado: O Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais.** Manaus: EDUA, 2016.

CRISTINA, Aline; BIANCO, Alini. **Haiti Universal: agora eles estão sintonizados.** Central Gazeta de Notícias, Cascavel-PR, 22 jun. 2014. Disponível em: <https://cgn.inf.br/noticia/95627/haiti-universal-agora-eles-estao-sintonizados>. Acesso em: 1 jan. 2018.

CRISTINA, Aline; LUZ, Bruna. B. da. **Sem intérpretes, escolas contam com dedicação de alunos haitianos.** Central Gazeta de Notícias, Cascavel-PR, 13 nov. 2014. Disponível em: <https://cgn.inf.br/noticia/113034/sem-intaerpretes-escolas-contam-com-dedicaaaaao-de-alunos-haitianos>. Acesso em; 01 jan. 2018.

DANTAS, Sylvia D. Culturas em Xeque e o Desafio Psicológico de Ser entre Dois Mundos: biculturalismo entre Brasil e Japão. In. FERREIRA, Ademir Pacelli.

VAINER, Carlos. NETO Helion Póvoa. SANTOS, Miriam de Oliveira. (Orgs). 2010. **A Experiência Migrante: entre deslocamentos e reconstruções**. Rio de Janeiro: Garamond.

DUTRA, Cristiane Feldmann. **Além do Haiti: uma análise da imigração haitiana para o Brasil**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

DUTRA, Délia; ALMEIDA, Sandro; TONHATI, Tânia; PALERMO, Gabrielle. **Os estrangeiros no mercado de trabalho formal brasileiro: Perfil geral na série 2011, 2012 e 2013**. In: Cadernos OBMigra - Revista Migrações Internacionais, 2015.

EBERHARDT, Leonardo D. **Haitianos em Cascavel, Paraná: história, trabalho e saúde**. Dissertação de Mestrado. Fundação Oswaldo Cruz, 214 f. Rio de Janeiro: 2017.

ELIAS, Nobert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ESSED, P. **Understanding everyday racism**. Londres: Sage, 1991.

FAGUNDEZ, Ingrid. **Desemprego no Brasil faz imigrantes voltarem aos seus países**. Folha de São Paulo. 11 out. 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/10/1692697-desemprego-no-brasil-faz-imigrantes-regressarem-a-seus-paises.shtml?loggedpaywall#> = . Acesso em: 21 jul. 2018.

FARIA, Andressa V. **A diáspora haitiana para o brasil: o novo fluxo migratório (2010-2012)**. Dissertação Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. MG, 2012.

FARIA, Andressa V; FERNANDES, Duval. A diáspora haitiana no Brasil: Processo de entrada, características e perfil. In: **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

FATTON, Robert. **Haiti's Predatory Republic: the undending transition to democracy**. Londres: Lynne Rienner Publishers, 2002.

FELDMANN, Andreas E. El "Estado fantasma" de Haití. **Migraciones forzadas**. Estados de fragilidade. 2013.

FELLET, João. **Igrejas Evangélicas disputam imigrantes haitianos em Rondônia**. BBC. 3 jul. 2013. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130701_haitianos_rondonia_bg. Acesso em: 28 abr. 2018.

FERNANDES, Duval (coord.). **Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral**. Belo Horizonte: Ministério do Trabalho e Emprego; Organização Internacional para Migração; Puc-Minas, 2014.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1978.

FERNANDES, Jéssica. **Operação Haiti: ação humanitária ou interesse político para o Brasil?** Conjuntura internacional. nº 22. PUC Minas. 2010.

FERNANDES, Sarah. **Número de haitianos em São Paulo volta a crescer sem abrigos suficientes.** Rede Brasil Atual. 06 jan. 2016. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/02/numero-de-haitiano-vindos-do-acre-a-sao-paulo-volta-a-crescer-nao-ha-abrigos-suficientes-7485.html>. Acesso em: 19 jul. 2018.

FUKUDA, Nilton; GODOY, Marcelo; RODRIGUES, Artur. **Imigrantes latinos engrossam luta por moradia na cidade.** Estadão. 24 abril 2013. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,imigrantes-latinos-engrossam-luta-por-moradia-na-cidade,1024893>. Acesso em 01. jan. 2018.

GLOBO. **Brasil deixa de ser um dos principais destinos do imigrantes haitianos.** G1 Globo. 15 out. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/10/brasil-deixa-de-ser-um-dos-principais-destinos-dos-imigrantes-haitianos.html>. Acesso em 30 jul. 2018.

GLOBO. **Canadá instala tendas para refugiados haitianos vindos dos EUA na fronteira.** G1 Globo. 9 ago. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/canada-instala-tendas-para-refugiados-haitianos-vindos-dos-eua-na-fronteira.ghtml>. Acesso em: 08 ago. 2018.

GLOBO. **Governo dos EUA anuncia fim de status de proteção temporária para 50 mil imigrantes haitianos.** G1 Globo. 20 nov. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/governo-dos-eua-anuncia-fim-de-status-de-protecao-temporaria-para-50-mil-imigrantes-haitianos.ghtml>. Acesso em 08 ago. 2018.

GLOBO. **Haitiano é vítima de agressão no centro de Foz do Iguaçu no Paraná.** G1 Globo. 16 maio 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2016/05/haitiano-e-vitima-de-agressao-no-centro-de-foz-do-iguacu-no-parana.html>. Acesso em 2 jun. 2018.

GLOBO. **Haitiano que jogava tênis de mesa com chinelo é o 4º melhor atleta dos jogos escolares.** G1 Globo. 25 abr. 2018. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/videos/t/todos-os-videos/v/haitiano-que-jogava-tenis-de-mesa-com-chinelo-e-o-4-melhor-atletas-dos-jogos-escolares/6689498/>. Acesso em 01 ago. 2018.

GLOBO. **Haitianos refugiados que trabalham em Cascavel aprendem português.** G1 Globo. 3 abr. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2012/04/haitianos-refugiados-que-trabalham-em-cascavel-aprendem-o-portugues.html>. Acesso em: 2 jun. 2018.

GLOBO. **Imigrantes haitianos são vítimas de preconceito e xenofobia no Paraná.** G1 Globo. 11 out. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal->

hoje/noticia/2014/10/imigrantes-haitianos-sao-vitimas-de-preconceito-e-xenofobia-no-parana.html .Acesso em: 30 jul. 2018.

GLOBO. **Jovem haitiano que jogava tênis de mesa com chinelo hoje se destaca na modalidade.** G1 Globo. 24 abr. 2018. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/videos/t/todos-os-videos/v/jovem-haitiano-que-jogava-tenis-de-mesa-com-chinelo-hoje-se-destaca-na-modalidade/6686774/>. Acesso em 01 ago. 2018.

GLOBO. **Jovenel Moïse é confirmado como presidente do Haiti.** G1 Globo. 03 jan. 2017. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/jovenel-moise-e-confirmado-como-presidente-do-haiti.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2017.

GOMES, Marcela A. **Os impactos subjetivos dos fluxos migratórios: os haitianos em Florianópolis (SC).** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v29/1807-0310-psoc-29-e162484.pdf>. Acesso em 12 abr. 2017.

GRIGOLI, Romulo. **Cadeiras ocupadas por haitianos.** O Paraná. 19 fev. 2018. Disponível em: <https://www.oparana.com.br/noticia/caadeiras-ocupadas-por-haitianos>. Acesso em: 01 jan. 2018.

GROLLI, Dilvo. Cooperativa Agropecuária Cascavel Ltda. **Coopavel fatura R\$ 2,12 bilhões e apresenta resultados em Assembleia.** Revista Coopavel, Cascavel (PR), ed. 413, mar. 2017.

GORCZEVSKI, Clóvis. **Direitos Humanos Educação e Cidadania. Direitos sociais e políticas públicas: desafios contemporâneos.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

GORENDER, J. **O épico e o trágico na história do Haiti.** Estudos Avançados. P. 295-302, 2004.

GRONDIN, Marcelo. **Haiti: Cultura, poder e desenvolvimento.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUIMARÃES, M. B. L. Feminização da pobreza e religiosidade. In: VALLA, V. V.; STOTZ, E. N.; ALGEBAILLE, E. B. (Orgs.). **Para compreender a pobreza no Brasil.** Rio de Janeiro: Contraponto; ENSP/Fiocruz, 2005.

HANDERSON, Joseph. **Dólar alto, crise econômica e xenofobia afetam diáspora haitiana no Brasil, afirma pesquisador.** Migra Mundo. 22 fev. 2016. Disponível em: <http://migramundo.com/dolar-alto-crise-economica-e-xenofobia-afetam-diaspora-haitiana-no-brasil-afirma-pesquisador/>. Acesso em: 30 jul. 2018.

HECK, F. M. **Uma geografia da degradação do trabalho: o adoecimento dos trabalhadores em frigoríficos.** Rev. Percurso, Maringá, PR, v. 5, n. 1, p. 03-31, 2013.

JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros: Toussaint L' Ouverture e a revolução de São Domingos.** São Paulo: Boitempo, 2010.

JOHN, Franciele. **Após suspeita de ebola, haitianos enfrentam preconceito em Cascavel.** HUFFPOST. 14 out. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2014/10/apos-suspeita-de-ebola-haitianos-enfrentam-preconceito-em-cascavel.html>. Acesso em 8 jun. 2018.

KON, Anita. **A distribuição do trabalho informal no Brasil em uma perspectiva de gênero.** Disponível em: [file:///C:/Users/JP/Downloads/A distribuição do trabalho informal no Brasil em u. pdf](file:///C:/Users/JP/Downloads/A%20distribuicao%20do%20trabalho%20informal%20no%20Brasil%20em%20u.pdf). Acesso em: 8 jun, 2018.

LAÍNY, Laís. **Encontro reunirá haitianos de Cascavel.** CGN/Notícias UOL, São Paulo, SP, 12 abr. 2014. Disponível em: <https://cgn.inf.br/noticia/87714/encontro-reunira-haitianos-de-cascavel>. Acesso em: 12 jun. 2017.

LIMA, M. E. O.; VALA, J. **As novas formas de expressão do preconceito e do racismo.** Estudos de Psicologia (UFRN), Natal, v. 9, n. 3, p. 401–411, 2004.

LIMA, Osnilda. **Igreja vai ao encontro dos imigrantes venezuelanos em missão no Norte do país.** Cáritas. 2 mar. 2018. Disponível em: <http://caritas.org.br/igreja-vai-ao-encontro-dos-imigrantes-venezuelanos-em-missao-no-norte-do-pais/38095>. Acesso em: 02 jun. 2018.

LOUIDOR, Wooldy Edson. Uma história paradoxal. In: SANTIAGO, Adriana (org.). **Haiti por si: a reconquista da independência roubada.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

MACIEL, Edgar. **Chegada de haitianos faz xenofobia crescer mais de 600% no Brasil, mas nem 1% dos casos chega a justiça.** Hoffpost. 20 jun. 2016. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2016/06/20/chegada-de-refugiados-faz-xenofobia-crescer-mais-de-600-no-bras_a_21688171/. Acesso em 8 jan. 2018.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; ROSANA BAENINGER, Rosana. Imigração haitiana no Brasil remessas para o Haiti. In: **Imigração Haitiana no Brasil.** Jundiaí, Paco Editorial: 2016.

MAMED, Letícia H. **A Morfologia da Imigração haitiana pelo Acre e o horizonte de inserção precarizada no Brasil.** RURIS, vol. 10, n. 1, mar. 2016.

MARANDOLA Jr., E. 2008. **Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano.** Belo Horizonte: Caderno de Geografia, v.18, n.29, p. 39-58.

MARTINS, José Renato Vieira; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; ARAÚJO, Danielle Michelle Moura de; ZOMICANI JUNIOR, James Humberto. **A diáspora haitiana: da utopia a realidade.** Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2014.

MASSEY, Douglas et al. The social organization of migration. In: **Return to Aztlan – the social process of international migration from Western Mexico**. Berkeley: University of California Press, p. 139-171, 199

MATIJASCIC, V. B. **Haiti: uma história de instabilidade política**. Cenário Internacional, São Paulo, 14 de jul. 2009.

_____. **Haiti: segurança ou desenvolvimento no início dos anos 1990**. Appris, Curitiba, 2014.

MATTOS, Alice Lopes; SARTURI, Cristina Arruda; BORGES, Leonardo Antunes. Políticas Públicas de Acolhida a Imigrantes: Discussões e Experiências. In: REDIN, Giuliana; MINCHOLA, Luís Augusto Bittencourt (Coords). **Imigrantes no Brasil: proteção dos direitos humanos e perspectivas político-jurídicas**. Curitiba: Juruá, 2015.

MEJÍA, Margarita R. G; CAZAROTTO, Rosmari T. **O Papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil**. Repocs, v.14, n.27, jan/jun. 2017.

MELLO, Michele de. **Crise econômica gera desemprego e dificuldades financeiras para imigrantes haitianos**. CEERT. 30 ago. 2017. Disponível em: <http://www.ceert.org.br/noticias/politica-no-mundo/18934/crise-economica-gera-desemprego-e-dificuldades-financeiras-para-imigrantes-haitianos>. Acesso em: 21 jul. 2018.

MELTON, J. Gordon; BAUMANN, Martin. **Religions of the World: A Comprehensive Encyclopedia of Beliefs and Practices**. Santa Barbara, CL: ABC-CLIO 2ª ed. 2010.

MEZZADRA, S. **Derecho de fuga: migraciones, ciudadanía y globalización**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2005.

MILLS, Sean. **Quebec, Haiti, and the Deportation Crisis of 1974**. The Canadian Historical Review, v.94, n.3, p. 405-435, 2013.

MONTEIRO, Luana. **Agente penitenciário ameaçou haitianos**. Central Gazeta de Notícias. Cascavel/PR. 28 fev. 2014. Disponível em: <https://cgn.inf.br/noticia/82979/agente-penitenciario-ameacou-haitianos>. Acesso em: 22 jan. 2018.

MORAES, Isaias Albertin de; ANDRADE, Carlos Alberto Alencar de; MATTOS, Beatriz Rodrigues Bessa. **A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios**. In: Revista Conjuntura Austral, Vol. 4, nº. 20, p. 95-114, 2013.

MORAES, Wellington de. **Entre fronteiras e descasos: Uma análise acerca dos entraves normativos à efetivação dos direitos fundamentais ao imigrante na Nova Lei de Migração**. 56f. Monografia (Graduação em Direito). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017.

MOULIN, Carolina, A política internacional da mobilidade: governamentalidade global e produção da diferença no discurso disciplinar contemporâneo. In: Sidney (org.) **Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais**. São Paulo: Hucitec; Manaus: Fapeam, 2012.

NICHOLLS, David. **From Dessalines to Duvalier: Race, Colour and National Independence in Haiti**. Nova Brunswick: Rutgers, 1996.

OBMIGRA. **Relatório Anual**. Disponível em: <http://obmigra.mte.gov.br/index.php/relatorio-anual>. Acesso em: 28 maio 2018.

OLIVEIRA, Márcia M. de; SILVA Elias O. da. A migração haitiana na Amazônia à luz dos estudos de gêneros. In. Silva ASSIS, Glaucia O.; SILVA, Sidney A. da. (org.) **In: Em busca do Eldorado no contexto da migrações nacionais e internacionais**. Manaus: EDUA, 2016.

PANJA, Tariq. **Estádio da Copa usa mão de obra de imigrantes haitianos**. Exame. 16 dez. 2013. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/copa-do-mundo-usa-imigrantes-haitianos-como-operarios/>. Acesso em: 19 jul. 2018.

PEIXOTO, João. **As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-sociológicas**. Lisboa: Socius Working Papers, 2004.

POCHMANN, Marcio. **Ajuste econômico e desemprego recente no Brasil metropolitano**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000300002. Acesso em 19 jul. 2018.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os fatos. Narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996.

_____. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral**. Projeto História, São Paulo, n. 15, 1997.

_____. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História, São Paulo, 1997.

PORTES, Alejandro e József BÖRÖCZ "Contemporary immigration: theoretical perspectives on its determinants and modes of incorporation", International Migration Review, Vol. 28, Nº 3, pp. 606-630, 1989.

REDIN, Giuliana. **Direito de imigrar: direitos humanos e espaço público**. Florianópolis: Conceito Editorial, 2013.

ROSA, Renata de Melo. **A construção da desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais**. In. Revista Universitas: Relações Internacionais v. 4, n. 2. Brasília, 2006.

ROSAS, Frederico. **Do Haiti a Curitiba 8.000 quilômetros em busca de trabalho. El País.** 01 fev. 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/01/politica/1391293275_172329.html. Acesso em: 19 jul. 2018.

SAMORA, Daniele Teresa. **Um recorte do discurso midiático sobre o processo de imigração Haitiana na Amazônia: uma análise das regularidades discursivas.** Dissertação de Mestrado do programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Fundação Universidade Federal de Rondônia-UNIR, 110 f. Porto Velho, 2015.

SANCHES, Mariana. **Imigrantes haitianos e africanos são explorados em carvoarias e frigoríficos.** O GLOBO. 17 ago. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/imigrantes-haitianos-africanos-sao-explorados-em-carvoarias-frigorificos-13633084>. Acesso em: 21 jul. 2018.

SANT'ANNA, Emílio; PRADO, Avenir. **Para fugir da crise, haitianos trocam o Brasil pelo Chile.** Folha de São Paulo. São Paulo, 08 mai. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/05/1768958-para-fugir-da-crise-haitianos-trocam-o-brasil-pelo-chile.shtml>. Acesso em: 30 jul. 2018.

SARRES, Carolina. **Governo do Acre fecha abrigo de haitianos em Basiléia.** EBC. Publicado em 09 de Abr. de 2014.

SASSEN, S. **Inmigrantes y ciudadanos: de las migraciones masivas a la Europa fortaleza.** Madrid: Siglo XXI, 2013.

_____. **Inmigrantes y ciudadanos: de las migraciones masivas a la Europa fortaleza.** Madrid: Siglo , 2014.

SAYAD, Abdelmalek. **O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante.** Travessia, v.13, N. Esp., p.7-32, jan. 2000.

SANTOS, Gislene A. **Universidade formação cidadania.** São Paulo: Cortez, 2001.

SCHREIBER, Mariana. **Haitianos graduados têm mais dificuldade para se empregar que outros imigrantes diz FGV.** BBC. 1 dez. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151130_haitianos_imigrantes_ms_rm. Acesso em: 19 jul. 2018.

SOARES, A. L.; SILVA, E. B. **A revolução do Haiti: um estudo de caso (1791-1804).** Ameríndia, 2006.

SOARES, Weber. Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional. In: **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v. 21, n. 1, jan/jun, 2004.

SILVA, Sidney A. da. Aqui começa o Brasil. Haitianos na Tríplice Fronteira e Manaus. In: (Org). **Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais.** Manaus: Fapeam, 2012

_____. **FRONTEIRA AMAZÔNICA: Passagem obrigatória para haitianos?** REMHU - Rev. Interdiscip. Mobil. Hum. Brasília, Ano XXIII, n. 44, p. 119-134, jan./jun. 2015.

SEITENFUS, Ricardo. **De Suez ao Haiti: a participação brasileira nas operações de paz.** In: **O Brasil e a ONU.** Brasília: FUNAG, 2008.

SILVEIRA, Jaqueline. **Haitiano vive com medo.** Rede Brasil Atual. 25 out. 2016. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2016/10/2018haitiano-vive-com-medo-aqui2019-relata-imigrante-em-audiencia-publica-de-porto-alegre-8696.html>. Acesso em: 30 jul. 2018.

SOUZA, A. D.; PEREIRA, F. G. Trabalhadores, imprensa e agroindústria no Oeste do Paraná: as contradições do processo de expansão da indústria de alimentos em Marechal Cândido Rondon. In: BOSI, A. P. (Org.). **Trabalho e trabalhadores no processo de industrialização recente no Oeste do Paraná (1970-2010): estudos sobre a cadeia avícola.** Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014.

STOTZ, E. N. Trabalhadores, direito à saúde e ordem social no Brasil. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 25-33, 2003a.

SUPERVAREJO, Revista. **Mão de obra haitiana.** Revista SuperVarejo. 19 out. 2015. Disponível em: <http://www.supervarejo.com.br/mao-de-obra-haitiana/>. Acesso em 12 jun. 2017.

TÉLÉMAQUE, Jenny. **Imigração Haitiana na Mídia Brasileira: entre fatos e representações.** Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2012. Monografia (Graduação bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda) – Escola de comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

THOMSON, Alistair. **Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração.** Revista Brasileira de História. São Paulo. V22, n° 4, p. 342-364, 2002

_____. **Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias.** Projeto História, São Paulo, n. 15, 1997.

TILLY, Charles – Transplanted Networks, in YANS-Mc LAUGHLIN (ed.), Virginia, **Immigration Reconsidered**, NY, Oxford, Oxford University Press, pg.79-95, 1990.

TURRA, C; VENTURI, G. **Racismo cordial: a mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil.** São Paulo: Ática, 1995.

UNESCO, Fórum Mundial sobre Educação de Dakar.

_____. Declaração Mundial sobre Educação para Todos.

USGS – United States Geological Survey, National Earthquake Information Center. Earthquakes Map. Version 4, 19 January 2010. Disponível em:

<http://earthquake.usgs.gov/earthquakes/recenteqsww/Quakes/us2010rja6.php>. Acesso em 12 abr. 2017.

VALLA, V. V. **Procurando compreender a fala das classes populares**. In: VALLA, V. V. (Org.). Saúde e Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

WROBLESKI, Stefano. **Fiscalização resgata haitianos escravizados em oficina de costura em São Paulo**. Repórter Brasil. 22 ago. 2014. Disponível em: <http://reporterbrasil.org.br/2014/08/fiscalizacao-resgata-haitianos-escravizados-em-oficina-de-costura-em-sao-paulo/>. Acesso em: 19 jul. 2018.

WRONSKI, Fábio. **Vídeo mostra haitianos sendo mal atendidos**. Central Gazeta de Notícias, Cascavel-PR. 9 jan. 2015. Disponível em: <https://cgn.inf.br/noticia/119208/video-mostra-haitianos-sendo-mal-atendidos>. Acesso em: 8 jun. 2018.

WRONSKI, Fábio; CRUZ, Luiz C. da. **Haitianos: Sem empregos, eles apelam à informalidade**. Central Gazeta de Notícias, Cascavel-PR. Disponível em: <https://cgn.inf.br/noticia/173419/haitianos-sem-empregos-eles-apelam-a-informalidade>. Acesso em: 19 jul. 2018.

ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre: Pallotti, 2004.

ANEXOS

Anexo 01: Roteiro de entrevista semiestruturada

- 1) Nome
- 2) Idade
- 3) Estado Civil
- 4) Filhos
- 5) Escolaridade
- 6) Região em que morava no Haiti?
- 7) Como era a vida no Haiti?
- 8) Qual era sua ocupação no Haiti?
- 9) Quais motivos para a migração?
- 10) Por que escolheu o Brasil como destino?
- 11) Já havia migrado para outro país antes do Brasil?
- 12) Quando migrou para o Brasil? Quais foram os trajetos e estratégias utilizados?
- 13) Por que escolheu a cidade de Cascavel/PR como residência?
- 14) Possui família no Haiti ou no Brasil? Mantém contato? Como? Faz remessas de dinheiro?
- 15) Recebeu alguma ajuda para a migração ou para a inserção no Brasil?
- 16) Onde vive em Cascavel/PR? Com quem? Qual valor do aluguel?
- 17) Quais locais frequenta?
- 18) Qual era ocupação no Haiti?
- 19) Trabalha atualmente? Onde? Qual função exerce? O salário é suficiente?
- 20) Trabalhou em outras ocupações laborais anteriormente? Quais?
- 21) Possui religião? Qual? Frequenta alguma instituição religiosa na cidade?
- 22) Quais as formas de manutenção de vínculos com o Haiti?
- 23) Quais foram as dificuldades enfrentadas?
- 24) Sofreu algum tipo de preconceito no Brasil?
- 25) Conhece a Associação de Haitianos? Conhece a Cáritas?
- 26) Quais são as expectativas em Cascavel/PR?
- 27) A migração para o Brasil foi vantajosa?

Anexo 02: Resolução Normativa 97 – CNIg

CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO RESOLUÇÃO NORMATIVA Nº 97, DE 12 DE JANEIRO DE 2012

Dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti.

O CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO, instituído pela Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980 e organizado pela Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, no uso das atribuições que lhe confere o Decreto nº 840, de 22 de junho de 1993, resolve:

Art. 1º Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro. Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010.

Art. 2º O visto disciplinado por esta Resolução Normativa tem caráter especial e será concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da Embaixada do Brasil em Porto Príncipe. Parágrafo único. Poderão ser concedidos até 1.200 (mil e duzentos) vistos por ano, correspondendo a uma média de 100 (cem) concessões por mês, sem prejuízo das demais modalidades de vistos previstas nas disposições legais do País. Art.

3º Antes do término do prazo previsto no caput do art. 1º desta Resolução Normativa, o nacional do Haiti deverá comprovar sua situação laboral para fins da convalidação da permanência no Brasil e expedição de nova Cédula de Identidade de Estrangeiro, conforme legislação em vigor.

Art. 4º Esta Resolução Normativa vigorará pelo prazo de 2 (dois) anos, podendo ser prorrogado.

Art. 5º Esta Resolução Normativa entra em vigor na data de sua publicação.

PAULO SÉRGIO DE ALMEIDA
Presidente do Conselho Nacional de Imigração

Anexo 03: Resolução Normativa 102 – CNIg

RESOLUÇÃO NORMATIVA Nº 102, DE 26 DE ABRIL DE 2013.
Altera o art. 2º da Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012.

O CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO, instituído pela Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980 e organizado pela Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, no uso das atribuições que lhe confere o Decreto nº 840, de 22 de junho de 1993, resolve:

Art. 1º. O caput do art. 2º da Resolução Normativa nº. 97, de 12 de janeiro de 2012, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 2º. O visto disciplinado por esta Resolução Normativa tem caráter especial e será concedido pelo Ministério das Relações Exteriores.

Art. 2º. Fica revogado o parágrafo único do art. 2º da Resolução Normativa nº. 97, de 2012.

Art. 3º. Esta Resolução Normativa entra em vigor na data de sua publicação.

PAULO SÉRGIO DE ALMEIDA
Presidente do Conselho Nacional de Imigração

Anexo 04: Resolução Normativa 103 – CNIg

Resolução Normativa CNIg Nº 117 DE 12/08/2015

Publicado no DOU em 17 agosto de 2015

Prorroga a vigência da Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012.

O Conselho Nacional de Imigração, instituído pela Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980 e organizado pela Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, no uso das atribuições que lhe confere o Decreto nº 840, de 22 de junho de 1993, Resolve:

Art. 1º Fica prorrogada, até 30 de outubro de 2016, a vigência da Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012.

Art. 2º Esta Resolução Normativa entra em vigor na data de sua publicação.

PAULO SÉRGIO DE ALMEIDA

Presidente do Conselho Nacional de Imigração

